



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
FACULDADE DE LETRAS**

**ADNA DE ALMEIDA LOPES**

**MEMORIAL ACADÊMICO:  
percursos de uma professora-formadora**

**Maceió-AL  
outubro de 2021**

**ADNA DE ALMEIDA LOPES**

**MEMORIAL ACADÊMICO:  
percursos de uma professora-formadora**

Memorial acadêmico apresentado à Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas como exigência parcial para acesso à Classe E - Professor Titular.

**Maceió-AL  
outubro de 2021**

**Catálogo na Fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

L864m Lopes, Adna de Almeida.

Memorial acadêmico : percursos de uma professora-formadora / Adna de Almeida Lopes. – Maceió : Universidade Federal de Alagoas, 2021.  
92 f. : il.

Memorial (Concurso para Professor Titular Classe E) – Universidade Alagoas. Faculdade de Letras, Maceió, 2021.

1. Lopes, Adna de Almeida – Memorial acadêmico. 2. Magistério. 3. Ensino superior. 4. Língua portuguesa. I. Universidade Federal de Alagoas. II. Título.

CDU: 378.124.2:8



Aos vinte e nove dias do mês de outubro de 2021, às 15 horas, reuniram-se, na sala virtual <https://meet.google.com/ctr-qkhh-qbq>, a Professora Dra. Adna de Almeida Lopes e a Comissão Especial julgadora, nomeada pela Portaria nº 28, de 20 de agosto de 2021, para avaliar a Promoção para a Classe E da referida docente. A professora apresentou, em sessão pública, com gravação de áudio, o Memorial dela em 50 minutos, obedecendo o disposto no Artigo 16 da Resolução Nº78/2014-CONSUNI/UFAL. Após a apresentação da docente, os membros da Comissão Especial Julgadora deram início aos questionamentos. Inicialmente, a docente foi arguida pelos membros externos: a Professora Dra. Maria Hozanete Alves de Lima foi a primeira a fazer uso da palavra, sendo seguida pela Professora Dra. Maria Irandé Moraes Antunes e pelo Professor Dr. Antônio Cícero de Araújo, respectivamente. O presidente da Comissão, Professor Dr. Aldir Santos de Paula, foi o último membro a fazer uso da palavra. Foram observados, rigorosamente, os tempos destinados à exposição oral, perguntas e respostas, sendo essa etapa concluída às dezessete horas e vinte e seis minutos. A seguir, às dezessete horas e trinta minutos, a Comissão Especial Julgadora reuniu-se para realizar o julgamento da avaliação do desempenho, com base na análise das informações constantes do Relatório Individual do Docente, devidamente lastreado em documentos comprobatórios. Essa avaliação foi finalizada às dezessete horas e quarenta e cinco minutos, ocasião em que foi elaborado o Relatório Final de Avaliação. Considerando a avaliação acima, a comissão considerou a docente **APTA** à promoção para a Classe E, por satisfazer todos os critérios descritos na Resolução Nº 25/CEPE, de 20 de outubro de 2014, cada membro, considerando as atividades de acordo com o Capítulo VI, Seção II, Art. 19 na RESOLUÇÃO Nº. 78/2014, baseada nos seguintes critérios: I – Domínio da fundamentação teórica que tenha dado sustentação ao trabalho; II – Ineditismo, mérito, e originalidade da abordagem; III – Contribuição ao desenvolvimento científico da área de conhecimento e IV – Adequação da exposição do conteúdo ao tempo máximo de 60 (sessenta) minutos. As notas atribuídas respectivamente pela Comissão Especial Avaliadora ao candidato foram: da Professora Dra. Maria Irandé Moraes Antunes – 10,0 (Dez inteiros); Professora Dra. Maria Hozanete Alves de Lima – 10,0 (Dez inteiros), Professor Dr. Antonio Cícero de Araújo – 10,0 (Dez inteiros) e do Professor Dr. Aldir Santos de Paula – 10,0 (Dez inteiros). Desta forma, a Professora Dra. **ADNA DE ALMEIDA LOPES** obteve como média a nota final 10,0 (Dez inteiros) e, portanto, pela avaliação desta Comissão Especial, a Professora é considerada **APROVADA**. Eu, professor Dr. Aldir Santos de Paula, Presidente desta Comissão Especial, lavrei a presente Ata que vai assinada por mim e pelos demais membros da Comissão Especial Avaliadora. A comissão atribuiu a média aritmética 10,0 (Dez inteiros) à defesa.

A (Pereira)

Antônio Leão de Araújo

Maria Rozanete Alves de Lima

Maria Grandé Costa Morais Antunes

**MEMORIAL ACADÊMICO:  
percursos de uma professora-formadora**

**ADNA DE ALMEIDA LOPES**

**COMISSÃO ESPECIAL<sup>1</sup>**

**Titulares**

Prof. Dr. Aldir Santos de Paula - Presidente  
Universidade Federal de Alagoas - UFAL

Profa. Dra. Maria Irandé Moraes Antunes  
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Profa. Dra. Maria Francisca de Oliveira Santos  
Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL

Profa. Dra. Maria Hozanete Alves de Lima  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

**Suplentes:**

Profa. Dra. Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante  
Universidade Federal de Alagoas - UFAL

Prof. Dr. Antônio Cícero de Araújo  
Instituto Federal de Alagoas - IFAL

---

<sup>1</sup> A Minuta da Reunião do Conselho da Fale para aprovação do Relatório de Progressão consta no ANEXO I deste Memorial Acadêmico; e a Portaria nº 28 de designação da Comissão Especial de Avaliação do Memorial Acadêmico consta no ANEXO II.

## **IDENTIFICAÇÃO**

**Adna de Almeida Lopes**, brasileira, viúva.

Data de nascimento: 11 de outubro de 1952.

CPF: 060923654-72

RG: 188928 (SEDS/AL)

SIAPE: 3284162

Endereço Profissional:

Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas - Campus A. C. Simões

Av. Lourival Melo Mota, S/N, Tabuleiro do Martins Maceió - AL, Cep: 57072-970

E-mail para contato: [adnalopes166@gmail.com](mailto:adnalopes166@gmail.com)

Link para o Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4061859895008214>

Nome em citações bibliográficas: LOPES, A. A.

Ingresso na UFAL: 22 de dezembro de 2003

Cargo Atual: Professor Associado IV

*In memoriam* dos mais de 607 mil mortos na pandemia do Coronavírus, no Brasil, em 2020-2021.

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	08
1. FORMAÇÃO ACADÊMICO-PROFISSIONAL: <i>A história sem fim</i> .....	15
1.1 Graduação: 1988-1991.....	17
1.2 Pós-Graduação: .....	21
1.2.1 Especialização: 1991-1992.....	22
1.2.2 Mestrado: 1993-1996.....	23
1.2.3 Doutorado: 2001-2005.....	26
2. DOCÊNCIA EM GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO: <i>Ao mestre com carinho</i> .....	38
2.1 Graduação: .....	40
2.1.1 Professor Substituto: 1999 - 2003.....	40
2.1.2 Professor Efetivo/Concursado: 2003-2021.....	42
2.2 Pós-Graduação: .....	51
2.2.1 Programa de Pós-graduação em Educação - PPGE: 2006-2015.....	51
2.2.2 Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS: 2015-2021.....	55
3. PESQUISA: <i>Narradores de Javé</i> .....	62
3.1 O Programa de Educação Tutorial - PET.....	62
3.2 O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC.....	64
3.3 O Projeto Ensino, Texto & Criação/CNPq - ET&C.....	65
4. EXTENSÃO: <i>Atravessa a vida</i> .....	68
4.1 O Projeto Caminhos da Poesia.....	68
4.2 O Curso Língua Portuguesa na Sala de Aula.....	69
4.3 O Projeto Novos Talentos .....	69
4.4 O Programa de Apoio às Escolas Públicas do Estado - PAESPE.....	69
4.5 O Projeto Casa de Cultura no Campus - CCC.....	70
4.6 A Olimpíada de Língua Portuguesa - OLP.....	70
4.7 O Programa de Residência Pedagógica - PRP.....	73

5- ATIVIDADES INSTITUCIONAIS: <i>Madadayo</i> .....	78
5.1 Coordenações.....	79
5.2 Comissões.....	79
5.3 Associações.....	80
5.4 Conselhos Editoriais.....	80
5.5 Menções Honrosas.....	80
OS NOVOS DESAFIOS: <i>A voz do coração</i> .....	83
REFERÊNCIAS.....	85
ANEXOS.....	89

# APRESENTAÇÃO

*As pessoas são tão diferentes. Aprecio muito que o sejam. Fico a pensar se me acharão diferente. Adoraria que achassem. Ser tudo igual é característica de azulejo na parede e, mesmo assim, há quem misture.*  
(Valter Hugo Mãe. *O paraíso são os outros*. 2018).



Quando Aurélio Xavier veio me procurar no final da aula para entregar este desenho, perguntei-lhe, rindo, se prestava atenção ou desenhava! Ele era um aluno calmo, atento e muito talentoso. Gostei tanto da caricatura que guardo há 15 anos!

Estava orgulhosa de ter chegado até ali! A quantidade de alunos (cerca de 60) na sala não me angustiava (só na hora de corrigir as avaliações, quase sempre dissertativas!). Gostava de vê-los aprendendo! O sistema ainda não era semestral, passávamos o ano todo com eles naquela disciplina. Por isso tantos vínculos! Gostava da atenção, da admiração (sempre quis ser uma referência) e do carinho! Sabia que tinha uma estrada longa a percorrer...

*Aos meus alunos da graduação de todos os tempos...do passado... e dos que ainda virão...*

a) De onde eu venho...

Eu venho lá do agreste! Nasci na cidade de Palmeira dos Índios, Estado de Alagoas, num sábado, às 11:30 da manhã do dia 11 de outubro de 1952. Sou a mais velha dos oito filhos da professora Nila Tavares de Almeida e do pastor José Esperidião de Almeida, assim nomeados: Adna - Aldina - Márcia - Magna - Nilinha - Marcos - Débora - Adiel.

Tenho ainda hoje relatos do meu primeiro ano de vida, no "Álbum do Bebê". Não sei quantas vezes já o folheei, observando fotos, mechas de cabelo e registro dos principais momentos! Mas nenhum desses enunciados me marcou mais do que o da página "Brinquedos prediletos do bebê", seguido da resposta de minha mãe, em sua linda letra manuscrita com caneta-tinteiro:

*Seu maior interesse é por livros, apesar de gostar também de bonecos.*

*Sic erat scriptum*, assim estava escrito! Mas é que os livros estavam sempre por toda a parte, em nossa casa! Não poderia ser de outra maneira.

Passamos por Viçosa e Penedo, até chegar em Colônia de Leopoldina, onde perdemos o meu pai, em 1963, então com 10 anos. Com mamãe viúva e com oito filhos para cuidar, viemos morar vizinhos à Tia Nely, em Rio Largo, nas proximidades de Maceió. Lá, entrei pela primeira vez em uma escola formal, já no 4º ano primário. Havia sido alfabetizada aos seis anos por uma professora particular. Fiz o "vestibular" de admissão ao ginásio (1964) no concorrido Ginásio Municipal Judith Paiva, admirado pela beleza de sua estrutura de colunas gregas. Todas cursamos o Pedagógico e o curso de Contabilidade (eram as opções) na Escola Cenecista do lugar. Com todas as filhas formadas, mamãe abriu um Jardim Infantil, lugar das nossas primeiras vivências como professoras. As professorandas 70 (como a turma cenecista é chamada) ainda hoje nos encontramos em momentos de muita conversa alegre marcada pela saudade.

Casei com Robson Lopes, filho da professora Ester Lopes, no ano de 1979. Vivi com ele, até 2018 (quando faleceu), os 39 anos mais intensos de minha vida: a alegria da chegada dos filhos, a parceria no educar e cuidar, e o apoio irrestrito aos meus desejos e sonhos! À minha filha Agnes e aos meus filhos Adson, Alex, Adams, Blim e Dom, Robson ensinou a respeitar meus momentos de leitura e pesquisa. Tenho ainda hoje o apoio de todos aos meus projetos pessoais e profissionais. Tudo isso parece ter sido

repassado às minhas noras: Djaína, Tayara, Marina, Náíade e Adèle; às minhas netinhas Maria Ester, Alice Maria e Tayná e aos meus netinhos Bernardo, João e Luca. Uma pequena grande família distribuída em três cidades e países: Maceió (Brasil), Christchurch (Nova Zelândia) e Tolouse (França).

*Somos o lugar onde nos fizemos, as pessoas com quem convivemos. Somos a história de que participamos. A memória coletiva que carregamos.*  
(Miguel Arroyo)

b) Quem sou eu...e o que faço...

Apaixonada por leitura e escrita, ainda hoje leio/vejo tudo que me cai nas mãos ou na tela à minha frente: de um haikai, a um vídeo-minuto, um tutorial, um e-book, um tratado científico a um acervo digital. Procuo me situar, selecionar e aprofundar as toneladas de informações que se recebe no mundo de hoje.

Iniciei cedo (com 16 anos já fazia reforço com crianças da vizinhança) a profissão de professora, que abraço com garra e busca constante de aperfeiçoamento. Aos dezessete anos já fazia parte do corpo de professores da rede municipal de Rio Largo-AL, cidade onde exerci também as funções de Secretária Municipal de Administração e Conselheira Municipal da Criança e do Adolescente. Aprovada em concurso para a Rede Estadual de Ensino, fui professora multidisciplinar (séries iniciais) no Grupo Escolar Francisco Leão e, já depois, no ensino médio do hoje Colégio Municipal Judith Paiva. Pelas habilidades em procedimentos didático-pedagógicos, fui convidada a compor o grupo de formação de professores da 12ª Coordenadoria Regional de Ensino, com sede naquela cidade, ministrando seminários e cursos de formação em todos os municípios da região. A minha atuação na Rede Estadual destaca-se à época pela integração na equipe do Vídeo Escola, coordenada pela professora Aurelina Palmeira. Mais adiante, já em 2000-2002, atuei como docente no curso de Fonoaudiologia Universidade de Ciências da Saúde de Alagoas-Uncisal, ministrando a disciplina Linguística.

Essa atuação como formadora se potencializa com o meu ingresso (em 1987) no Curso de Letras (Português/Literatura) da Universidade Federal de Alagoas, pelos estudos e pesquisas na Iniciação Científica do Programa Especial de Treinamento-PET<sup>2</sup>, apoiado pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de Alagoas-FAPEAL e

---

<sup>2</sup> Atualmente: Programa de Educação Tutorial-PET.

coordenado pela saudosa e querida professora/orientadora Maria Denilda Moura. As pesquisas na Ufal avançaram com a Especialização, o Mestrado e o Doutorado no Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, momento em que ingresso, num primeiro momento como professora Substituta e, depois (em 2003), por concurso, como professora de Língua Portuguesa da Faculdade de Letras/Fale/Ufal, onde atuo até hoje com atividades direcionadas ao ensino, pesquisa e extensão. Nesse período, ministrei diferentes disciplinas da área, em vários cursos do campus. No entanto, o trajeto foi sedimentado pela atuação na formação inicial de professores com o trabalho em 48 turmas (até agora) na disciplina "Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa 1". Meu tempo de Ufal, portanto, como aluna, pesquisadora e docente totalizam 34 anos!

Pela orientação no desenvolvimento de pesquisas, recebi o prêmio de Excelência Acadêmica no Congresso Acadêmico da Ufal, nos anos de 2008, 2009 e 2010. A minha produção científica e técnica, registrada do Lattes, inclui livros, capítulos, artigos, e material didático-pedagógico como manuais, entrevistas e videoaulas, nas áreas de Ensino de Língua e Aquisição da Linguagem, com trabalhos e pesquisas apresentados em Seminários, Congressos e Simpósios.

Como docente Ufal, integrei equipes para colaboração com o Ministério da Educação em diferentes momentos de minha carreira, como para a construção e discussão dos Parâmetros Curriculares-PCN, do Programa de Formação de Professores Alfabetizadores-Profra, do Pró-Letramento, entre outros. Atualmente, participo das ações institucionais do Programa de Residência Pedagógica-RP e da Rede de Ancoragem para a Formação de Professores de Língua Portuguesa da Olimpíada de Língua Portuguesa-OLP.

Os projetos de extensão sempre foram direcionados às Redes de Ensino, entre eles estão: “Língua Portuguesa na sala de aula”, “Apoio às Escolas Públicas do Estado”, “Novos Talentos da Rede de Educação Pública”, Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica-PIBIC.

As questões do ensino de língua sempre me preocuparam e me moveram ainda mais com a atuação no Programa de Pós-graduação em Educação-PPGE/CEDU, integrando a linha de pesquisa Educação e Linguagem e o Projeto de Pesquisa “Escritura na sala de aula: propostas, práticas, processos e produtos” apoiado pela CAPES. Neste programa, exerci também as funções de vice-coordenadora.

Atualmente faço parte do colegiado do Programa Nacional de Mestrado Profissional em Letras-Profletras/FALE, como docente orientadora de professores

egressos do Curso de Letras. Nesses últimos dois anos, vivenciei com muito orgulho as funções de Coordenadora do Programa aqui na UFAL.

Enfim, nesse meu percurso aqui na Ufal, da graduação (1987) ao exercício da docência (2003) e ao doutorado (2006), estão imbricadas as ações de graduanda-formadora, pesquisadora-formadora e professora-formadora. Esse cenário de salas de aula nas Redes e na Universidade potencializaram o que se tem chamado relação teoria/prática ou de transposição didática. As discussões teóricas na academia e as escutas e discussões nos encontros com professores foram determinantes para o direcionamento das minhas ações acadêmicas de ensino, pesquisa e extensão.

*Mas, o que poderia a memória fornecer? Ela é feita de clarões e fragmentos particulares. Um detalhe, muitos detalhes, eis o que são as lembranças. Cada uma delas, quando se destaca, é tecida de sombra, é relativa a um conjunto que lhe falta. Brilha como metonímia em relação a esse todo.*

(Michel de Certeau)

#### c) O cinema alinhava as partes deste memorial

Obras de arte me encantam, sempre! Poemas, romances, sons, imagens! E em diferentes linguagens, chamadas agora de contemporâneas ou multimodais<sup>3</sup>, sejam as verbais (oral, escrita) as imagéticas (estática, em movimento) ou as sonoras (da música, da fala). Com todas elas tenho contato desde a infância, menos a do cinema.

Primeira vez que entrei em um cinema foi aos 20 anos! Antes disso, éramos (eu e minhas cinco irmãs adolescentes) impedidas de frequentar o único cinema da cidade, pelos excessivos cuidados de minha mãe, que tinha lá os seus motivos morais e religiosos. Mas eu ouvia atentamente os enredos contados especialmente para mim pelas colegas do ginásio! Essa "falta" me encantava de um modo especial, de um desejo pela representação, pela interpretação de narrativas muitas vezes já conhecidas pela leitura. Não foi à toa que mergulhei com tanta avidez nos catálogos de resenhas do Vídeo Escola e do PROFA! E, depois, reproduzi as fitas VHS para conhecer todo o acervo<sup>4</sup> dos

---

<sup>3</sup> BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC/SEF, 2017.

<sup>4</sup> Quero destacar, dos acervos do Vídeo Escola e do Profa, pelas mudanças que provocaram no meu olhar sobre o mundo, as seguintes produções: ILHA das Flores. Direção: Jorge Furtado. Brasil, 1989; A VIDA é bela. Direção: Roberto Benigni. Itália, 1997; NELL. Direção: Michael Apted. USA, 1994; NENHUM a menos. Direção: Zhang Yimou. China, 1999; O CARTEIRO e o poeta. Direção: Michael Radford. Itália/França, 1994; SOCIEDADE dos poetas mortos. Direção: Peter Weir. USA, 1989.

programas! Vi, aí, as diferentes possibilidades de discussão em sala de aula e em momentos de formação de professores.

Obras de arte que me cativam: as cinematográficas! Para um cinéfilo, fica difícil escolher uma obra que não tenha marcado potentemente a sua formação! No entanto, direi aqui de observações que tenho feito desde 2002 de filmes que têm o professor como protagonista, seja ficção ou documentário. Esse olhar me foi indicado em conversas com o estimado professor Valdir Heitor Barzotto, da Faculdade de Educação da USP, nos eventos de Pesquisa na Graduação em Letras<sup>5</sup> dos quais participei ministrando minicursos. Ele sugeriu um documentário brasileiro para provocar uma discussão em sala sobre a cientificidade na pesquisa: **Narradores de Javé**<sup>6</sup>. Sugeri também que eu fizesse uma coleta de filmes sobre o professor e seus papéis. Atualizo, ainda hoje, essa relação com cerca de 120 filmes.

A partir dessas indicações, procurei observar o perfil ou o papel social do professor nas obras que tratam de temas relacionados ao trinômio escola/professor/aluno. À época, faltava-me um fundamento, uma linha de observação mais acurada. Então, quando li, por indicação do orientador e amigo Prof. Eduardo Calil, uma publicação do filósofo francês Danny-Robert Dufour (2005), intitulada: “*A arte de reduzir as cabeças: Sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal*” encontrei um viés para reflexão e refutação. Entre outros pontos, o autor fala sobre o sistema escolar na nova ordem mundial, afirmando que “a transmissão geracional do bem humano mais precioso dentre todos, o discurso,” pode estar em declínio. E que o neoliberalismo se constitui em uma “fábrica de indivíduos desprovidos da função crítica e passíveis de uma identidade inconstante e hesitante”. E ainda que: “Não se consegue penetrar no discurso que, na escola, permite a uma pessoa (o professor) propor questões baseadas na razão e à outra pessoa (o aluno) discuti-las da forma que lhe aprouver”. Procurei, então, observar nos filmes uma aproximação ou distanciamento do papel de “transmissor geracional”. Observei que, em filmes mais tradicionais, como: **Ao mestre com carinho**<sup>7</sup> (Inglaterra), **A voz do coração**<sup>8</sup> (França), **O clube do imperador**<sup>9</sup> (USA), e **Madadayo**<sup>10</sup> (Japão), o

---

<sup>5</sup> Os eventos e a publicação *Cadernos de Pesquisa na Graduação em Letras* fazem parte das ações da ANPGL - Associação Nacional de Pesquisa na Graduação em Letras, presidida pelo Professor Valdir Barzotto.

<sup>6</sup> NARRADORES de Javé. Direção: Eliane Caffé. Brasil/França, RioFilme, 2003.

<sup>7</sup> AO MESTRE com Carinho. Direção: James Clavell. Inglaterra, 1967.

<sup>8</sup> A VOZ do Coração. Direção: Christophe Barratier. França, Canal +, 2004.

<sup>9</sup> O CLUBE do Imperador. Direção: Michael Hoffman. EUA, 2002.

<sup>10</sup> MADADAYO. Direção: Akira Kurosawa. Japão, 1994.

professor figura como “legítimo representante” dessa transmissão para a condução de uma função crítica. Em produções brasileiras, como: **Central do Brasil**<sup>11</sup>, **Verônica**<sup>12</sup>, **Pro dia nascer feliz**<sup>13</sup>, a diferença da visão tradicional é marcada pelo deslocamento do contexto escolar: o professor não é mais aquele que "recupera" a história, a cultura e o saber, mas um ‘salvador’ em uma situação cotidiana (de conflito, de violência). Ele assume outros papéis sociais, tendo em vista a ‘falência’ de instituições transmissoras dos bens culturais.

Acrescentaria às discussões provocadas por Dufour (2005) um outro viés: no primeiro caso, o dos filmes mais tradicionais, perpassa a concepção de um professor transmissor de um tipo de conhecimento/informação que talvez não leve em conta toda a cultura já vivida pelos alunos e pela comunidade. No outro bloco, o professor não é o único a saber e tem como primeiro papel o conhecimento prévio dos saberes da turma pela discussão de suas experiências de vida (FREIRE, 1987, 1996), saindo do "como se ensina" para o "como se aprende" (FERREIRO, 2003). Mas não deixo de concordar com ele quando afirma que a escola "é um local de passagem ainda considerado socialmente importante e necessário”.

O cinema me encanta, alimenta o meu conhecimento e a minha alma! É por isso que ele está aqui alinhavando meu Memorial!

*Nossa própria existência não pode ser separada do modo pelo qual podemos nos dar conta de nós mesmos. É contando nossas próprias histórias que damos, a nós mesmos, uma identidade. Reconhecemos, a nós mesmos, nas histórias que contamos sobre nós mesmos. E é pequena a diferença se essas histórias são verdadeiras ou falsas – tanto a ficção como a história verificável, nos proveem de uma identidade. Paul Ricoeur (1994).*

---

<sup>11</sup> CENTRAL do Brasil. Direção: Walter Salles. Brasil, RioFilme, 1998.

<sup>12</sup> VERÔNICA. Direção: Maurício Farias. Brasil, 2009.

<sup>13</sup> PRO DIA Nascer Feliz. Direção: João Jardim. Brasil, Copacabana Filmes, 2006.

# 1. FORMAÇÃO ACADÊMICO-PROFISSIONAL



**A história sem fim**<sup>14</sup> - Um dia, após se livrar de alguns garotos que insistem em atormentá-lo, ele entra em uma livraria. Lá o proprietário mostra um antigo livro, chamado *A História Sem Fim*, o qual classifica como perigoso. O alerta atiça a curiosidade de Bastian, que pega o livro emprestado sem ser percebido. A leitura o transporta para o mundo de Fantasia, um lugar que espera desesperadamente a chegada de um herói.<sup>15</sup>

Duvido que se consiga construir um memorial com um texto estritamente acadêmico! Esses dois termos (memorial/acadêmico) podem parecer antagônicos, mas não se faz um sem o outro: se "acadêmico" sugere o lado técnico, "memorial" arrasta para o lado que não se pode desprender, porque os dois foram vivenciados paralelamente no espaço e no tempo. Pequenos fatos, *flashbacks* e episódios estarão ao longo deste Memorial, ora interligando as narrativas, ora completando as lacunas da minha trajetória acadêmica.

<sup>14</sup> A HISTÓRIA sem fim. Direção: Wolfgang Petersen. Alemanha Ocidental, Warner Bros, 1984.

<sup>15</sup> Fragmento da sinopse disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-27570/>

A narrativa a seguir é um exemplo disso. Ela responde à questão: *Como você aprendeu a estudar?*<sup>16</sup>

Observadora das anotações de minha mãe, quando criança, eu ficava encantada como aqueles riscos, traços e rabiscos se transformavam em coisas! Como as letras das receitas do caderno viravam bolos? Como os riscos numa folha de papel viravam vestido? Como aqueles pontos numerados viravam bordados? Acho que essas foram as minhas primeiras reflexões sobre o papel da escrita, do estudo e do planejamento!

Mais adiante, começo a perceber uma diferença entre o saber das coisas pelos contos, causos e histórias de trancoso e o saber das coisas por outros tipos de textos, como os científicos, quando ganhei de presente uma versão de *Maravilhas da Natureza*, de David Burnie. Capa grossa e folhas bem resistentes com fotografias e legendas descrevendo espécies inusitadas e estranhas de animais e plantas: “fantásticos pormenores da vida selvagem”. Devo ter lido umas cinquenta vezes. Já sabia ler. Acho que esse foi o meu primeiro livro de estudos!

Logo depois, no quarto ano primário (como se dizia) a professora multidisciplinar exigia que tivéssemos uma caderneta para anotar o que precisávamos estudar em casa: quais matérias, quais exercícios, quais pesquisas. Ela anotava tudo no quadro para copiarmos. Amo cadernetas!!! Pequenas, médias, grandes!!! Não posso ver uma diferente! Acho que foi esse meu primeiro amor por anotações!

As lembranças agora dão um salto até a Universidade! Dois livros estudados na disciplina Metodologia Científica, ministrada pelo querido professor Antônio Carlos, no período inicial do curso de Letras, marcam ainda hoje minhas práticas de estudo. No primeiro livro: *Os cientistas precisam escrever*, Robert Barrass (1986) logo nos primeiros capítulos recomenda os registros pessoais, comentando o assunto em três subitens: *Escrever ajuda a lembrar – Escrever ajuda a observar – Escrever ajuda a pensar*. Só agora revendo o livro é que percebo a sua antiguidade (e a minha idade) quando o autor se refere ao “preparo do original **datilografado**” (grifo meu).

No outro: *Como se faz uma tese*, Umberto Eco (tenho a 3ª ed. de 1984) sugere em um momento que se aproveite a ocasião da tese “para recuperar o sentido positivo e progressivo do estudo, entendido como aquisição de uma capacidade para identificar os problemas, encará-los com método e expô-los segundo certas técnicas de comunicação”.

---

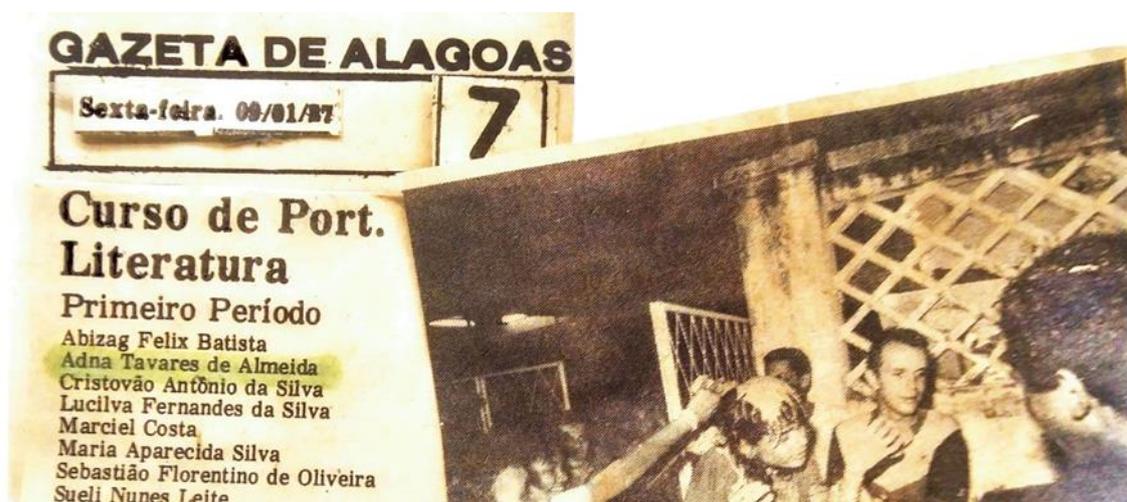
<sup>16</sup> A questão foi proposta pela pesquisadora e formadora Rosaura Soligo/UNICAMP no curso online "Conversas pedagógicas" do qual participei em setembro de 2020, em pleno confinamento pela pandemia do Coronavírus.

Relendo agora, achei perfeita a proposição! Daria uma análise. Os comentários do autor são recheados de humor e certa ironia. Mas, não foi das ironias que eu dei risadas quando reli agora o início do primeiro parágrafo do livro: “Uma tese é um trabalho **dactilografado**, de grandeza média, ...” (grifo meu). Faz muito tempo, mesmo!

E foi assim que aprendi a estudar...

## 1.1 Graduação: 1987-1991

Figura 01: Publicação do resultado do vestibular Ufal 1987.



Fonte: Jornal GAZETA DE ALAGOAS de 09 de janeiro de 1987 - Cad. 7 - Recortes.

Precisam saber porque este recorte da Gazeta de Alagoas de 09 de janeiro de 1987 é tão importante para mim a ponto de guardá-lo até hoje! Não pude me desapegar nem mesmo quando das arrumações e organizações de estantes, pastas, caixas e apostilas no início da pandemia. Passei o primeiro mês (março a abril 2020) selecionando coisas que deixaria ou encaminharia para reciclagem. Mas aquele recorte amarelado do Caderno 7 (eu poderia buscar na hemeroteca digitalizada do Jornal!) com a relação dos aprovados em cada curso da Ufal havia se concretizado como marca de um divisor de ciclos em minha vida!

Já com quatro filhos ainda pequenos, fiz o vestibular Ufal para o curso de Letras Literatura. Na calçada do Colégio Guido, aguardando o portão abrir, encontrei duas concorrentes (desde então, amigas para sempre!) que tentavam o mesmo curso: Maria Aparecida Silva e Sueli Nunes Leite. Sempre perguntavam se Aparecida era minha filha, pela fisionomia, pela frequente companhia e/ou pela diferença de idade, talvez! Elas

formavam comigo um grupo pequeno, quando não estávamos participando do grupo maior com todos os aprovados no vestibular.

Os colegas do curso de Inglês estavam sempre conosco em muitas disciplinas: os irmãos Walfredo, Waldeck e Wagner; e as meninas Sandra Sueli e Ana Galdino que se juntavam à Aparecida e Sueli para os trabalhos em grupo na minha casa em Rio Largo. Sempre estavam nos grupos de estudo, também: Cristóvão, Marciel, Maria, Rosa e José Roberto.

Quero que olhem para a quantidade de vagas na entrada anual para os cursos. Era assim, apenas oito para o curso de Português Literatura! Havia também a entrada para o curso de Inglês com a mesma quantidade. Atualmente temos na Fale entradas para os cursos de Português, Inglês, Espanhol e Francês.

Mas o que se pode refletir a partir desses dados quando comparados ao crescente aumento de entradas desde o início de minha docência em 1999 (12 anos depois) e até às entradas atuais (21 anos depois), com cerca de 40 a 60 alunos em sala? Um salto nas políticas públicas de inclusão! As ações positivas e necessárias do acesso à Universidade, instituição até então<sup>17</sup> considerada de acesso exclusivo da "burguesia", sem oferta de oportunidades para jovens, mesmos aqueles já inseridos no mundo do trabalho. Foi a base da pirâmide (ALTUSSER, 1970; MARX, 1968) chegando de fato e de direito para exercer o seu papel no ensino, pesquisa e extensão.

Quem conheceu aquele pequeno grupo de estudantes, as nossas lutas por transporte público que entrasse na Universidade, as nossas disputas pelos empréstimos de livros na Biblioteca, o nosso empenho em superar as dificuldades para continuar o curso saberá, com certeza, avaliar a importância do conhecimento e do saber na vida de famílias e populações de baixa renda com a melhoria de qualidade de vida associada ao acesso de cada membro ao nível superior.<sup>18</sup>

O filme que dá subtítulo a este capítulo: **A história sem fim** foi o primeiro que assisti nas aulas da Universidade! As professoras Eneida Martins e Maria Francisca

---

<sup>17</sup> Fico estarecida e revoltada quando vejo, ainda hoje, uma autoridade educacional afirmar que universidade é "para poucos" e que "não é útil à sociedade". Notícia do G1 de 10/08/2021: "Ministro da Educação defende que universidade seja 'para poucos'" <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/08/10/ministro-da-educacao-defende-que-universidade-seja-para-poucos.ghtml>

<sup>18</sup> Uma das pesquisas que demonstra essa relação, a partir dos dados PNAD/IBGE: "O impacto da escolaridade sobre a distribuição de renda" (SALVATO, FERREIRA & DUARTE, 2010): <https://www.scielo.br/j/ee/a/LKVPvzm7PdJcbqF7PxY5dsq/?format=html>

Oliveira desenvolviam com as turmas iniciantes (1987) do Curso de Letras as atividades da Oficina de Leitura e Escrita, um projeto que marcava a diferença de "unidade da língua" no ensino do Português, saindo da unidade frasal para a textual. O projeto era assessorado pelo prof. Wanderley Geraldi da UNICAMP, que havia coordenado a coletânea publicada em 1984 "O texto na sala de aula" (GERALDI, 1984), livro que foi tomado como base teórico-prática na construção de referenciais educacionais e documentos oficiais daí por diante, a exemplo dos PCN, PROFA e, em parte, da BNCC. Estávamos, desse modo, participando de um processo de mudança de práticas e de metodologias no ensino de língua portuguesa!

As nossas aulas aconteciam, em sua maioria, no antigo Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CHLA) que ofertava o Curso de Graduação em Letras criado em 1952. Como se pode ver, o curso é bem mais antigo do que a própria Universidade Federal de Alagoas fundada somente no ano de 1961.

Não saberia dizer aqui qual das disciplinas causou o maior impacto em mim! Parece-me que em todas elas havia unidade e/na diferença! Estava há 15 anos fora de sala de aula. Como se diz, estava "fora de faixa"! Com um intervalo de 17 anos desde a conclusão do ensino secundário (ensino médio). Com tantos cuidados, minha mãe não deixava a gente sair da cidade para estudar! Só depois de casada e já com quatro filhos é que tentei o vestibular. Valeu pelo amadurecimento e pela vontade gigante de continuar.

Assim, cada texto, cada fala, cada livro me encantava! Relembro aqui cada disciplina e respectivo docente daqueles anos iniciais na Ufal. Na área de Língua Portuguesa: Eneida Martins, Edvaldo Cruz, Maria Francisca, Denilda Moura, Edson Alcântara, Estêvão da Rocha<sup>19</sup>, Renira Lisboa, Virgínia Leal; e na área de Literatura: Ubireval, Vera Romariz, Roberto Sarmiento, Edilma Bomfim, Arriéte Vilela, Carmem Lúcia, Antônio Ataíde, Vicente Ataíde, Gláucia Machado. E os de outras áreas: Max (História da Arte), Adilson (Filosofia), Antônio Carlos (Metodologia), Elizabeth Santa Rosa (Psicologia). Não se pode mensurar, nem descrever num simples memorial a transformação que professores fazem em nossa vida! Deixo aqui os meus agradecimentos e o meu carinho a todos eles!!!

Foi ainda na graduação, como participante do Programa Especial de Treinamento-PET (hoje Programa de Educação Tutorial), o primeiro da Ufal, que iniciei minha trajetória de pesquisadora, um ano e meio após a minha entrada no curso de Letras

---

<sup>19</sup> Professor de Latim na graduação, Estêvão da Rocha Lima faleceu, aos 91 anos, vítima de Covid-19, no dia 25/06/2021, momento de produção deste memorial. Ao grande intelectual, a minha sincera homenagem!

Português pelo vestibular em 1987. Conto o meu tempo na Ufal a partir desse ano. Como já afirmei, são 34 anos como aluna, pesquisadora e docente desde o momento em que pisei nos espaços do Campus A. C. Simões e não me afastei mais.

E não posso me referir a essa trajetória sem falar novamente da professora Denilda Moura que me acompanhou e me orientou da iniciação científica ao mestrado! Lembro de ela ter aguardado a minha volta da licença maternidade (do meu filho Robson (Blim), na 5ª gravidez) para que eu assumisse a minha vaga na seleção para o primeiro PET Letras da Ufal! Foi um período de dedicação e aprendizados intensos! Da imersão na pesquisa sociolinguística à integração na equipe de organização e apresentação de trabalhos nas edições I a VI do Encontro Nacional de Língua Falada e Escrita, em Maceió. Na primeira pesquisa realizada coletei dados de crianças em idade escolar para análise dos aspectos linguísticos da fala em narrativas orais e escritas. Meu primeiro artigo, foi apresentado numa coletânea de seminário de pesquisa de mestrandos em Letras, com os primeiros resultados de um trabalho que viria a ser finalizada com o Mestrado:

LOPES, A. A. *A linguagem oral e o ensino de Língua Portuguesa*. IN: MOURA, M. D. Seminários do Curso de Mestrado em Letras. Maceió, CML, 1993, p. 54-57.

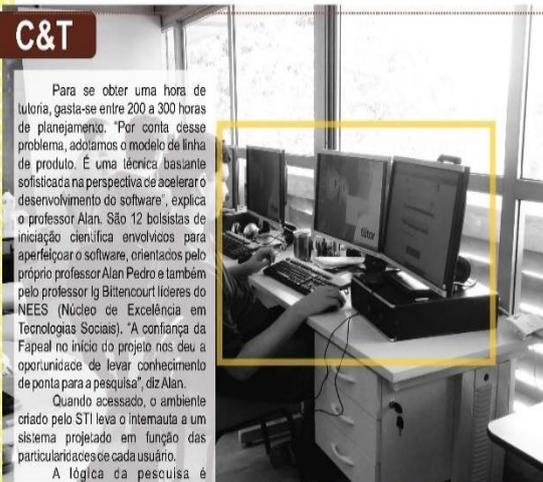
Nesse período, ser bolsista da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de Alagoas-Fapeal foi essencial. Investi, prioritariamente, na aquisição de livros e revistas para os estudos. No ano de 2012, o periódico "Fapeal em Revista" solicitou-me um depoimento como ex-bolsista. Achei por bem reproduzi-lo<sup>20</sup> aqui, reiterando os agradecimentos pelo apoio às minhas pesquisas:

Figura 2: Depoimento para a Fapeal.

---

<sup>20</sup> *Fapeal em Revista*, 2ª edição, vol 1, p. 10, 2012. Link: <https://issuu.com/fapealemrevista>

## C&T



Para se obter uma hora de tutoria, gasta-se entre 200 a 300 horas de planejamento. "Por conta desse problema, adotamos o modelo de linha de produto. É uma técnica bastante sofisticada na perspectiva de acelerar o desenvolvimento do software", explica o professor Alan. São 12 bolsistas de iniciação científica envolvidos para aperfeiçoar o software, orientados pelo próprio professor Alan Pedro e também pelo professor Ig Bittencourt líderes do NEES (Núcleo de Excelência em Tecnologias Sociais). "A confiança da Fapeal no início do projeto nos deu a oportunidade de levar conhecimento de ponta para a pesquisa", diz Alan.

Quando acessado, o ambiente criado pelo STI leva o internauta a um sistema projetado em função das particularidades de cada usuário.

A lógica da pesquisa é encontrada no site da Meu Tutor Soluções Educacionais. "É possível o aluno estudar, e dar um raio-x sobre as necessidades de quem está o usando. Por exemplo, ele identifica o tempo gasto na resposta, o conteúdo em que há demora de aprendizagem ou até o conteúdo que é mais difícil de ser assimilado", acrescenta. Até aqui tudo bem. Mas e quanto à realidade diária de uma escola? Segundo ele, foi possível avaliar a aceitação em dois contextos. Cerca de 400 integrantes do programa de Conexão de Saberes, além de estudantes dos polos de Arapiraca e Palmeira dos Índios não demonstraram sinais de recusa, pelo contrário, os próprios estudantes procuraram meios – seja pelos laboratórios de informática nas escolas, seja pelas lan houses – de ter acesso ao site. Os professores não desoaram no feedback da ferramenta do STI. "A missão da empresa é levar o conhecimento para que a gente possa contribuir na educação de Alagoas", assevera Alan. Tecnologicamente a execução do projeto não é uma ameaça a figura do professor. "Substituição é uma palavra forte. O professor é fundamental, nada o diminui", conclui. Nada mais justo.

**Finalista na segunda etapa do Desafio Brasil, considerado o maior e mais completo programa de fomento à inovação tecnológica e ao empreendedorismo early stage do País.**

**Componentes da "Meu Tutor"**

- Ig Berti Bittencourt-Seniana Pinto - Professor IC/Ufal
- Alan Pedro da Silva - Professor IC/Ufal
- Cláudio de Holanda Cavalcanti Neto - Mestrando pelo IC/Ufal
- Enche Elias Soares - Bacharel em Ciência da Computação IC/Ufal
- Thyago Tenório Martins de Oliveira - Bolsista do PIBIC/IC/Ufal

## Currículo

O que é a seção Currículo? Tive o prazer de ser bolsista FAPEAL em duas fases distintas da vida: durante a graduação, fui bolsista de iniciação científica por um ano; desenvolvi um projeto de pesquisa e criei um amor com a ciência.

Tive o prazer de ser bolsista FAPEAL em duas fases distintas da vida: durante a graduação, fui bolsista de iniciação científica por um ano; desenvolvi um projeto de pesquisa e criei um amor com a ciência. Após graduado, fui bolsista de apoio técnico, desempenhando função de gerente de um laboratório de pesquisa. Sou grato por ambas as experiências, já que serviram para o meu desenvolvimento como profissional e para a minha escolha em seguir na carreira acadêmica.

**David de Lima Souza,** mestrando do Programa de Pós-graduação em Informática da UFAL.

**Ana Márcia Viana da Costa,** mestre em Arquitetura e Urbanismo pela UFAL.

A FAPEAL acompanha minha trajetória como pesquisadora desde a graduação em jornalismo na UFAL, quando a Profa. Magnólia Rejaneme desperdiçou para a pesquisa acadêmica, tomando-se minha orientadora de iniciação científica durante 18 meses, período em que fui bolsista da Fundação. Agora, mestrando do curso de pós-graduação em Letras e Linguística da UFAL, renovo meu vínculo com a FAPEAL, dessa vez sob a orientação da Profa. Maria Stela Lameiras. Só tenho a agradecer, tanto à instituição, fundamental para que possa dar seguimento aos meus estudos, quanto às minhas orientadoras, exemplos de pessoas e de profissionais, imprescindíveis para meu amadurecimento nesse caminho em busca do conhecimento.

**Ana Paula Santos de Oliveira** é mestranda em Letras da Universidade Federal de Alagoas.

A FAPEAL acompanhou minha trajetória desde a iniciação científica (há 24 anos!), passando pela especialização e pelo aperfeiçoamento, até o mestrado. Continuar minhas pesquisas no doutorado e ingressar na UFAL como docente nos cursos de graduação e pós-graduação já foi, posso dizer, consequência desse apoio da Fundação no início da minha vida acadêmica. Costumo dizer aos alunos, novos bolsistas, como o apoio à pesquisa faz o conhecimento avançar, gerando diferenciais na nossa cultura. É creio ser esta a missão da FAPEAL: abrir "portas e janelas" para a pesquisa em Alagoas!

**Adna de Almeida Lopes** Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas, professora da Faculdade de Letras da UFAL e vice-coordenadora do Programa de Pós-graduação em Educação-PPGE/UFAL.

O envolvimento da FAPEAL na vida acadêmica é fundamental, pois proporciona incentivo à pesquisa na universidade, desenvolve profissionais qualificados, divulga conhecimento em diversas áreas e, de um modo mais amplo, se compromete com o avanço da ciência e da tecnologia. O apoio da FAPEAL foi essencial à minha dissertação no programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, cujo título é Adequação de edificações escolares ao contexto climático de Maceió, com vistas à otimização de seu desempenho térmico.

Fonte: *Fapeal em Revista*, 2ª edição, vol 1, p. 10, 2012.

Texto transcrito:

A Fapeal acompanhou minha trajetória desde a iniciação científica, (há 24 anos!), passando pela especialização e pelo aperfeiçoamento, até o mestrado. Continuar minhas pesquisas no doutorado e ingressar na Ufal como docente nos cursos de graduação e pós-graduação já foi, posso dizer, consequência desse apoio da Instituição no início da minha vida acadêmica.

Costumo dizer aos alunos, novos bolsistas, como o apoio à pesquisa é quem faz o conhecimento avançar, gerando diferenciais na nossa cultura. E creio ser esta a missão da Fapeal: abrir "portas e janelas" para a pesquisa em Alagoas!



**Adna de Almeida Lopes**  
Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas, professora da Faculdade de Letras da Ufal e vice-coordenadora do Programa de Pós-graduação em Educação-PPGE/UFAL.

1.2 Pós-Graduação:

Nesse entremeio Graduação/Pós-graduação, quero deixar registrada uma reflexão sobre o papel da universidade na minha vida e como isso me move por uma grande responsabilidade na formação de jovens futuros professores.

Lembro-me bem de um fato relacionado ao golpe militar. Eu estava já no ginásio, com 12 anos, e o ano letivo se iniciava. Era março de 1964. Uma tarde, quando toca o sinal para a entrada dos alunos nas salas, surpreendemos dois dos nossos professores, o de História e o de Geografia, chorando abraçados. Diante de algumas conversas que circulavam, confirmamos que o motivo da tristeza dos nossos queridos mestres estava relacionado à perseguição e à "caçada" de professores, principalmente nas capitais do país. Disseram-nos que muitos deles estavam sendo levados à prisão e que, no Recife, chegaram a cortar-lhes a língua! Queria saber o motivo, mas isso não se discutia nem na escola nem nas famílias. O que se dizia era que vivíamos uma "revolução sem sangue" com expulsão dos que estavam prejudicando o país.

As leituras que fiz no curso médio ainda não me fizeram entender direito o que aconteceu. Foi só na universidade, pelas discussões e indicações de leituras, que entendi bem o que havíamos vivenciado nos 23 anos passados, pelo funcionamento cruel dos órgãos repressivos e ideológicos e pelo discurso autoritário da ditadura. Por que esconderam isso de mim por tanto tempo? Será que não fui enganada?

Como me foram caras e esclarecedoras as leituras de Louis Althusser, Michel Foucault, Pierre Bourdieu, Karl Marx, Paulo Freire, Geraldini, Oscar Wilde, Patrick Suskind! Desde as primeiras disciplinas com Eneida Bonfim e Roberto Sarmiento, depois com as indicações de Ingo Voese e de Vicente Ataíde e, especificamente, a leitura do livro recém-lançado à época de José Luiz Fiorin "O Regime de 1964: Discurso e Ideologia" (1988) emprestado por Denilda no grupo de leitura do PET Letras!

### 1.2.1 Especialização: 1991-1992

Segundo o site da Fale<sup>21</sup> as pesquisas na área de Letras, em Língua e Literatura, tiveram início com a criação de Cursos de Pós-Graduação "lato sensu", em nível de Especialização, com o objetivo de fortalecer as pesquisas pela "necessidades de renovação do ensino de graduação".

---

<sup>21</sup> <https://fale.ufal.br/pos-graduacao/linguistica-e-literatura>

Logo após a conclusão do curso de Graduação (com colação de grau às pressas no gabinete da então Reitora Delza Gitaí) ingressei nesse primeiro curso de Especialização em Língua Portuguesa também como bolsista da Fapeal. Nosso grupo de estudos da graduação - Adna, Aparecida e Sueli - ganhou novos componentes, parceiros até hoje e colegas docentes: Lúcia de Fátima/UFAL, Tânia Pereira/UFPB, Nádia Silveira, Antônio Cícero e Damião Augusto, os três no IFAL.

Nesse curso de Especialização desenvolvi uma pesquisa co-orientada pelo professor Ingo Voese, integrado à Faculdade de Letras por concurso recente, naquele momento. Ministrante da disciplina Análise do Discurso (uma novidade!) o professor nos encaminhou às primeiras leituras na área: Altusser, Bakhtin, Bourdieu, Foucault, Orlandi, entre outros. Ainda hoje recorro a esses estudos, como em Altusser (1985) esclarecendo aos alunos como o Estado exerce o poder utilizando o "arcabouço superestrutural" pelo aparato jurídico-político-administrativo, para manutenção da ordem; e como, a partir daí, se apresentam as instituições de divulgação ideológica, pelo "fazendo crer", reproduzindo a mesma ordem.

Na monografia final dessa Especialização apresentei o trabalho "O discurso dos pais sobre a escola" com dados de entrevistas com pais de alunos coletadas na pesquisa do PET sobre os aspectos linguísticos da fala e da escrita na alfabetização, em que se perguntou o que eles esperavam da escola na educação dos seus filhos. Os resultados foram apresentados em três blocos: a) o pai como sujeito reprodutor do discurso da escola, b) o que a família espera da escola e c) as paráfrases do discurso dos pais. O trabalho foi apresentado em seguida como componente exigido na seleção de Mestrado.

### 1.2.2 Mestrado: 1993-1996

O Mestrado em Letras-CML da Ufal havia sido implantado em 1989 na gestão do Professor Fernando Gama, como reitor. Atualmente, o Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas "é o único Programa *stricto sensu* de Pós-Graduação na grande Área de Letras, Linguística e Literatura do estado de Alagoas e tem contribuído para a formação de professores-pesquisadores, com inserção em várias universidades públicas e privadas do

Brasil. O Programa possui cursos de mestrado e doutorado em duas áreas de concentração: Linguística e Estudos Literários"<sup>22</sup>.

Destaco aqui o empenho da Profa. Denilda Moura como coordenadora do primeiro Mestrado da Ufal. Lembro-me que fiz disciplinas (tanto no Mestrado quanto no Doutorado) ministradas por Professores Visitantes que estavam com suas pesquisas em desenvolvimento em outras universidades (Unicamp - USP - UFPE): Ingedore Koch, Carlos Frank, Wanderley Geraldi, Cláudia Lemos, Raquel Fiad, Ataliba Castilho, Mário Perini, Rodolfo Ilari, Irandé Antunes. Que contribuições e que referências eles trouxeram para o meu percurso de estudos e pesquisas!

A dissertação de mestrado em Letras e Linguística que defendi em 1996 na Universidade Federal de Alagoas está situada na área de conhecimento Aquisição da Linguagem e Avaliação do Conhecimento. Além da orientação da professora Maria Denilda Moura, tive a honra das explicações e encaminhamentos da professora Maria Irandé Antunes que ministrava no Curso de Mestrado, à época, a disciplina "Introdução à Linguística do Texto". Lembro de uma das anotações que fiz nas suas aulas, para citar no trabalho final, e que depois vi expandidas e sistematizadas em seus livros. Ela dizia: "a compreensão de muitos fenômenos linguísticos não pode ser explicada nos domínios restritos da frase ou, ainda, fora da consideração dos contextos de uso desses fenômenos".

Essa base de reflexão esteve presente nos *Encontros de Língua Falada e Escrita da Ufal*, dos quais participamos como integrantes da equipe organizadora. Encontros que ficaram marcados em minha trajetória quando observei a preocupação da professora Irandé em providenciar cópias dos textos para serem entregues aos docentes das redes de ensino que estariam participando do evento. Uma preocupação que me inspira até hoje: a formação contínua de professores.

Esses fundamentos ficaram registrados na construção, em coautoria com a Profa. Irandé Antunes, em 2000, da *Proposta Curricular de Português da Rede Estadual de Ensino de Alagoas*. A professora Irandé relatou, posteriormente, que foi a partir dessas discussões iniciais que ela organizou também a Proposta Curricular do Estado de Pernambuco, cujas reflexões estão presentes em seu livro: *Aula de Português: Encontro & Interação* (ANTUNES, 2003).

---

<sup>22</sup> Página do PPGL no site da Fale: <https://fale.ufal.br/pos-graduacao/linguistica-e-literatura>

Foi um orgulho participar desses momentos de discussão que se tornaram tão essenciais para a minha Dissertação de Mestrado que teve como título: *Uma abordagem enunciativa dos processos de inserção na fala de crianças*.

O *corpus* para análise foi obtido a partir de entrevistas com crianças matriculadas em duas escolas da Rede Estadual de ensino de Rio Largo-AL. A partir da observação desses dados gravados e transcritos, percebemos a elevada ocorrência de processos de inserção, selecionando uma amostra desse fenômeno linguístico, considerando o seu estatuto de instanciador da enunciação da fala.

Considerando esse viés enunciativo, parti da hipótese de que essas interposições nos enunciados, além de suas propriedades sintáticas, assumem, frente ao contexto enunciativo, propriedades pragmático-interativas reveladoras das operações de construção do texto oral, pelos interlocutores.

Alargando o conceito gramatical das inserções como possuidoras apenas de função parentética, analisei o seu aspecto de relevância na construção dos enunciados por observar como elas promovem a imbricação dos planos do enunciado e da enunciação no contexto interativo verbal, tendo o conceito de texto oral como produção decorrente da interação dos sujeitos que o constroem e o interpretam.

O tratamento dado à temática enunciativa de um aspecto da linguagem oral partiu de duas inquietações: a dificuldade de as pesquisas linguísticas chegarem às salas de aula, levando os professores a desconhecerem a estrutura e os aspectos ligados à modalidade oral da língua; e a prática pedagógica de abordagem e avaliação da produção escrita dos alunos quando se visa apenas aos aspectos formais da língua, deixando de lado as questões discursivas.

Para a seleção dos enunciados analisados, tomei como base os critérios discursivos de "interrupção" e "retomada" do segmento tópico em desenvolvimento (KOCH, 1992) manifestados na superfície dos textos transcritos pela pausa e pela repetição, lexical ou semântica. Tomamos também os critérios evidenciados nas inserções analisadas por Jubran (1993), a exemplo das frases-hóspedes, quando o conceito de parênteses se dilata, para levar em conta o contexto transfrástico.

Nos estudos a que recorreremos para a análise dos processos de inserção, observei uma interrelação do conceito de operações realizadas pelos interlocutores, como ato ou afeito de operar com os recursos da linguagem, na construção do sentido do texto. Entre outros estão o de Fuchs (1982) sobre a análise de operações enunciativas e predicativas; o de Anis (1991) que analisa os aspectos da construção textual como gestos gráficos

(redação e correção) e gestos discursivos (polifonia); o de Fabre (1987) que analisa operações de adição ou acréscimo; de Normand (1987) que afirma serem as operações reflexivas sobre a linguagem constitutivas de todo ato de enunciação; e o de Geraldini (1991) sobre o conceito de operação discursiva.

Diante desses pressupostos, analisei as inserções nas transcrições de fala a partir das seguintes operações:

- a) de argumentação, com funções: avaliativa, atenuativa, explicativa e confirmativa;
- b) de determinação, com funções: informativa, metalinguística, especificadora e contextualizadora.

Como nos dois exemplos a seguir em que as inserções (negrito) provocam interrupção e retomada do segmento tópico, através de breves pausas (entre as barras). E se diferenciam, na retomada do enunciado, pelo critério textual da repetição, a lexical (*tirou... /...tirou*) e a semântica (*presente.../...ovo de páscoa...perfume*):

(01) "mandei meu padrinho levar ela pro médico - tirou as duas úlceras / **se operou** / tirou as duas úlceras e ela só tá fumando um cigarro por dia" (L11, 90, 295-298);

(02) "aí a gente foi / levamos lençol tanta coisa / aí / presente / **que o meu tio irmão da minha mãe tava - tava aniversariando** / aí ela levou um ovo de páscoa e - um perfume/" (L12, 90, 314-317).

As reflexões realizadas neste momento da pesquisa se encaminharam para a constatação de que o material inserido no texto falado não constitui material supérfluo sem uma função discursiva qualquer, sem pretensões comunicativo-interativas. Um enfoque discursivo dado aos fatos gramaticais pode ampliar a dimensão desses fatos, e suscitar a reavaliação da gramática frasal, no sentido de desvelar-se os aspectos discursivos que essas regras adquirem quando consideradas sob a perspectiva da língua em uso.

A proposta final era esta: que o ensino de língua saísse do reducionismo das regras da frase para levar em conta o texto como unidade básica desse ensino, possibilitando a observação não apenas de aspectos morfossintáticos, mas textuais, discursivos e pragmáticos.

Uma das publicações desta pesquisa consta do livro "Variação e ensino" organizado por Denilda Moura:

LOPES, A. A. *Uma abordagem enunciativa dos processos de inserção na fala de crianças*. In: MOURA, D. (org.). **Variação e Ensino**. Maceió, Edufal, 1997.

### 1.2.3 Doutorado: 2001-2005

O Doutorado em Letras da Ufal, criado em 1991 e implantado em 1995, com a primeira turma selecionada. Em 1999 foi recomendado pela CAPES. Nasceu assim o primeiro Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, o PPLGG, que conta hoje com duas áreas de pesquisa: Linguística e Estudos Literários<sup>23</sup>.

A minha tese, defendida em 2005, intitulada "A singularidade do erro ortográfico e os efeitos do funcionamento da língua" foi apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Linguística, orientada pelo: Prof. Dr. Eduardo Calil de Oliveira, pesquisador das Área de Conhecimento Psicolinguística e Aquisição de Linguagem. A banca examinadora foi composta pelas professoras: Dra. Ucy Soto/UFF, Dra. Maria Hozanete Alves de Lima/UFPB, Dra. Maria Denilda Moura/UFAL, Dra. Cristina Felipeto/UNCISAL. Retomo aqui os mesmos agradecimentos a estas pessoas tão essenciais na minha vida pessoal e acadêmica:

A Eduardo Calil, pela cuidadosa (e rigorosa) interferência.  
A Artur Moraes, pelo ponto de partida.  
A Irlandé Antunes, pelo incentivo.  
A Denilda Moura, pelo crédito desde o PET.  
A Roberto Sarmiento, pelas lições.  
Ao PPGLL, pelos caminhos.  
A Lúcia Guilherme, pelos textos dos alunos.  
A Ignês Barros, pela ajuda nas traduções.  
A Aparecida Silva, Fabiana de Oliveira e Jerzú Tomaz, pelas leituras compartilhadas.  
A Alex de Almeida Lopes, pela editoração final.  
A minha família, pelo apoio e pelo carinho.

Quando falo do professor Calil remeto à escuta, à amizade e à partilha! Quando faço referência a sua "cuidadosa e rigorosa interferência" lembro que uma das minhas experiências formativas veio pelas discussões através do recurso digital de revisão "Comentário", em versões de minha tese. Porções do que poderia ser uma grande carta, ao longo da orientação! Com elas, aprendi que o texto científico é preferencialmente argumentativo, que ali estão diferentes vozes, algumas para reafirmar minhas questões, outras, contrárias, para poder refutar e contrapor. Nesse processo de intervenção do outro

---

<sup>23</sup> Sobre o PPGLL, informações no link: <https://fale.ufal.br/pos-graduacao/linguistica-e-literatura/sobre-o-programa/historico>

pelos comentários, saí de uma posição científica um tanto maniqueísta para uma dialógica, acatando o princípio do contraditório e a diversidade de proposições. Isso, para mim, foi a base da minha atitude de pesquisadora! Aprendi a valorizar essa forma de intervenção (escrever para o outro, em pequenos ou grandes comentários) ao exercer, posteriormente, a minha função de docente/pesquisadora/orientadora de pesquisas.

A pesquisa para o doutoramento, teve como objetivo analisar os erros de escrita com um caráter singular, estatisticamente irrelevante, colocando em suspenso uma noção de língua enquanto uma ordem homogênea, estabilizada e constituída de fenômenos regulares. Chamamos esses erros de “erros ortográficos singulares” e analisamos aqueles presentes em 10 textos produzidos por alunos da 4ª série do Ensino Fundamental de uma rede pública de Alagoas, em um teste de Português elaborado pelo Núcleo de Avaliação e Pesquisa Educacional da Universidade Federal de Pernambuco (NAPE-UFPE), no ano de 1997. O *corpus* foi formado por 229 textos, atualmente, pertencentes ao banco de dados do Projeto Integrado “Práticas de Textualização na Escola”, coordenado pelo professor Eduardo Calil, do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas (CEDU-UFAL).

De um ponto de vista diferenciado da noção psicológica de desenvolvimento, tentamos mostrar como a singularidade desses erros aponta para um funcionamento que difere daquele suposto pelas habilidades cognitivas, na medida em que indicia uma ordem própria que escapa ao domínio do sujeito e que não mantém total relação entre o sistema de formas escritas e o sistema oral. Um funcionamento pautado na noção saussureana de valor linguístico marcado pelas relações de diferença que mantém os significantes com outros significantes da língua, enquanto uma ordem simbólica habitada por uma subjetividade, operada pelos processos metafóricos e metonímicos (JAKOBSON 1995; MILNER 1987; LEMOS 1992).

Assim, quando tomamos para análise os erros ortográficos singulares quisemos, na verdade, mostrar que o funcionamento linguístico que rege o sistema ortográfico possui uma autonomia que nos obriga a relativizar as categorizações. Pela estrutura desse sistema, as ocorrências singulares não podem simplesmente ser descartadas ou consideradas irrelevantes para o processo de aquisição porque não são estatisticamente significativas. Elas estão inscritas num funcionamento próprio do sistema ortográfico e não podem ser apagadas pela busca do regular, do estabilizado, do categorizável. Elas nos revelam um sujeito sob os efeitos de um funcionamento de ordem linguística.

Dentre as dez análises realizadas na pesquisa trago uma que teve como foco "o movimento dos significantes nos deslizos do R" a partir da seguinte produção no teste de avaliação em que se solicitou a descrição da figura de um cachorro:

1. NEM RAIBO É BONITO
2. A CABERREÇA É BONITO
3. AS PARTA É BONITO
4. AS OLEIA É BONITO
5. UM PRELO É LINDO
6. A BARRI(?)NA É BONITO
7. UM DERTER É BEM A FRIADO

(Código do aluno: 31 1004 41 11)

Este texto traz em sua configuração textual uma “imagem” e um sentido que a literatura tem chamado de “cartilhesco” (WEISZ, 2002). Mas dizer que este texto se aproxima de um texto de “cartilha”, isto é, um texto simples, com poucas e curtas frases e repetição de sintagmas, não ajuda muito a entender as relações entre sujeito, língua e sentido. Observemos que o texto tem um aspecto muito fragmentado. Poderíamos dizer que há um discurso circulando aí, que, de certa forma, preserva aquilo que inúmeras práticas didático-pedagógicas têm insistido em fazer.

A posição sujeito ocupada por este aluno, muito provavelmente, ao escrever seu texto, nas condições de produção configuradas pelo teste, traz uma memória discursiva (já-dito) que pode ser identificada imaginariamente a esse “tipo de texto”, com fragmentos que parecem não fazer unidade no sintagma. O eixo metafórico permite uma mobilidade da estrutura paralelística, no entanto, apresenta-se no texto um “congelamento” que não permite essa mobilidade. O aluno parece estar preso a esse tipo de estrutura. Daí se poder dizer que a relação imaginária que se constitui entre a posição subjetiva deste aluno e o texto que escreveu se sobrepõe a um registro simbólico em que o discurso poderia ter um movimento menos circular e repetitivo.

Retomando as posições subjetivas apresentadas por Cláudia Lemos, podemos observar que se no texto anterior situamos o aluno como inscrito na terceira posição, pela escuta advinda das rasuras, o mesmo não podemos afirmar do texto em estudo. Se, tanto a primeira posição, em que a fala/escrita da criança tem como suporte para a significação a fala do outro; como a segunda, caracterizam-se pela ausência de escuta, poderíamos, então, nesta última, situar o aluno produtor do texto.

Nesta segunda posição a diferença fica, então, marcada por uma estreita relação do sujeito com a estrutura de um funcionamento linguístico-discursivo e é nela que Lemos (2000) situa o paralelismo como sinalizador da posição singular desse sujeito. Nesta posição, o que é externo torna-se impermeável à correção do outro, para dar lugar a uma relação da ordem do significante, interno ao funcionamento da língua. A autora comenta, também, que há, aí, um “ir além da fala do outro, da situação enunciativa e do próprio sentido” (LEMOS, 2000, p. 11).

Os enunciados que caracterizam essa segunda posição do sujeito são marcados, portanto:

- ⇒ como atividade discursiva com tendência ao monológico, uma vez que, mesmo se efetivando na presença do outro, não está relacionado a ele enquanto interlocutor, e
- ⇒ pela substituição que ocorre nas cadeias, resultando num movimento sobre elas mesmas, provocando o deslizamento do sentido e perdendo os efeitos referenciais.

Para refletir mais detidamente sobre a estrutura do texto deste aluno, recorreremos a relação que a autora (LEMOS, 2000) estabelece entre a estrutura paralelística das produções infantis e os processos metafóricos, analisando o erro como vestígios desses processos.

No paralelismo do exemplo apresentado, os erros se constituem em diversos pontos de deriva, vindos do cruzamento das cadeias manifestas (*in praesentia*) com as cadeias latentes (*in absentia*). Vejamos:

1.	NEM	<b>RAIBO</b>	É	BONITO
2.	A	<b>CABERREÇA</b>	É	BONITO
3.	AS	<b>PARTA</b>	É	BONITO
4.	AS	<b>OLEIA</b>	É	BONITO
5.	UM	<b>PRELO</b>	É	LINDO
6.	A	<b>BARRI(?)NA</b>	É	BONITO
7.	UM	<b>DERTER</b>	É	BEN A FRIADO

Se tomarmos especificamente a letra R, poderemos observar melhor esses deslizamentos, marcados pelos diferentes lugares que ela toma em cada enunciado: de presença/ausência, de preenchimento/falta, de previsibilidade/imprevisibilidade, de normalidade/estranhamento. O aparecimento do R em cada sintagma marca o cruzamento

pela emersão do elemento paradigmático, no caso, as diversas ocorrências do R na nomeação (raibo, parta, prelo, etc).

Na estrutura paralelística dessa escrita, os paradigmas estão representados, sucessivamente, em colunas, pelos determinantes (a, as, um...), pelos nomes (raibo, caberreça, parta...) e pela predicação (é bonito, é lindo...) que, com exceção dos nomes, apresentam uma forma gráfica já estabilizada.

O lugar onde os erros aparecem constituem uma outra estrutura paralelística, a dos nomes, inserida nessa mais ampla. E é dentro desses termos nomeadores que se pode observar o cruzamento da letra R com as diferentes posições tomadas nesses nomes (como em “raibo” e “barri(?)na”, provocando o que pode ser chamado de um deslizamento dos róticos (as diferentes realizações do R no português quanto à representação fonema/grafema).<sup>24</sup>

Vejamos com mais precisão este movimento de deslize do R. Ora ele emerge no lugar previsível (“Raibo”, “baRRi(?)na”), ora ele surge onde não é esperado nada, um lugar vazio, (“cabeRRReça”, “paRta”, “pRelo”, “derteR” e “afRiado”), ora ele aparece no lugar de outra letra (deRter), ora, ainda, o R é substituído por algo talvez um pouco mais previsível “oLeia”.

Deixando de lado as formas previsíveis em que o R aparece, como o R na palavra “rabo” e o RR na palavra “barriga”, caracterizadas pelo que Morais (1998, p. 31) chama de “regularidade contextual”, uma vez que está submetida a uma regra ortográfica definida pelo contexto da palavra, nos deteremos no registro do imprevisível, quais sejam: as trocas por outra letra (o R substituindo o N, e o R sendo substituído pelo L) e a ocupação de um lugar vazio (o R em lugares que não se espera que ele esteja).

Vale enfatizar que, mesmo ocupando esses lugares inusitados, o R não toma qualquer lugar, aleatoriamente. O seu aparecimento estabelece relações com as outras formas, situadas antes e depois, operando um corte no sintagma.

No *Curso de Linguística Geral*, Saussure (1989, p. 148) define, então, essas relações como constitutivas da língua e que preside o seu funcionamento. Um princípio geral é admitido para mostrar o mecanismo dessas relações: “o todo vale pelas suas partes,

---

<sup>24</sup> Entre as realizações do r ortográfico no português brasileiro, estão: o [r] intervocálico, como em caro, o [R], também intervocálico, como em carro, o [h], glotal, como em mar e o [J], retroflexo, como porta no dialeto matuto (Cagliari, 1989 e Silva, 2001).

as partes valem também em virtude do seu lugar no todo”. Elas estão, portanto, vinculadas e a importância de uma determina a da outra.

No funcionamento simultâneo das relações associativas e sintagmáticas, os termos da língua, não importa a sua dimensão, obedecem a uma ordem estrutural de possibilidades de ocorrências. É por isso que, para o autor, até um só fonema desempenha um papel no sistema da língua: “Se, por exemplo, em grego, *m, p, t*, etc., não podem nunca figurar no fim de uma palavra, isso equivale a dizer que sua presença ou sua ausência em tal lugar conta na estrutura da palavra e na da frase.” (SAUSSURE, 1989, p. 151).

A partir desses conceitos, podemos observar melhor as posições "estranhas" tomadas pelo R, no texto do aluno. Será que são estranhas e impossíveis? Ou causam um estranhamento, mas não sinalizam uma impossibilidade enquanto posição determinada no encontro das cadeias associativas e sintagmáticas? Vejamos:

- ⇒ o R toma o lugar do N em “deRter” (dente), na linha 7, numa posição possível também para o R quando num final de sílaba do tipo CVC (como em porta/ponta, Berta/benta, pantanal/partida, etc.);
- ⇒ o R é substituído pelo L em “oLeia” (orelha), na linha 4, no entanto, o lugar de relação também é possível para o R, intervocálico, em sílaba do tipo CV (como em orégano/Olegário ou oreografia/oleografia, etc.);
- ⇒ os lugares vazios em que o R surge também estabelecem relações com os outros significantes, investidos de diferentes valores: RR no meio da palavra entre vogais, em “cabeRReça” (cabeça), na linha 2; R em sílaba inicial do tipo CVC, em “paRta” (pata), na linha 3; R após outra consoante em sílaba CCV, em “pRelo” (pelo), linha 5 e “a fRiado” (afiado), linha 7; e R em final de palavra, em “derteR” (dente), linha 7.

Analisando esse movimento de significantes quando uma aluna escreve “pesto” (para “perto”) e “sote” (para “sorte”), Faria (1997) recorre também a Saussure para mostrar que o inusitado se revela no surgimento de um significante em uma posição – o R na posição do S (“pesto”) ou numa posição vazia (“soØte”):

O aparecimento dessa posição denuncia o corte no qual um eixo metafórico se abre. Nesse caso, é possível ver que, longe de se estabelecer uma correspondência fonema-grafema, abre-se o jogo da representação [...]. O **significante desliza**, não só na posição que ocupa, como na própria forma que reveste, podendo comparecer enquanto R, S ou, simplesmente, não assumir forma gráfica, embora, ainda assim, sua presença esteja marcada pela posição vazia (FARIA, 1997, p. 114-grifo nosso).

Talvez possamos, ainda, relacionar esse deslizamento do R no texto do aluno ao que Barthes e Marty (1987, p. 32) chamam de “isolamento de um traço significante através da grafia” ou, também, ao que Mota (1995) comenta ser o efeito do simbólico, da face material da escrita, quando supõe:

um envolvimento de ordem imaginária de investimento da letra face material da escrita enquanto traçado ou imagem. O eixo imaginário permite que se evidencie o caráter objetável da letra, mas isto só pode ocorrer sob o efeito do simbólico. Para o homem, à diferença dos animais, as imagens falam e se sustentam quando que reconhecidas e nomeadas na ordem simbólica. É por esse reconhecimento e nomeação, que vem do outro, que os objetos ganham identidade e permanência (MOTA, 1995, p. 134).

O jogo do significante constrói os efeitos de sentido do texto provocados pelo que Orlandi (1998) chama de deslizamentos ou pontos de deriva como “lugares em que os sentidos podem ser outros”, ou mesmo lugares de interpretação que “separam fortemente a escrita da oralidade”, ou, ainda, “pontos onde gestos de interpretação trabalham à deriva, o deslocamento, o equívoco, constitutivo dos (outros) sentidos e dos (outros) sujeitos” (ORLANDI, 1998, p. 125-9). Para essa autora:

Um sujeito pode não estar incisivamente inscrito em uma ordem determinada de língua e nem por isso deixa de ter sua identidade configurada, justamente por essa mobilidade, essa plasticidade que o faz passageiro de várias ordens do símbolo. Esse é o próprio do sujeito (a sua itinerância), o próprio do sentido (o trabalho do equívoco), no próprio da língua, que é capaz de jogo (ORLANDI, 1998, p. 130).

O conceito trazido por Pêcheux (1969) e retomado pela autora pode ser útil para se entender o que acontece: um “efeito metafórico” que é tido como “base da constituição do significar”, constituindo o funcionamento da relação entre sujeito, língua e sentido:

A M. Pêcheux (1969) vai chamar de efeito metafórico o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual, lembrando que esse “deslizamento de sentido” entre x e y é constitutivo do sentido designado por x e y. Como esse efeito é característico das línguas naturais, por oposição aos códigos e às línguas artificiais, podemos considerar que não há sentido sem essa possibilidade de deslize, e, pois, sem interpretação. O que nos leva a colocar a interpretação como constitutiva da própria língua (natural) (ORLANDI, 1998, p. 80).

Admitimos aqui, que, nessa relação triática entre sujeito, língua e sentido, o aluno sofre os efeitos da interpretação, mas os deslizos que aí se operam trazem, também, além da historicidade que os conformam, um movimento do significante.

Se, como diz a autora, a interpretação é o lugar de se observar a relação histórica do sujeito com os sentidos e, se essa interpretação se dá com base na “materialidade linguística”, nesta está também o significante, mostrando pelo seu movimento a relação de mútua constituição sujeito/língua.

Uma produção textual está marcada tanto pela materialização do discurso como pelo funcionamento da língua, revelada no movimento do significante. No exemplo comentado nesta seção, o sentido escapa do texto quando, pelo cruzamento da série simbólica (o R) com o sentido (a relação do R em cada termo), produz um estranhamento. Emerge, então, um indizível não como impossível de ser revelado, mas como o que não foi revelado até certo momento. Essa emersão se dá, pois, em lugares imprevisíveis, mas possíveis se levarmos em conta a ordem da língua.

Pode-se observar, pelo exposto, que o diferente, o novo e o equívoco são produzidos num processo onde podem estar intrinsecamente ligados tanto a historicidade do dizer, quanto o movimento do significante.

Assim, o funcionamento linguístico-discursivo e o movimento do significante articulados pelos processos metafóricos e metonímicos na sua interlocução com o dispositivo teórico da Análise do Discurso podem ser um frutífero caminho para se refletir sobre a relação entre o sujeito e o “erro ortográfico” produzido.

Essas e as demais discussões apresentadas na minha tese sobre a singularidade visaram apresentar um outro ponto de vista sobre o erro ortográfico, levando em conta o funcionamento que, através dos movimentos metafóricos e metonímicos, coloca em relação estruturas possíveis de uma língua marcada pela falta, pela possibilidade do real que produz o equívoco, o imprevisível. Tentamos mostrar que o erro singular revela um modo subjetivo de inscrição do sujeito na língua, cujo funcionamento somente se sustenta porque há esse sujeito, marcado também pela singularidade do seu submetimento à ordem própria da língua.

Ainda uma reflexão demandada dessa pesquisa de doutorado foi a de uma tensão entre o saber e o não-saber de uma teoria, conforme posto por Lier-De-Vitto (2004). Retomamos, desse modo, a questão metodológica proposta por Lemos (1992) quando nos interroga sobre as relações entre a pesquisa em aquisição de linguagem e a prática de sala de aula. Tomamos, então, o questionamento colocado pela autora: se os objetos da

aquisição de linguagem e da educação são diferentes, haveria a possibilidade de uma “aplicação imediata” das teorias construídas em uma área, para a outra? A partir dessa questão, levantarmos outras: O que se faz com uma teoria sobre o erro ortográfico singular? De que modo nos deslocaríamos da posição de investigador para a de educador? Qual a importância do trabalho para a prática de sala de aula? Em que ponto se daria o encontro pesquisa e técnica, ou pesquisa e clínica?

Para esclarecer o lado em que nos situamos, o da pesquisa, recorreremos às duas posições do investigador discutidas por Lier-De-Vitto (2004, p. 50-53): 1ª) ou se tem a teoria como fechada, assumindo uma “posição de saber” que dá conta de determinada prática, que fica a ela subjugada; 2ª) ou se tem a teoria como “posição de não-saber” que pode não dar conta da prática porque também é constituída por uma falta, uma teoria não-toda. Se nos situássemos na primeira, iríamos querer que a nossa reflexão fosse imediatamente aplicada para a construção de “novos e diferenciados” materiais didáticos. Situando-nos na segunda, a reflexão terá que ser sustentada pela tensão entre saber e não-saber. É, como diz a autora, no encontro com a “face enigmática de cada caso” que aparece a falta de completude de uma teoria. E, para nós, do mesmo modo: o olhar para o erro ortográfico singular pode não ser mais leigo a partir daqui, mas não pode, também, dar conta da prática pedagógica.

A singularidade dos dados alterou a nossa posição de investigadores: saímos daquela própria de quem descobre o erro, para aquela de quem é por ele surpreendido, confirmando, desse modo, essa tensão que a teoria não pode dar conta. Se somos tomados por essa “face enigmática” do erro, teremos que levar em consideração, na prática, o que a autora denomina de “instante autêntico” que requer, provavelmente, procedimentos “clínicos” também marcados pela singularidade. Assim, frente ao erro ortográfico singular, não podemos permanecer numa tranquila posição de saber, mas na de tensão que implica, também a falta de saber.

Os dados analisados – textos escritos por alunos em situação de avaliação – estão marcados por uma inautenticidade, uma vez que escondem esse “instante autêntico” (o momento efetivo da escrita e o seu contexto de produção) e, por isso, exigiram de nós um deslocamento desse instante para a análise que realizamos. Num momento como este “não se pode responder a dois ideais (clínico e científico) de uma só vez, comprimir duas posições num só momento e/ou implementar os mesmos métodos num único lance” (IDEM, p. 49).

Sabemos que a teoria é decisiva para a construção de uma prática. Os trabalhos já publicados, tanto na área da psicologia como na da pedagogia têm produzido, atualmente, na escola, práticas significativas com os erros ortográficos frequentes e previsíveis. A exemplo dos materiais apresentados por Morais (1997, 1998, 2002) e Teberosky & Tolchisky (1997), entre outros, como formas de intervenção didática, no ensino da língua, que além de práticas significativas de leitura e escrita de textos, sugerem, também, um trabalho cuidadoso e sistemático com o erro ortográfico, cuja preocupação não está apenas no intuito de categorizar os erros ortográficos, mas de oferecer aos professores caminhos para que se descubra, como dizem os autores, “formas mais eficazes de ajudar nossos aprendizes a desenvolver uma atitude de investimento na revisão de seus escritos”.

Essas propostas já se apresentam como alternativas às práticas comumente encontradas na sala de aula, nas quais predomina, subjacente, uma compreensão de que o trabalho com o erro ortográfico implica, por um lado, exercícios de repetição e memorização e, por outro, uma aquisição advinda “naturalmente” e “diretamente” pelas práticas de leitura e escrita, sem necessidade de mediação.

As reflexões desse momento de pesquisa para a tese se estenderam com uma significativa produção e publicação, tanto de artigos de revistas e capítulos de livros quanto de apresentação de trabalhos em eventos. Além disso, esses estudos foram (e continuam sendo) fundamentais para a construção de materiais didáticos para o trabalho com o erro ortográfico na formação de professores de Língua Portuguesa, considerando-se a singularidade dos casos e a autenticidade do momento de produção, encaminhados pela intervenção didática no processo de escrita e revisão de textos.

A seguir, algumas das produções<sup>25</sup> com a temática, também com outros corpora, em diferentes grupos de pesquisa:

- *O caráter residual do erro ortográfico singular em textos de alunos da 4ª série* (LOPES, 2005).
- *Processos metafóricos e metonímicos na emergência do erro ortográfico singular* (LOPES & CALIL, 2005).
- *A singularidade na ortografia: uma análise de erros em texto de aluno brasileiro* (LOPES, 2006).
- *O sujeito inexistente: reflexões sobre o caráter da consciência fonológica a partir do "Relatório final do grupo de trabalho alfabetização infantil - os novos caminhos"*.

---

<sup>25</sup> Produções apresentadas e validadas no Currículo Lattes CNPq. Acesso: <http://lattes.cnpq.br/4061859895008214>

Educação E Pesquisa, 32(1), 137-155. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022006000100009> (CALIL, E., LOPES, A. de A., & FELIPETO, C., 2006).

- *O erro ortográfico singular em produção de alunos do ensino fundamental: discutindo a relação fonía/grafia* (LOPES, 2007).

- *A emergência do erro ortográfico singular em textos de alunos do ensino fundamental* (LOPES, 2008).

- *Interferência didática em manuscritos escolares: singularidade e possibilidade de escuta* (LOPES, 2009).

- *Erro ortográfico: a singularidade da emergência do "R" em manuscrito escolar* (SANTOS & LOPES, 2010).

- *Ortografia e singularidade do sujeito: a troca de U por L em conto de fada reescrito por dois alunos* (VIEIRA & LOPES, 2011a).

- *Formação do Professor: reflexões sobre a intervenção no erro ortográfico* (VIEIRA & LOPES, 2011b).

- *Efeitos da intervenção didática na escrita de uma aluna da rede pública brasileira* (SILVA & LOPES, 2012).

- *Singularidades ortográficas no processo de aquisição da escrita - o caso do 'L'* (LOPES & FELIPETO, 2012).

- *Ortografia e ensino: o movimento da rasura em manuscrito de um aluno do ensino fundamental* (LOPES, 2012).

- *Posições singulares do 'l' em reescritas de fábulas produzidas por alunos do 3º ano do ensino fundamental* (LOPES & FELIPETO, 2012).

- *Escrita e gênero textual: uma reflexão sobre o erro ortográfico em textos de um aluno do ensino fundamental* (LOPES, 2013).

- *Ortografia e ensino: singularidade e subjetividade no processo de aquisição da escrita* (FELIPETO & LOPES, 2014).

- *Ensino da ortografia: intervenções em uma turma do 7º ano do ensino fundamental* (TORRES & LOPES, 2019).

- *Ortografia e ensino: singularidade e subjetividade no processo de aquisição da escrita* (COSTA & LOPES, 2019).

## 2. DOCÊNCIA EM GRADUAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO



**Ao mestre com carinho**<sup>26</sup> - A trama já tem 50 anos e ainda é muito apreciada por educadores e admiradores. Apesar de ter estreado em 1967, sua abordagem continua sendo muito atual, tratando de temas recorrentes também do século XXI. Filmes que falam sobre o ambiente escolar sempre emocionam, não só porque as situações vividas por alunos e professores são difíceis, mas também porque são histórias de superação, mostrando que com a educação é possível, sim, mudar a realidade...<sup>27</sup>

Percursos de uma professora-formadora (sempre em formação)

Em 2006, quando iniciei minha jornada como professora da licenciatura em Letras da Ufal, um graduando do final do curso veio me procurar, dizendo que havia passado em uma seleção para ensinar em uma escola de ensino fundamental, na cidade onde morava. Estava desesperado atrás de subsídios que o auxiliassem a “estrear” a nova

<sup>26</sup> AO MESTRE com Carinho. Direção: James Clavell. Inglaterra, 1967.

<sup>27</sup> Comentário de Tami Aimée - fragmento, publicado em 07/07/2017 em: <https://woomagazine.com.br/ao-mestre-com-carinho-completa-50-anos-e-ainda-e-lembrado-como-pioneiro-no-tema-educacao/>

profissão e que lhe dessem subsídios na preparação das aulas de Português! Entreguei-lhe três exemplares diferentes com registros de professores em formação continuada de Língua Portuguesa, organizados por mim e publicados pela SEMED<sup>28</sup> (LOPES, 1999; 2004; 2005). Com cerca de 15 dias, o aluno me procura para agradecer e dizer do valor daquelas experiências, naquele início de sua vida profissional. Cito esse episódio, para mostrar os efeitos de publicações de professores, mesmo quando esses relatos não eram tão valorizados (há 15 anos!).

Em 2018, como aluna do Curso de Formação Via Cartas (curso a distância através de correspondências via e-mail), ministrado por Rosaura Soligo, professora-formadora da Unicamp, referência para mim há 21 anos, confirmei essa minha reflexão com a leitura do texto: “*A experiência de escrita como espaço-tempo de formação*” (SOLIGO & NOGUEIRA, 2018)<sup>29</sup>. Nele, as autoras iniciam afirmando que “a produção de textos escritos é uma ferramenta valiosa para a formação e para a qualificação do próprio trabalho”. E que a publicação dessa escrita hoje é “uma conquista de toda a categoria profissional”. E mais: “Quando os educadores tornam públicos os seus textos, todos ganhamos”. A valorização de publicações de narrativas pedagógicas ou relatos sobre o saber da experiência tem marcado mesmo uma nova perspectiva, indicando um caminho sem volta!

O texto me fez reviver todo o meu percurso de formadora nesses 18 anos! Fui às estantes procurar as publicações que marcaram esse meu compromisso com uma escrita que exige “escolhas de natureza diversa e coordenação de procedimentos complexos”. Lembrei e selecionei desde as publicações encaminhadas por Rosaura na coordenação do grupo de formadores dos programas institucionais PCN em Ação (1998) e PROFA (2001)<sup>30</sup> até as publicações atuais dos professores/alunos do Profletras/Ufal. Nesse entremeio, publicações de registros, de relatos de prática e de artigos com reflexões sobre a prática de sala de aula! A mesa ficou coberta de livros e revistas! Fiquei radiante com esse apanhado que fiz!

Mas esse meu compromisso referendado pelo texto dessas autoras não veio à toa! Veio pelo que elas denominam de “Textos potentes” que considero tanto os dos professores - “memoriais de formação, cartas pedagógicas, crônicas do cotidiano,

---

<sup>28</sup> Secretaria Municipal de Educação de Maceió-AL.

<sup>29</sup> Texto do blog de Rosaura Soligo: <https://rosaurasoligo.wordpress.com/2018/09/>

<sup>30</sup> Os Parâmetros Curriculares Nacionais/PCN (BRASIL, 1998) e Programa de Formação de Professores Alfabetizadores/PROFA (BRASIL, 2001).

depoimentos, diários, relatos de experiência e de pesquisa, dentre outros assemelhados" (SOLIGO, 2007), ou seja, os de “modo narrativo”; como também daqueles que nos mostram o papel e a importância dessas narrativas, os de modo “lógico-científico”. Duas destas publicações fundamentaram as minhas reflexões sobre o valor daquelas: um artigo de Cifali (2001): “Conduta clínica, formação e escrita” e um livro organizado por Soligo & Prado (2005): *Porque escrever é fazer história. Revelações Subversões Superações*. A primeira autora, em um viés psicanalítico, mostra a necessidade de se abordar “a dualidade saber e afeto”; e os autores apresentam, nos capítulos por eles coordenados, a articulação entre formação de professores e pesquisa acadêmica. Essas duas leituras foram um prato cheio para mim, no encaminhamento de ações tanto na formação inicial quanto na continuada. Ainda recorro a esses textos sempre, sempre! Todas as vezes que preciso falar/escrever sobre experiência, formação e escrita!

Aos mestres, com carinho!

## 2.1 Graduação:

### 2.1.1 Professor Substituto: 1998 - 2003

Atuei, inicialmente, como Professora Substituta pelo antigo Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal de Alagoas, no período de 1998 a março de 2000, lecionando a disciplina Língua Portuguesa em turmas dos cursos de Pedagogia, Letras, Ciências Contábeis e Ciências Sociais.

Lembro que foi no curso de Pedagogia a minha primeira aula para uma turma de Educação a Distância-EAD, com cerca 100 alunos, professores já atuantes nos diversos municípios alagoanos. O curso visava uma demanda institucional para a formação de professores das redes públicas de ensino.

Eu a profa. Maria Vitória D'orta assumimos conjuntamente a disciplina Língua Portuguesa que funcionava (como todas as outras) da seguinte forma: todo o material impresso era encaminhado pela Ufal, através dos Correios; os alunos respondiam e as Semeds retornavam o material para correção dos professores; e, uma vez no mês, os alunos vinham para a Capital onde permaneciam cinco dias participando presencialmente de aulas, palestras e apresentações em seminários. Imaginem a quantidade dos imensos envelopes amarelos que chegavam dos municípios, com atividades para a nossa correção!

Inteiradas das pesquisas em desenvolvimento sobre o texto como objeto de estudo das aulas de Português (GERALDI, 1984; 1991), organizamos um projeto para o trabalho

final dos grupos de professores que consistia na organização, produção e editoração de um jornalzinho em que eles expusessem notícias, indicadores sociais, denúncias, fatos culturais e ações educacionais de cada município. Desta feita, tudo organizado no computador (da Secretaria, da Prefeitura), mas entregue no formato impresso, pela inexistência de redes internet que ligassem os municípios à Ufal. Creio que a linda coletânea original colorida ainda se encontre nos arquivos do Cedu. Guardo com carinho uma versão em preto e branco e fico deliciada com tanta habilidade, criatividade, consciência e compromisso desses professores. Tarefa difícil escolher, entre tantos, um exemplo da diversidade dessas reportagens, para ilustrar este Memorial. Mas arrisquei e escolhi "O Correio Deodorense", "A Folha de Viçosa", "A voz do Povo", "O Diálogo" e "Voz da Serra":

Figura 3: Produção textual na disciplina Língua Portuguesa EAD/Ufal - 1999.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS-UFAL  
CENTRO DE EDUCAÇÃO-CEDU  
EDUCAÇÃO CONTINUADA E À DISTÂNCIA

## REPORTAGENS SOBRE OS MUNICÍPIOS ALAGOANOS

Produção textual dos alunos do  
Curso de Pedagogia à distância

Trabalhos apresentados  
como requisito parcial à  
disciplina Língua Portuguesa,  
ministrada pelas professoras  
Adna de Almeida Lopes e Maria  
Viviana D'orta Coutinho, no  
Curso de Pedagogia à Distância.

Maceió  
Janeiro de 1999

### O CORREIO DEODORENSE

M. Deodoro, Segunda-Feira, 12 de janeiro 1999.

TURISTAS ALAGOANOS TÊM NOVAS OPÇÕES DE LAZER.

#### MARECHAL DEODORO APRESENTA AO PÚBLICO SUAS NOVAS ATRAÇÕES

Quando chega à praia do Francês não imagina que a pouquíssimo quilômetros de distância, percorridos de barco ou de buggy, encontrará-se um paraíso natural de extraordinária beleza e de uma singularidade formidável. É a Praia do Saco, uma imensa formação rochosa, de um multicolorido deslumbrante pontilhada de centenas de pequenos aquários que exibem peixinhos exóticos e exibem toda a exuberância da vida no mar.

A praia, ainda não explorada pelo turismo em massa, liga o Francês à Prainha e forma, com esta, a Reserva Ecológica do Saco da Pedra, um ecossistema importante, caracterizado por uma restinga situada entre a Barra Nova, com seu canal de Lagoa Mundiú e o Atlântico.

O percurso de aproximados 5 quilômetros vai revelando agradáveis surpresas, desde curiosos e coloridos corais nas suas mais variadas espécies a verdadeiros lençóis de ouriços pretos, verdes e multissimos peixinhos, de todos os cores, que se escondem nas pequenas baías que a baixa maré vai deixando para trás. Durante muito tempo andasse como se estivéssemos passando sobre escombros de vastíssimas avindas de pedras que também vão mudando de cor, ora cinzentas, amarelas ou esverdeadas.

Daí chega-se a Prainha ou Praia do Saco como também é conhecida. Na ponta da restinga, um imenso e altíssimo areal, tocado pelo largo canal da Mundiú, de um lado, e pelo Oceano Atlântico do outro.

Por fazer parte de uma reserva ecológica, recebe severa fiscalização do IMA e da Marinha.



AGNALDO PEREIRA DA SILVA  
ANA MARIA SILVA SOARES  
JOSÉ CLAUDINO DA SILVA FILHO  
MARIA FERREIRA DO NASCIMENTO E SILVA

## A FOLHA DE VIÇOSA

VIÇOSA, JANEIRO DE 1999 Nº 1 ANO I

### A FALTA D'ÁGUA EM VIÇOSA DEIXA MORADORES DA PERIFERIA DE LATA NA CABEÇA

José Claudino

A população de Viçosa está passando por grandes dificuldades para obter água em suas torneiras. O caso é que, devido a grande seca que se alastra por todo Estado de Alagoas, fontes estão secando podendo atingir, principalmente, as hortaliças que reservam água para abastecimento das cidades.

Em Viçosa o caso já está preocupando a população. As quintas ruas dos bairros periféricos, como é o caso do Alca do Couto e Várzea, são áreas que os moradores não vão a água chegar. Na COFAP e São Paulo os moradores, então, se

Valendo da compra de pipetas, bombas para perfurar poços, alguns litros de água para consumo. Desde então, os moradores, que moram em condições precárias, estão pagando o preço mais alto da população vizin-

th, assim uma grande preocupação da água. Além disso, basta lembrar que a pressão é feita em alguns pontos, para garantir um pouco de água que cost se ter para toda a população.

**DIRETOR DO  
SAB PEDIR  
RACIONAMENTO  
DE ÁGUA**

**SITUAÇÃO DO  
RESERVATÓRIO  
ASSUSTA A  
POPULAÇÃO**

**PARAÍBA:  
SEM PEIXE E  
SEM ÁGUA**

**PARTE BAIXA  
DA CIDADE  
NÃO É ATINGIDA**

**OS CAMINHOS  
QUE PODEM RESOLVER OS  
PROBLEMAS DA ÁGUA**



## A VOZ DO POVO

### MARIBONDO SEM ÁGUA

Por ser constante a falta de água em nosso município, os moradores fazem longas filas onde há poucos artesanatos e escumbas.

Vários moradores declararam que mandaram cortar a água de suas casas porque esta nunca chegava, apenas a conta no final do mês.

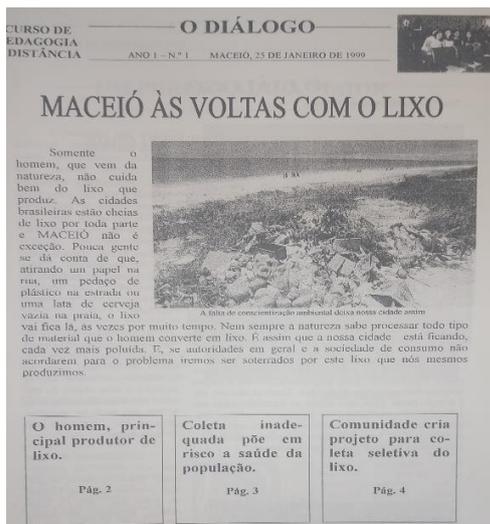
A partir das 3:00h da madrugada até às 6:00h da noite, esses moradores sofrem carregando baldes e mais baldes de água para suas residências.

Muitas vezes o lugar na fila é disputado a tapas. Diz um dos moradores entrevistado, o Sr. A. S. M. 53 anos: "Passamos até 6 (seis) meses sem água, mas a conta chega todos os meses. Temos que comprar água salgada pagando R\$ 3,00 por 200 litros."




Ano	Consumo (litros)
1994	2040
1995	2120
1996	2140
1997	2160
1998	2220

Fonte: CASAL



Fonte: Arquivo pessoal.

Meu último contrato como Professora Substituta na Ufal foi junto ao Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino do Centro de Educação/Cedu, de junho a dezembro de 2003 quando lecionei pela primeira vez a disciplina Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa. Nessa época, todos os Estágios Supervisionados estavam a sob a coordenação desse Departamento.

Nesse momento, éramos três mestrandas, Adna, Auxiliadora e Mírian Cerqueira, pondo em prática novas metodologias em diferentes estratégias de ensino, a exemplo de filmagens que fazíamos de nossos estagiários em atuação nas escolas, para discutirmos posteriormente os procedimentos. Ainda era só o começo...

### 2.1.2 Professor Efetivo/Concursado: 2003-2021

Em 22 de dezembro de 2003, tomei posse no cargo efetivo de Professor Assistente, Nível 1, em regime de Dedicção Exclusiva habilitada por concurso público, com lotação no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas do CHLA-Centro de História, Letras e Artes.

Na graduação em formato presencial, sempre atuei no curso de Letras Português, atendendo tanto a oferta interna, quanto à externa nos cursos de Administração, Ciências Sociais, Química e História. E na EAD, em 2013, ministrei a disciplina Redação Oficial no curso de Administração.

Um ano depois, teve início as aulas do curso de Letras Português EAD da Fale, criado em 2012. Particpei, juntamente com a querida professora Sônia Cristina Felipeto, Coordenadora do Curso, da construção do "Projeto Político-Pedagógico do Curso de Licenciatura em Letras a Distância-Habilitação: Português"; e da seleção e estreia da primeira turma do curso. Atuei como professora e também como Coordenadora de Tutoria, orientando um grupo de tutoras para colaborarem com os professores das diferentes disciplinas. Participaram desse primeiro grupo de tutoria, com disposição e vontade de estudar e ensinar: Jacira Maria da Silva, Gildilane Zacarias dos Santos, Janecleide D'ávila da Silva, Priscila Tenório Santana e Silva, Virginia da Silva Santos, Rita Ester de Araújo Silva, Paula Gabrielle Ferreira da Silva, Claudenice Justino de Moraes, Quiteria Quintino Neto Vieira, Lisiane Alcaria de Oliveira e AHIRANIE SALES MANZONI.

Era já um novo tempo! Com aulas pelo Ambiente Virtual de Aprendizagem-AVA, a plataforma do *Moodle* adotada pela Ufal, até hoje, nas aulas não presenciais devido à pandemia do Coronavírus.

No quadro apresentado a seguir estão registradas as Disciplinas Ministradas no período de 2009 a 2020, conforme o Sistema Acadêmico da Ufal. Estão de fora desse registro as disciplinas de Língua Portuguesa 1 e 2 (constantes do Currículo Lates) que ministrei desde a minha admissão na Universidade como Professora Efetiva em 2003.

Figura 4: Disciplinas ministradas de 2009 a 2020.

Ano - Período	Curso	Disciplina
2020 - Período Excepcional	LETRAS (PORTUGUÊS)	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA 3
2020 - 2º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA 1
2020 - 2º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA 1
2020 - 1º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA 1
2020 - 1º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA 1
2019 - 2º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA 1
2019 - 2º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA 1
2019 - 1º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA 1
2019 - 1º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA 1
2018 - 2º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA 1
2018 - 2º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA 1
2018 - 1º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA 1
2018 - 1º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA 1
2017 - 2º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA 1
2017 - 2º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA 1
2017 - 1º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA 1
2017 - 1º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA 1
2016 - Curso de Verão	LETRAS (PORTUGUÊS)	PROFISSÃO DOCENTE
2016 - 2º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA 1
2016 - 2º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA 1
2016 - 2º Semestre	LETRAS (PORTUGUÊS)	ESTÁGIO SUPERVISIONADO 2
2016 - 1º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA 1
2016 - 1º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA 1
2016 - 1º Semestre	LETRAS (PORTUGUÊS)	ESTÁGIO SUPERVISIONADO 1
2015 - 2º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA 1
2015 - 2º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA 1
2015 - 1º Semestre	ADMINISTRAÇÃO	PORTUGUÊS INSTRUMENTAL
2015 - 1º Semestre	CIÊNCIAS SOCIAIS	LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS EM LÍNGUA PORTUGUESA
2015 - 1º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA 1
2015 - 1º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA 1
2014 - 2º Semestre	CIÊNCIAS SOCIAIS	LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS EM LÍNGUA PORTUGUESA
2014 - 2º Semestre	LETRAS	PROFISSÃO DOCENTE
2014 - 2º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA 1
2014 - 2º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA 1
2014 - 1º Semestre	ADMINISTRAÇÃO	PORTUGUÊS INSTRUMENTAL
2014 - 1º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA 1
2014 - 1º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA 1
2014 - 1º Semestre	LETRAS	PESQUISA EDUCACIONAL
2014 - 1º Semestre	LETRAS	PROJETOS INTEGRADORES 6
2014 - 1º Semestre	LETRAS (PORTUGUÊS)	LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO EM LÍNGUA PORTUGUESA
2014 - 1º Semestre	LETRAS (PORTUGUÊS)	INTRODUÇÃO À LÍNGUA ESTRANGEIRA 1
2014 - 1º Semestre	LETRAS (PORTUGUÊS)	TEORIA DA LITERATURA 1
2014 - 1º Semestre	LETRAS (PORTUGUÊS)	TEORIA LINGÜÍSTICA 1
2014 - 1º Semestre	LETRAS (PORTUGUÊS)	PROFISSÃO DOCENTE
2014 - 1º Semestre	LETRAS (PORTUGUÊS)	PROJETOS INTEGRADORES
2014 - 1º Semestre	LETRAS (PORTUGUÊS)	INTRODUÇÃO À EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

2013 - 2º Semestre	ADMINISTRAÇÃO	PORTUGUÊS INSTRUMENTAL
2013 - 2º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LINGUA PORTUGUESA 1
2013 - 2º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LINGUA PORTUGUESA 1
2013 - 1º Semestre	ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA	REDAÇÃO OFICIAL
2013 - 1º Semestre	ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA	REDAÇÃO OFICIAL
2013 - 1º Semestre	ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA	REDAÇÃO OFICIAL
2013 - 1º Semestre	ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA	REDAÇÃO OFICIAL
2013 - 1º Semestre	ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA	REDAÇÃO OFICIAL
2013 - 1º Semestre	ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA	REDAÇÃO OFICIAL
2013 - 1º Semestre	ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA	REDAÇÃO OFICIAL
2013 - 1º Semestre	ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA	REDAÇÃO OFICIAL
2013 - 1º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LINGUA PORTUGUESA 1
2013 - 1º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LINGUA PORTUGUESA 1
2013 - 1º Semestre	QUÍMICA	LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO EM LÍNGUA PORTUGUESA
2012 - 2º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LINGUA PORTUGUESA 1
2012 - 2º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LINGUA PORTUGUESA 1
2012 - 2º Semestre	QUÍMICA	ENSINO DE PORTUGUES, LEITURA, ESCRITA E GRAMÁTICA
2012 - 1º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LINGUA PORTUGUESA 1
2012 - 1º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LINGUA PORTUGUESA 1
2012 - 1º Semestre	LETRAS	TECNOLOGIAS E ENSINO DE LINGUA PORTUGUESA
2012 - 1º Semestre	QUÍMICA	LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL EM LÍNGUA PORTUGUESA
2011 - 2º Semestre	ADMINISTRAÇÃO	PORTUGUÊS INSTRUMENTAL
2011 - 2º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LINGUA PORTUGUESA 1
2011 - 2º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LINGUA PORTUGUESA 1
2011 - 2º Semestre	LETRAS	TECNOLOGIAS E ENSINO DE LINGUA PORTUGUESA
2011 - 1º Semestre	ADMINISTRAÇÃO	PORTUGUÊS INSTRUMENTAL
2011 - 1º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LINGUA PORTUGUESA 1
2011 - 1º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LINGUA PORTUGUESA 1
2010 - 2º Semestre	CIÊNCIAS SOCIAIS	LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO
2010 - 2º Semestre	LETRAS	LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO EM LÍNGUA PORTUGUESA
2010 - 2º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LÍNGUA PORTUGUESA 3
2009 - 2º Semestre	CIÊNCIAS SOCIAIS	LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO
2009 - 2º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LINGUA PORTUGUESA 1
2009 - 2º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LINGUA PORTUGUESA 1
2009 - 2º Semestre	PEDAGOGIA	SABERES E METODOLOGIAS DA LÍNGUA PORTUGUESA 2
2009 - 1º Semestre	HISTÓRIA	LÍNGUA PORTUGUESA
2009 - 1º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LINGUA PORTUGUESA 1
2009 - 1º Semestre	LETRAS	ESTÁGIO SUPERVISIONADO DE LINGUA PORTUGUESA 1

Fonte: Sistema Acadêmico Ufal.<sup>31</sup>

Como pode ser visto acima, realizei um trabalho didático com 48 turmas de graduandos em Letras Português/Fale/Ufal na disciplina "Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa 1". Nesse período, também, em 2011 e 2012, encaminhei propostas em duas turmas de "Tecnologias e ensino de Língua Portuguesa". Gostaria de comentar aqui esse percurso de 12 anos, destacando essas duas áreas relacionadas ao Ensino de Língua.

Os desafios enfrentados na disciplina *Tecnologias e ensino de Língua Portuguesa* estavam relacionados precisamente às minhas escassas habilidades com os recursos e instrumentos tecnológicos. Já havia feito um curso sobre o *Moodle* para ministrar disciplinas nos cursos de Educação a Distância/EAD, e já havia gravado aulas para esses

<sup>31</sup> Para simplificação do Quadro de Disciplinas, foram retirados código e carga horária do Diário de Classe Eletrônico do site da Ufal:  
<https://sistemas.ufal.br/academico/diariodeclasse/listatodasturmas.seam?cid=8803>

cursos nos estúdios da TV Educativa. Tudo com o apoio do eficiente pessoal da Cied-Coordenadoria Institucional de Educação à Distância da Ufal. Agradeço imensamente as orientações de Guilmer Brito, sempre disposto a participar de minhas aulas de graduação e mestrado, para esclarecer o funcionamento de aplicativos educacionais. Ainda este ano recorri a ele com mensagens de *watzap* para me socorrer na organização da disciplina do Período Excepcional na pandemia.

Para encaminhar a disciplina eu me colocava sempre este pressuposto: mesmo quem domina bem a tecnologia, não vai poder ministrar sozinho a disciplina; desse modo, posso encaminhá-la com a parceria de um especialista na área das TICs! E foi assim, sempre buscando ajuda de quem poderia me dar, num trabalho de compartilhamento e concretização de ideias, que fui adquirindo habilidades que se aperfeiçoam dia a dia. Ainda tenho um depoimento<sup>32</sup> gravado pelos alunos da disciplina, em que revelo como foram eles que "de repente"<sup>33</sup> ensinavam à professora aprendiz.

Os *Estágios Supervisionados de Língua Portuguesa 1 e 2* passaram a fazer parte do Projeto Pedagógico do Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e a ser mediada por professores desse curso. A partir do quinto semestre, o aluno começa a realizar atividades de estágio supervisionado, as quais se estendem até o último semestre. Essa formação só pode ser atingida através de uma prática que viabilize um real contato entre estágio e instituições educacionais. É no seu local de estágio que o aluno entende a significação da escola e o laço que ela possui com a comunidade, percebendo como deve ajustar o conteúdo curricular adquirido no Ensino Superior à sala de aula do Ensino Fundamental ou Médio.

Para o estabelecimento desse contato entre as ações do Estágio Supervisionado e as Instituições Educacionais a Fale estabelece parcerias e convênios com escolas do sistema de ensino de Alagoas, compartilhando com elas ações e projetos que atendam os interesses e demandas tanto das escolas quanto da formação inicial dos professores em curso.

Com o propósito de encaminhar o aluno nas primeiras práticas de sala de aula de Língua Portuguesa, um diferencial adotado ainda hoje está no caráter colaborativo com as escolas das redes de ensino. O chamado "estágio colaborativo" me foi apresentado em

---

<sup>32</sup> Link do depoimento acessado pelo Google Drive: <https://drive.google.com/drive/my-drive>

<sup>33</sup> Uma referência à afirmação atribuída a Guimarães Rosa de que "Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende", retomada por tantos outros como Paulo Freire ("Quem ensina aprende ao ensinar. E quem aprende ensina ao aprender") e Cora Coralina ("Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina").

discussão e planejamento com a professora e amiga Eliana Kefalás, recém doutora da Unicamp, admitida à época no quadro da Fale, através de concurso público.

Em vez da prática tradicionalmente adotada de alocação dos estagiários em salas de aulas das redes para observação do que os professores faziam no cotidiano escolar, prática que muitas vezes impedia professores e escolas de aceitarem estagiários com receio de críticas aos métodos e procedimentos adotados, a universidade chega para somar, para compartilhar e colaborar com a efetiva aprendizagem dos alunos.

No primeiro contato com a escola e o/a professor/a isso já fica esclarecido. E, em reuniões com o/a docente, procuramos nos inteirar da situação de aprendizagem da turma quanto às habilidades de leitura, escrita, oralidade para, em seguida, realizar uma atividade de sondagem. A partir daí, o projeto temático de ações no estágio é planejado, desenvolvido e avaliado. Dentre os temas já desenvolvidos, a partir das necessidades das turmas-referência, estão:

- Reescrita e Intervenção Didática
- Escuta, leitura e escrita com foco no gênero textual
- Letramentos: práticas de oralidade e escrita em diferentes linguagens
- Compreensão leitora e letramento
- Jogos e ensino de língua portuguesa
- O erro ortográfico regular e irregular em manuscritos escolares
- Interferências na ortografia dos textos dos alunos.

Desde a primeira visita dos estagiários à escola, Eliana Kefalás nos mostrou um caminho reflexivo, quando nos apresentou um roteiro intitulado "*Caracterização da escola: um olhar curioso sobre a dinâmica da instituição campo de estágio*", mostrando um momento de aproximação da realidade escolar como um todo, um exercício de observação para se compreender a complexidade da organização da escola, e a dinamicidade do seu cotidiano. Uma observação interativa de estabelecimento do primeiro vínculo do estagiário com a escola.

Fica claro para o estagiário que o seu papel não é o de "julgar e verificar a qualidade do trabalho da escola campo de estágio, mas o de poder compreender as nuances dessa instituição, sua teia de relações, sua forma peculiar de estruturação", diz ela no roteiro de orientações. Mesmo nesse momento de caracterização, interessa o levantamento de dados, mas também o estabelecimento de "um olhar curioso e atento" para os espaços que constituem e organizam a escola.

Essa nossa postura tem mudado o relacionamento com as escolas parceiras. A academia não chega para vigiar, aplicar teorias ou executar métodos, mas para que o professor em formação possa, no dizer de Pietri (2018, p. 28) "desenvolver um olhar mais atento às diferenças e mais questionador das desigualdades quando posicionado segundo uma perspectiva etnográfica, que repele a ideia de conformidade e de adequação".

O "estágio colaborativo" tem nos mostrado um diferencial cujas metodologias de formação pretendo socializar em um livro daqui a algum tempo. Está aqui anunciado um dos meus "Novos Desafios"!

Uma experiência inusitada de ação de estágio surgiu quando partilhei com a profa. Andréa Pereira os encaminhamentos para o Estágio 3 no Período Letivo Excepcional-PLE, devido à pandemia do Coronavírus.

Em função disso, as atividades de observação e planejamento para regência em sala de aula da Educação Básica foram repensadas e tiveram os conteúdos e atividades selecionados como "possíveis de serem trabalhados/desenvolvidos" no formato não presencial, garantindo "a viabilidade de acesso e as possibilidades oferecidas por ferramentas interativas em diferentes linguagens", de acordo com as orientações institucionais (UFAL, 2020/2021) para o período de Atividades Acadêmicas Não Presenciais (AANPs)<sup>34</sup>.

Desse modo, discutimos objetivos e conteúdos para um trabalho com textos multimodais com os estagiários, apresentando princípios teóricos e recursos metodológicos para a prática do professor de língua portuguesa. Os estagiários interagiram com professores das Redes de Ensino que estavam desenvolvendo propostas não presenciais; e construíram atividades de língua portuguesa, considerando diferentes gêneros e portadores dos textos multimodais.

A disciplina foi desenvolvida na Plataforma *Moodle/Ufal* e em encontros síncronos, para abordagem dos seguintes tópicos:

Tópico 1 APRENDER – Linguagem contemporânea na escola – com discussão de textos, vídeo palestras e vídeo entrevistas apresentados por especialistas sobre o tema;

Tópico 2 CONSTRUIR – Várias linguagens em um só produto – com planejamento e construção de uma proposta de atividade multimodal, utilizando diferentes linguagens;

Tópico 3 ENSINAR – Preparação de uma proposta didática construída para a prática com alunos de uma turma referência do ensino fundamental.

---

<sup>34</sup> Participamos da Comissão Especial de Estágios Obrigatórios do Fórum das Licenciaturas dos Cursos de Graduação da Ufal, para a organização dessas orientações institucionais.

Tópico 4 EXPERIMENTAR – Vivências e experimentos com textos multimodais: 1) Paisagens sonoras; 2) A escuta das pinturas; 3) A imagem e o silêncio; 4) O visual urbano e suas vozes, fundamentado em leituras indicadas na Revista Bakhtiniana PUCSP.<sup>35</sup>

As propostas didáticas multimodais construídas pelos estagiários foram postadas na Plataforma *Moodle*/Ufal e no *Blog* das disciplinas de Estágio Supervisionado da Fale<sup>36</sup>, repositório onde são oferecidos subsídios teóricos e práticos para a formação de professores, articulando temáticas ligadas aos letramentos e ao uso da tecnologia. As propostas finais multimodais e multimídias desenvolvidas foram publicadas nesse espaço, para serem socializadas com a comunidade docente mais ampla da rede pública de Alagoas com a qual trabalhamos diretamente nas atividades ligadas ao Estágio na Fale/Ufal.

Chegamos a apresentar a experiência: "Multiletramentos no Ensino Remoto: ideias práticas com gêneros digitais híbridos no estágio supervisionado em Linguística no Curso de Letras-Português" no evento: "II Reunião Tecnologias Digitais e Metodologias Ativas-TDMA", ocorrido de 8 a 11/2/2021 na Ufal, em modo remoto.<sup>37</sup>

Durante esse tempo, tenho sempre as seguintes questões a cada semestre e com cada turma de Estágio em Letras: Como tenho transformado as minhas práticas de professora-formadora no Estágio Supervisionado? O que tenho feito além daquilo que é “técnico” nessa formação de professores?

Percebo-me, então, nesses últimos três anos, revendo a estrutura das minhas propostas de avaliação do semestre para os alunos quando, além da solicitação de um texto científico com base nas leituras e discussões em sala e nas ações em campo, peço-lhes também um “Relato Pessoal” sobre o que aprenderam, sobre o que vivenciaram, sobre os meses de estudo e planejamento para entrarem pela primeira vez na sala de aula. Foi aqui que comecei a ouvi-los, efetivamente. Foi aqui que percebi, manifestada em seus relatos pessoais, a potência decisiva para a carreira de professor de Língua Portuguesa.

Esses relatos têm-me surpreendido! Em todos os meus anos de trabalho didático jamais havia recebido narrativas tão reflexivas! Deixo aqui três fragmentos, no meio de tantos, como exemplos:

---

<sup>35</sup> Link para acesso aos textos da Revista:

<https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/43116>

<sup>36</sup> Link para o Blog da Disciplina: <https://repositoriodosestagiosport.blogspot.com/>

<sup>37</sup>A apresentação no evento está disponibilizada no canal Reunião TDMA UFAL no YouTube, na programação do dia 11/2/2021, período temporal de 01:26:51 a 01:50:52 Link para acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=XJR Lv8pW5A&amp;t=1340s>

Ana Paula cita os temores e receios de uma professora-aprendiz:

“Nesses dois meses de aulas, o acesso a materiais voltados para a profissão docente tem me proporcionado a descoberta de um mundo ao mesmo tempo desconhecido e temido para mim, a saber, o da leitura em Língua Portuguesa, sobretudo no que se refere ao ensino de literatura. No entanto, o contato com os materiais indicados pela professora fez com que o receio fosse, aos poucos, substituído por novas possibilidades de ensino. Junto a isso, permitiu o acesso a educadores que, apesar dos obstáculos, acreditam na educação como meio mais eficaz para a conscientização e a transformação da sociedade.”

Flávia registra suas perspectivas para a “sedução” na formação do aluno-leitor:

“A partir desse ponto de vista, pretendo, enquanto professora, procurar a melhor maneira de seduzir meus alunos ao mundo das palavras, língua, da leitura, da literatura, para que se tornem mais abertos ao mundo enquanto seres humanos e para que construam conhecimentos significativos, que perdurem ao longo de suas vidas. A leitura, reconheço, será meu primeiro instrumento: suas formas de manuseio, que pretendo que sejam diversas, visarão a uma participação mais ativa de cada estudante na construção de seu próprio processo de ensino.”

Mas nenhuma resposta me emocionou mais do que as três laudas (destaco apenas quatro parágrafos) do Relato de Ednelson que fala da “partilha de esperanças, crenças e projetos, mas igualmente frustrações, medos e críticas, acerca do fazer docente no Brasil e especialmente em Alagoas”:

“Em meu processo de formação como professor de Língua Portuguesa, indubitavelmente, as leituras e os diálogos em sala de aula foram fundamentais, uma vez que o deslocamento perceptivo me parece uma circunstância *sine qua non* de toda transformação. Ademais, a concentração em qualidade de leitura e não em quantidade, avalio, foi uma escolha acertada na disciplina Estágio Supervisionado de Língua Portuguesa 1. Ao conduzir cada encontro na faculdade por meio desse enfoque, a professora orientadora conseguiu produzir uma conjuntura favorável à ampla apreensão de tudo o que o material selecionado poderia render. [...]

Na partilha de esperanças, crenças e projetos, mas igualmente frustrações, medos e críticas, acerca do fazer docente no Brasil e especialmente em Alagoas, foi tecida uma rede de autoanálise e colaboração empática, no crescimento de si e do outro. Desse modo, a disciplina prezou – de acordo com a minha análise – pela sensação de pertencimento a um grupo, atributo positivo para mim.

Como foi dito antes, os instantes de expressão da idiosincrasia de cada estudante que compõe a turma não se limitaram a ser um mero muro das lamentações. Eles desempenharam a função de metacognição, desenrolar dos fios discursivos que permeiam o nosso estar no mundo. Se eu tivesse de falar de outra forma o que significou a metodologia das aulas ministradas, diria que ela foi uma sementeira socrática, cujo broto é o aluno-protagonista mais bem preparado para o fluxo de pensar e repensar o mundo e saudavelmente desconfiado das ideias que o circundam. [...]

Por fim, tendo a posse do que penso, do que li e do que vivi, nutro o anseio de chamar a atenção de pessoas para como as nossas vidas (íntimas e em sociedade) são tramas de signos não naturais, e sim montados; abrindo brechas no sistema para revoluções pessoais e coletivas. Enfim, lidando com a língua, terei mais condições de empoderar vozes que de outra forma – talvez – seriam subjugadas por um sistema excludente.”

Entre a primeira e a segunda questão da minha proposta percebi dualidades possíveis: entre a razão e a emoção; entre o indivíduo e o sujeito; entre o aluno/professor e a pessoa; entre o exterior e o interior; entre o emerso e o submerso, num desvelamento da metáfora do *iceberg*. Como se, de um *iceberg*, a água de repente secasse e me mostrasse tudo o que estava encoberto.

*[...] Também a experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à educação. Educamos para transformar o que sabemos, não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a educar é a possibilidade de que esse ato de educação, essa experiência em gestos, nos permita libertarmos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos, para ser outra coisa além do que vimos sendo.*

(Jorge Larrosa e Walter Kohan, na apresentação de "O mestre ignorante", de Jacques Rancière)

## 2.2 Pós- Graduação:

### 2.2.1 PPGE: 2006- 2016

O Programa de Pós-Graduação em Educação/PPGE/Cedu/Ufal foi a minha escola de docência na pós-graduação. Inserida na Linha de pesquisa "Aquisição da Linguagem e Ensino de Língua", com as profas. Maria Auxiliadora, Inez Matoso, Marinaide e Nadja Naira, que já participavam do Nepeal (Núcleo de Pesquisas em Alfabetização), firmei o meu caminho como pesquisadora, até o momento atual, no Grupo de Pesquisa: "Ensino, Texto & Criação", coordenado pelo meu orientador do doutorado Prof. Eduardo Calil.

Posso afirmar que esse foi um dos períodos mais produtivos da minha carreira acadêmica, com intensa participação em eventos locais, regionais, nacionais e internacionais, além das disciplinas ministradas no Programa de 2009 a 2016:

- Fundamentos de Educação e Linguagem;
- Tópicos Avançados em Aquisição de Linguagem;
- Tópicos em Aquisição de Linguagem: O Texto Literário e as Propostas de Produção Escrita no Livro Didático;

- Manuscrito Escolar, Ortografia e Interferência Didática;
- Tópicos em Aquisição de Linguagem: Produção Textual e Prática Escolar;
- Tópicos em Aquisição de Linguagem: O Manuscrito Escolar-possibilidades de análise”.

A pesquisa para a tese e os estudos para ministrar essas disciplinas abriram caminhos para a definição dos temas no meu percurso como professora, pesquisadora e formadora de professores na interligação das áreas de Linguagem/Educação: os fenômenos da aquisição da linguagem, o trabalho didático para a produção textual em sala de aula, a análise do "manuscrito escolar", nomenclatura proposta por CALIL (2008), a reescrita de textos e a intervenção didática, o estatuto da rasura, entre outros relacionados principalmente à escritura. Esses são os vieses que estiveram presentes nos temas das 14 dissertações orientadas<sup>38</sup> por mim no Programa:

- *Reescrita de textos na escola: a singularidade da escrita pela interferência do professor*, Regina Lúcia Buarque da Silva, 2009.
- *“A argumentação está na língua”*: um estudo dos modificadores em textos argumentativos de alunos do ensino médio, Maria Verônica Tavares Neves, 2010.
- *Erro ortográfico e singularidade: a relação entre os significantes no funcionamento linguístico-discursivo*, de Roseane Maria dos Santos, 2010.
- *Erro ortográfico: possibilidades e impossibilidades no funcionamento linguístico-discursivo*, Adriana da Silva Vieira, 2011.
- *As condições metodológicas de produção escrita dos alunos do ensino médio noturno da Rede Estadual de Alagoas*, de Keli Cristina Messias Rey, 2012.
- *A reformulação como índice de autoria: um estudo dos manuscritos poéticos de Da Paz Oliveira*, Maria de Fátima Silva de Figueiredo, 2012.
- *A intertextualidade como critério para textos criativos*, Bruno Jaborandy Maia Dias, 2014.
- *O manuscrito escolar e as funções da rasura na escrita colaborativa de uma díade do 2º ano do ensino fundamental*, Célia Cristina Monteiro de Oliveira, 2015.
- *A construção da autoria em textos de alunos do 7º e 8º anos do ensino fundamental: a pontuação no gênero memórias literárias*, Cleide Calheiros da Silva, 2015.

---

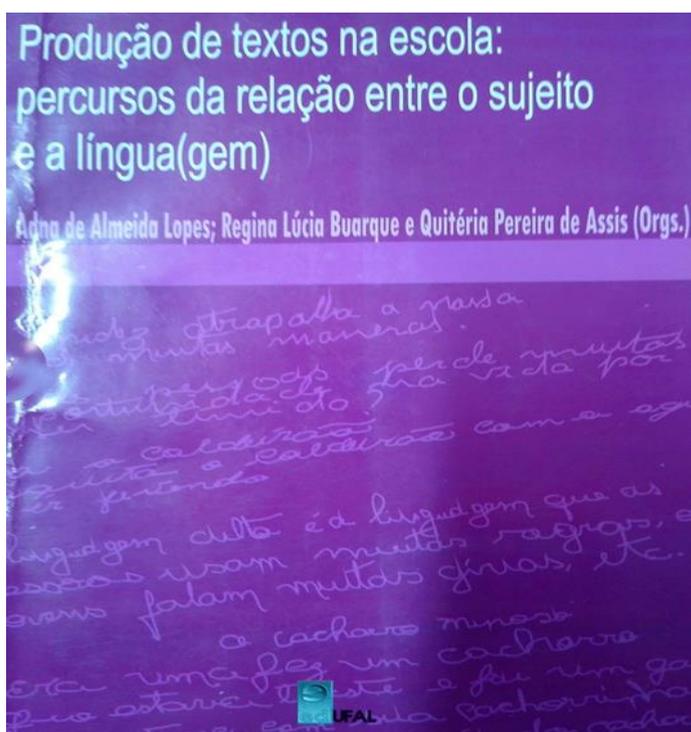
<sup>38</sup> Orientações inseridas e validadas no Currículo Lattes CNPq. Acesso: <http://lattes.cnpq.br/4061859895008214>

- *A intervenção didática no processo de produção textual de alunos participantes da Olimpíada de Língua Portuguesa-OLP*, Karolynne Kaya Maria Amorim Moura, 2016.
- *A construção do sentido em produções escritas na escola: um olhar enunciativo para a rasura*, Laudicéa Maria de Souza, 2017.
- *As rasuras como indícios da mudança de sentido do discurso em rascunhos de redações do ENEM*, Malanne de Barros Barbosa, 2017.
- *Entre a escrita e a revisão: a criação de fábulas por alunos do 3º ano do ensino fundamental*, Salezia Magna de Oliveira Costa, 2018.
- *Marcas do saber em narrativas autobiográficas de professoras em formação*, Wilton Carneiro Barbosa, 2018.

Além das publicações como artigos e capítulos de livros, participei da organização de dois livros, um com as mestrandas Regina e Quitéria e o outro com a Profa. Laura Pizzi:

- *Produção de Textos na Escola: percursos da relação entre o sujeito e a língua(gem)*, organizado por Adna de A.; BUARQUE, Regina L. & ASSIS, Quitéria P., 2011.
- *Trabalho e formação docente: saberes e práticas em diferentes contextos*, organizado por PIZZI, Laura C. V & LOPES, Adna de A., 2012.

Figura 5: Capa do livro PPGE, publicado em 2011.



Fonte: Edufal.

. Figura 6: Capa do livro PPGE, publicado em 2011.

# TRABALHO E FORMAÇÃO DOCENTE:

SABERES E PRÁTICAS EM DIFERENTES  
CONTEXTOS

Laura Cristina Vieira Pizzi e Adna de Almeida Lopes (Org.)



Fonte: Edufal.

O grande desafio no PPGE foi a minha estreia em liderança administrativa quando participei do Órgão Colegiado do Programa como vice-coordenadora, de 2013 a 2015. Primeiramente com a Profa. Deisy Fabiano e, em seguida, com o Prof. Walter Matias Lima, parceiros e amigos ainda hoje.

Tudo no PPGE tinha uma dimensão de grandiosidade no enfrentamento dos desafios, tendo em vista constituir-se de um dos maiores programas de pós-graduação da Ufal, com uma média 400 candidatos nos processos anuais de seleção. Desse modo, tudo no PPGE envolvia grandes e necessárias discussões, e organização de diferentes equipes, para, entre outras ações:

- Construção de Regimentos e Resoluções;
- Organização de Editais de Seleção;
- Normas para credenciamento de docentes;
- Revalidação de Diplomas de Dissertações e Teses externas à Ufal;

- Seleção de candidatos ao Programa - regulares e especiais;
- Elaboração de provas de seleção;
- Organização das equipes de avaliação das provas de seleção;
- Normas e critérios para equipes de recursos de candidatos;
- Organização de informações para a Plataforma Sucupira;
- Processos seletivos para bolsas;
- Calendário de distribuição de disciplinas;
- Propostas de organização para o EPEAL- Encontro de Pesquisa em Alagoas;
- Pareceres em submissões dos eventos internos e externos.

A atuação em pós-graduação requer estudo, trabalho e produção, produção, produção... Na avaliação do trabalho acadêmico tem pesado o fator de impacto por critérios quantitativos. Li recentemente que universidades no exterior começam a discutir o peso da avaliação desse trabalho apenas pelo fator de impacto, por critérios exclusivamente numéricos, como o de fator-H na publicação de artigos em revistas de alto impacto. As discussões apontam para a substituição por critérios qualitativos "como ações para a promoção da ciência aberta e o trabalho em grupo".<sup>39</sup> Que assim seja!

## 2.2.2 PROFLETRAS: 2015-atual

Participar do Mestrado Profissional em Letras/Profletras parece ter sido um encontro de todas as minhas experiências: de professora (do ensino básico à pós-graduação), de formadora (da formação inicial de graduandos à formação continuada de professores das Redes), e de coordenadora (de projetos de ensino e extensão aos de pós-graduação). Foi um grande encontro, composto por encontros bem singulares: com egressos do curso de Letras da Fale, ex-alunos de disciplinas passadas (distantes e não distantes) e professores de tantas cidades do interior onde ministrei cursos e formações (pelos PCN, PROFA, Pro-Letramento e OLP). Em cada nova turma é com alegria que revejo profissionais que já passaram pelas minhas aulas! Ainda mais quando comentam:

---

<sup>39</sup> Referência ao artigo "É hora de dissociar fator de impacto de qualidade de pesquisa". Jornal da UNESP, 06/07/2021, [jornal.unesp.br/2021](https://jornal.unesp.br/2021). Link: <https://jornal.unesp.br/2021/07/06/e-hora-de-dissociar-fator-de-impacto-de-qualidade-de-pesquisa/>

"Professora Adna, você está do mesmo jeito!" ao que respondo modestamente: "Que nada!"

Como devem saber, o Profletras é um mestrado em Rede Nacional com sede na UFRN que tem como objetivo qualificar professores de Língua Portuguesa da rede pública de ensino em efetivo exercício. Tem como área de concentração "Linguagens e Letramentos" e três linhas de pesquisa: I-Teorias da Linguagem e Ensino e II-Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes e III-Ensino da Literatura. Abarcados por esses três vieses, estão grupos de pesquisas diversificados que oferecem aos mestrandos, nas disciplinas e orientações, possibilidades de conhecimentos e conceitos necessários às práticas de sala de aula, a saber: as gêneses sociais; o discurso em diversos contextos; o texto, a leitura, a escritura e a criação; a alfabetização e o letramento; as perspectivas interdisciplinares; as Línguas Brasileiras; e a inserção da tecnologia no ensino de língua materna.

É oferecido pela Faculdade de Letras/Fale/Ufal desde 2013, sob a organização e coordenação da Profa. Andréa Pereira até 2015. No ano seguinte, o Colegiado do Programa nos elegeu (Adna, como coordenadora e Aldir, como vice) para a coordenação do Programa por dois anos, reconduzidos por mais dois.

Nesses seis anos de atuação no Profletras ministrei as disciplinas: Texto e Ensino; Gêneros Textuais/discursivos e Práticas Sociais; Alfabetização e Letramento; Ensino da Escrita, Didatização e Avaliação; e Gramática, Variação e Ensino. E orientei as seguintes dissertações:

- *A referenciação em textos de alunos da EJA quando reescrevem capítulos da obra "Vidas secas" de Graciliano Ramos*, Flávia Leônia Ferreira da Rocha, 2015.
- *Escrita e reescrita de crônicas por duplas de alunos da EJA: os avanços quanto aos aspectos macrotextuais*, Ana Daniela Martins Silva Pimentel, 2016.
- *Identidade & Memória: produção e refacção de textos por alunos do 8º ano do ensino fundamental*, de Jênnifer Patrícia de Araújo, 2017.
- *"Nosso texto vai para o blog, professora?"-uma experiência com a produção de hipertextos para um blog informativo por alunos do ensino fundamental II*, de Karine de Oliveira Cândido, 2018.
- *Os mecanismos de coesão e coerência para a configuração de reportagens, sobre as profissões do lugar, escritas por alunos do 9º ano do ensino fundamental*, Maria Quitéria da Silva, 2019.

- *A construção de argumentos em diários de leituras produzidos por alunos do 6º ano do ensino fundamental*, Polyanna Paz de Medeiros Costa, 2020.

- *Letramento Literário: a formação de alunos da EJA como mediadores de leitura*, Jeane Cristina Rodrigues do Nascimento, 2020.

- *Letramento Digital em turma de 8º ano do ensino fundamental: potencialidades e desafios no trabalho didático com a leitura e a escrita*, Maria Luiza de Oliveira Melo 2021.

Em andamento, encontra-se o projeto do mestrando Jackson Santos de Oliveira, egresso do Curso de Letras Português da Fale/Ufal, e meu aluno na disciplina Língua Portuguesa 1 nos idos de 2006, ou seja, há 15 anos! Um desses encontros que o Profletras e a vida nos trazem! Particpei da sua formação inicial e agora, oriento sua pesquisa rumo à finalização do mestrado!

Na coordenação do Profletras, vivemos dias de desafios, mas de muita aprendizagem, engajamento e compromisso com o Programa. Organizamos, juntamente com o Colegiado, os principais eventos: as Aulas Magnas e os Seminários de Pesquisa, os SEPEs.

Nesses momentos, além das palestras de professores convidados, os docentes e discentes apresentavam trabalhos que demandavam produtivos debates. Eram momentos importantes para os ingressantes socializarem suas pesquisas em andamento, uma vez que as discussões os ajudavam nas decisões e caminhos a serem tomados. Destacamos aqui a parceria com o PPGLL-Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Fale/Ufal, quando da realização do Congresso Internacional da Abralín, realizado em Maceió no início de 2020.

O I SEPE-Seminário de Pesquisas do Profletras já havia se realizado no dia 29 de janeiro de 2016, no Auditório Heliônia Ceres/Fale/Ufal e coordenado pela profa. Andréa Pereira, juntamente com o Colegiado do Programa.

Na gestão, organizamos três SEPEs também como ação do Colegiado do Programa Profletras e a ativa participação dos mestrandos. Com o financiamento da Capes, o planejamento da Fundepes e todo o apoio da Coordenação Nacional do Programa, representada pela Profa. Dra. Maria da Penha Casado Alves, e da Direção da Faculdade de Letras, pela Profa. Dra. Rita de Cássia Souto Lima, foi possível dar abrangência na divulgação dos eventos:

## II SEPE – SEMINÁRIO DE PESQUISAS DO PROFLETRAS:

*Língua e Literatura – pesquisa e intervenção em sala de aula - 30/11 a 1º/12/2017*

III SEPE – SEMINÁRIO DE PESQUISAS DO PROFLETRAS:

*Língua e Literatura: práticas pedagógicas em diferentes linguagens - 5 e 6/12/2018*

IV SEPE – SEMINÁRIO DE PESQUISAS DO PROFLETRAS:

*Interfaces entre pesquisa e ensino de Língua e Literatura - 28 e 29/11/2019*

O apoio Capes possibilitou a vinda de professores-pesquisadores da área, como:  
Profa. Irandé Antunes e o escritor Marcelino Freire.

Figura 7: Logo do III SEPE



Fonte: Magno Dellano da Rocha, Diretor de Criação da Digital Torus.

Figura 8: Logo do IV SEPE

IV seminário de pesquisa profletras

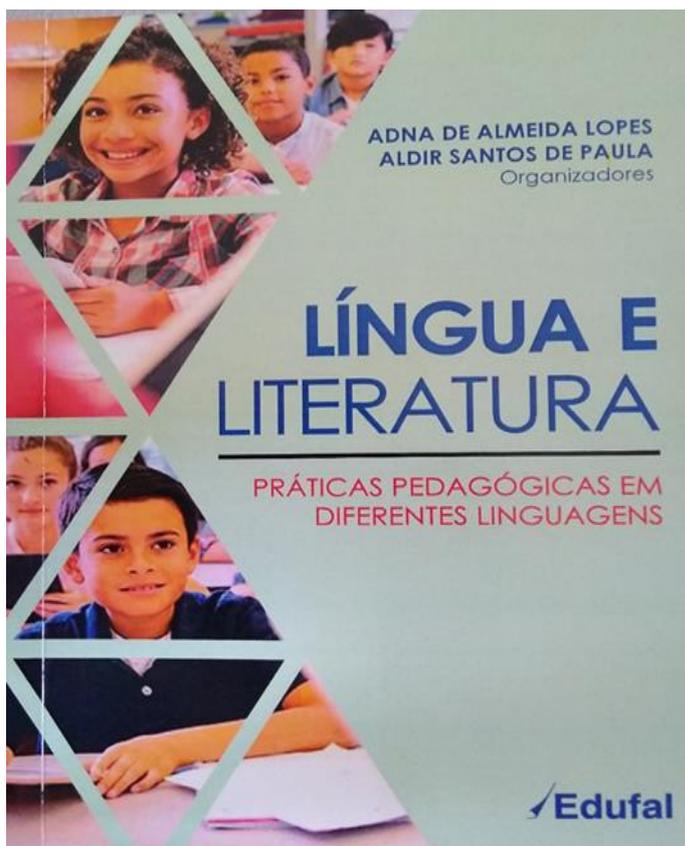


Fonte: Artboard de Ana Luíza Ribeiro.

Outra concretização do apoio da Capes, aconteceu no VI SEPE, em 28/11/2019, às 17h., no Auditório da Biblioteca Central, com o lançamento do livro: "Língua e Literatura: práticas pedagógicas em diferentes linguagens", uma coletânea de pesquisas e práticas desenvolvidas ao longo dos seis anos do Programa, com o objetivo de fomentar discussões sobre as pesquisas e propiciar a interlocução e intercâmbios acadêmicos entre pesquisadores – discentes e docentes do Programa – e da comunidade em geral.

Os trabalhos apresentam recortes do universo de pesquisas realizadas nas Linhas do Programa e apresentam reflexões sobre acontecimentos, ações e atividades de salas de aula nas redes de ensino alagoanas. Os temas vão de narrativas digitais a memórias socioculturais; abarcam da diversidade de gêneros textuais à pluralidade de letramentos. A publicação dessas práticas de professores das redes estadual e municipal do nosso estado constituiu sementes plantadas neste mestrado profissional em Letras! Estabeleceu-se, com isso, um entendimento do que representa para o ensino de língua portuguesa a divulgação desses trabalhos!

Figura 9: Capa do livro Profletras, publicado em 2019



Fonte: Edufal.

Deixo aqui uma homenagem especial ao Colegiado do Profletras, pelo compromisso e pela vontade de mudança dos queridos colegas professores Aldir, Fabiana, Inez, Lígia, Eliana, Helson, Andréa, Luiz Fernando e secretário Pedro Elísio.

Muitas histórias relacionadas à alegria de estar no Profletras poderiam fazer parte deste Memorial! Quero apenas concluir o capítulo com algumas lembranças e reflexões sobre as possibilidades dos momentos inusitados de formação.

Os locais de formação nem sempre são uma sala de aula, um ambiente formal de encontro de professores ou mesmo auditórios de eventos e congressos! Não consigo medir a potência de ambientes formativos "horizontais"<sup>40</sup>. E que ambientes são estes? Durante todos esses anos como professora tive sempre o prazer de estar em cafés, lanchonetes, barzinhos e restaurantes, conversando com parceiros de outras áreas e cursos, ou com amigos e colegas. Esses papos trouxeram, muitas vezes, *insights*, esclarecimentos e relações com conhecimentos teóricos e com a prática didática.

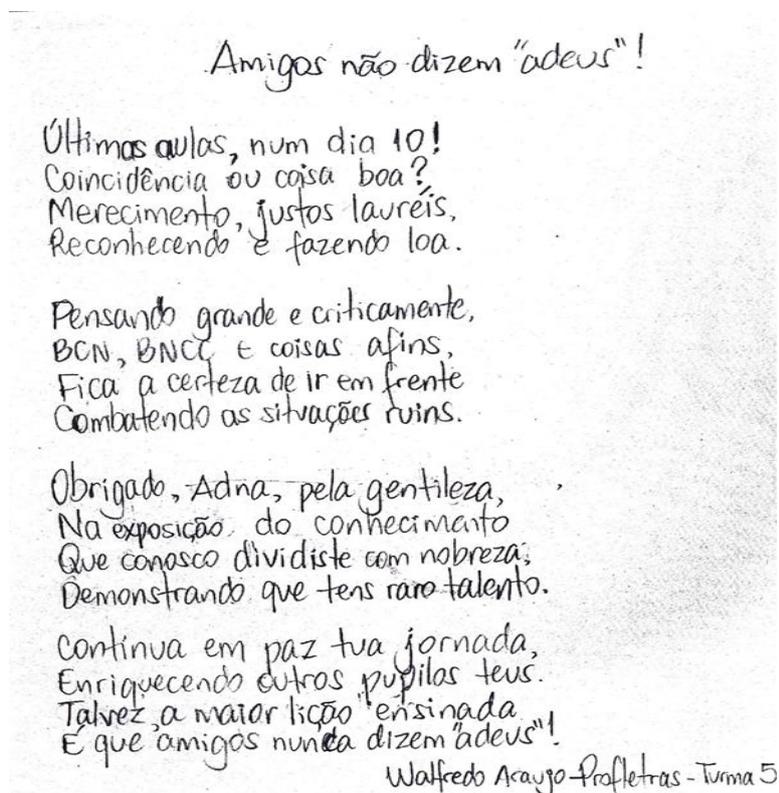
---

<sup>40</sup> "Experiência formativa horizontal" expressão utilizada por Soligo (2018), no curso Via Cartas, para definir uma experiência de formação provocada pela conversa entre pares, entre amigos, mesmo aqueles que não trabalham no mesmo local.

Nas aulas do Profletras esses ambientes de formação se mesclavam! As aulas presenciais às sextas-feiras (o dia todo!) não deixavam de ter o "lanchinho" (as aspas marcam justamente o contrário!) do intervalo, com delícias trazidas de cada cidade onde residiam os mestrandos. E tinham os almoços nos restaurantes da Universidade! A turma se juntava numa grande mesa num momento informal de curiosidades, informações e aprendizagens regadas ao molho e finalizadas com sucos da terra; arrematadas, ainda, com as sobremesas: doce de banana e pudim caseiros!

Como já falei, os mestrandos do Profletras aqui do Estado ou são meus ex-alunos da graduação da Fale ou dos cursos de formação de professores. Mas encontrei um que não pertencia a nenhum desses dois grupos: Walfredo! Ele era aquele colega da turma de Inglês, do vestibular 1987, que havia se tornado um grande amigo! Como fiquei feliz em vê-lo na relação dos aprovados, agora como mestrando!

Em uma de nossas últimas aulas presenciais antes da pandemia (2019), no momento final da disciplina "Ensino da escrita, didatização e avaliação", Walfredo, escritor e poeta, leu para a turma o poema a seguir, que havia feito ali mesmo naquela aula. E é com ele que concluo o meu depoimento sobre o Programa.



### 3. PESQUISA



**Narradores de Javé**<sup>41</sup> - Somente uma ameaça à própria existência pode mudar a rotina dos habitantes do pequeno vilarejo de Javé. Quando se deparam com o anúncio de que a cidade pode desaparecer sob as águas de uma enorme usina hidrelétrica, adotam uma ousada estratégia: decidem preparar um documento contando todos os grandes acontecimentos heroicos de sua história, para que o lugar possa escapar da destruição. Como a maioria dos moradores são analfabetos, a primeira tarefa é encontrar alguém que escreva as histórias.<sup>42</sup>

#### 3.1 O Programa de Educação Tutorial - PET

A minha atuação no PET Letras da Ufal tem duas dimensões: como bolsista de iniciação científica na graduação e, logo em seguida, como colaboradora até o momento presente, participando:

- de bancas de seleção de bolsistas;
- de bancas de avaliação de concursos e prêmios;
- de cursos de formação para os grupos de bolsistas;
- de cursos abertos nos eventos do programa;

<sup>41</sup> NARRADORES de Javé. Direção: Eliane Caffé. Brasil/França, RioFilme, 2003.

<sup>42</sup> Sinopse disponível em: <https://www.papodecinema.com.br/filmes/narradores-de-jave/>

- de projetos desenvolvidos pela equipe petiana;
- do programas de extensão como o Programa de Apoio aos Estudantes das Escolas Públicas do Estado - PAESPE;
- de todas as edições da Semana de Letras, da I até a XII com o tema "Arte & Ciência: A interdisciplinaridade da linguagem", em 2019.

Parabenizo aqui a atuação das coordenadoras que assumiram o PET Letras com a aposentadoria da professora Maria Denilda Moura: a profa. Núbia Rabelo Bakker Faria e, atualmente, a Profa. Fabiana Pincho de Oliveira. Agradeço pela parceria e pela amizade!

O que eu quero dizer aqui sobre o PET encontrei nos meus arquivos bem guardados em pendrives e HDs! Reitero, hoje, cada uma das minhas palavras na mesa redonda das comemorações dos 25 anos do Programa, no auditório da Reitoria da Ufal em 16/05/2013:

Participantes desta mesa, Colegas professores, Colegas ex-petianos, Orientandos.

Estou aqui nesta Universidade há 25 anos! Em nenhum momento arredei o pé deste chão! Percorri, antes de ser professora efetiva (há 10 anos), um caminho de 15 anos, passando pela Iniciação Científica, Aperfeiçoamento, Mestrado, Doutorado e Docência Temporária.

Tenho observado e vivenciado mudanças e transformações nesta Universidade. Mas, especificamente ao Programa Especial de Tutoria-PET, duas delas têm me levado fazer reflexões.

A 1ª reflexão diz respeito ao ACESSO dos jovens estudantes – a abertura a um número maior de alunos participantes – lembro-me que questionava sempre, à época em que integrava o grupo PET Letras: Por que mais alunos não participam? Por que essa oportunidade não é estendida a outros alunos do curso? Por que não se aumenta o número de bolsas? Hoje, vejo essas minhas expectativas realizadas quando passo pelos corredores da Fale e vejo a sala do Pet tão movimentada e com tantos alunos pesquisadores. O nosso primeiro grupo de 4 bolsistas (eu, Sueli, Cristóvão, Ana Galdino) se reunia na pequena sala da Profa. Maria Denilda Moura, cujas iniciativas marcaram um divisor nas ações de pesquisa da Fale: o antes e o depois. Creio que o grupo atual representa bem esse novo contexto da Universidade, com o acesso de mais jovens às pesquisas, à produção do conhecimento.

A 2ª reflexão que faço está relacionada a uma pequena alteração no nome do Programa. Antes, Programa Especial de Treinamento, termo mais utilizado para o “treino esportivo” ou “preparo para a luta, para a guerra” e relacionado ao embate, à competição. Vem de um léxico muito usado nas décadas 70-80-90.

De “Treinamento” passou-se atualmente para “Tutoria”. Achei tão interessante essa mudança! Vocês não sabem quantos significados e associações podem ser feitos. O Aurélio mostra-nos vários aspectos, mas que se encaminham para um só, vejamos:

As acepções para Tutor-Tutoria-Tutorial:

- “exercício da tutela de alguém, protetor, defensor”;
- “aluno designado como professor de outros alunos em formas alternativas de ensino”;
- “ensinar como fazer, como proceder, geralmente utilizado em auto-aprendizado”;
- “vara ou estaca usada para amparar um arbusto”.

Achei tão pertinente esta última! Mas vejam como todas elas estão relacionadas ao apoio, ao amparo, ao cuidado. Não para o outro ficar onde está, mas para seguir sozinho, autônomo.

Há 25 anos eu era esse arbusto, mas já me sinto árvore. As atividades que desenvolvo aqui na Ufal (no ensino, pesquisa, extensão, administração) são os frutos. São resultados de uma vontade política, de investimentos, como esse do Programa Especial de Tutoria-PET. Não fiquei/estou aqui há 25 anos por acaso.

Diante disso, nós temos hoje um importante papel: a possibilidade de mudar e criar; de oferecer à sociedade a melhor maneira de crescer; de produzir conhecimento; de formar opiniões; de conduzir à renovação do pensamento; e a capacidade de fazer o jovem pensar e discutir assuntos. Pois o conhecimento abre caminhos, traz chances, gera oportunidades.

Os meus agradecimentos à Ufal, à Faculdade de Letras, à Fapeal e a todos que fazem o PET hoje, por essa oportunidade!

Maceió-AL, 16 de maio de 2013.

Adna Lopes

### 3.2 O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica - PIBIC

Os projetos de pesquisa por mim submetidos ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica-Pibic, todos aprovados, contribuíram para a composição do banco de dados de MEPE – Manuscritos escolares e processos de escritura, do grupo de pesquisa “Et&C – Escritura, texto e criação”, coordenado pelo colega/professor/orientador Eduardo Calil, pesquisador CNPQ.

a) De 2013 a 2018 desenvolvemos o primeiro projeto de Pesquisa Pibic: "Erros de escrita e interferência didática: um estudo em textos de alunos do ensino fundamental". Os Planos de Atividade dos bolsistas envolvidos tiveram como objetivo refletir sobre as intervenções de professores em textos de alunos do ensino fundamental, para uma reflexão sobre os procedimentos didáticos no tratamento do erro de escrita, considerando a relação do outro na melhoria da produção escrita desses alunos. Os bolsistas se debruçaram sobre versões de textos coletados em escolas de rede pública e particular de Maceió-AL, para analisar indícios de intervenção didática. A pesquisa revelou um importante papel da intervenção didática no processo e no resultado da produção textual

dos alunos. Os artigos produzidos nos diferentes Planos de Atividades foram desenvolvidos e amplamente discutido em eventos da Fale e do Pibic pelas bolsistas Joycimara Ferreira Alves, Marília Barbosa de Melo, Ingrid Pessoa da Silva Sarmento e Priscila Macedo dos Santos Barreto.

b) De 2018 a 2020 encaminhamos, em duas etapas, o projeto Pibic: "O livro didático de português-LDP: o trabalho com o texto em coleções do 6º ao 9º ano adotadas por escolas públicas do ensino fundamental em Alagoas" com o objetivo identificar, classificar e analisar os procedimentos didáticos e as estratégias de ensino e aprendizagem relacionados às práticas de linguagem: leitura, produção de texto, oralidade e análise linguística/semiótica definidas nos documentos oficiais e nas pesquisas das áreas de educação e linguagem. O corpus da pesquisa foi composto por coleções de LDP adotadas nas escolas das redes públicas do Estado de Alagoas. Participaram do Projeto os bolsistas e voluntários: Priscila Macedo dos Santos Barreto, Cinthya Débora de Araújo Santos e Cesar Augusto Gomes Rosa que apresentaram o Plano de Trabalho em eventos da Fale e em Seminários do Pibic. Dos artigos produzidos no grupo, dois foram publicados.

c) De 2020 a 2021, encaminhamos o projeto (em finalização): "Multimodalidade e produção textual no livro didático de português: as orientações ao professor para a organização do trabalho didático" que reflete sobre orientações (procedimentos didáticos e estratégias de ensino e aprendizagem) direcionadas ao professor e relacionadas à produção textual em diferentes linguagens, em coleções do Livro Didático de Português-LDP, do 6º ao 9º ano adotadas por escolas públicas de ensino fundamental de Alagoas. As investigações envolvem as etapas de seleção de propostas de produção textual que considerem a multimodalidade; e de análise das orientações apresentadas ao professor. Encaminha-se para levar pesquisadores e professores do ensino fundamental a uma reflexão sobre o trabalho didático com as diferentes linguagens contemporâneas, em que o papel do professor não seja apenas o de garantir o "simples contato" dos alunos com essas linguagens; mas, sim, o de garantir aprofundado conhecimento e análise crítica dos gêneros multidimensionais, como usuário da língua. Com os cortes de verbas e de bolsas ficamos com apenas um bolsista-pesquisador: Cesar Augusto Gomes Rosa que conclui agora o artigo para apresentação do seu Trabalho de Conclusão de Curso-TCC.

### 3.3 O Projeto Ensino, Texto & Criação/CNPq - ET&C

Em 2006, para credenciamento no PPGE/Cedu/Ufal, encaminhei o projeto: "A singularidade do erro e a autenticidade do momento de produção: um estudo comparativo em histórias inventadas" como um desdobramento do doutorado. Com foco em uma concepção de uma língua marcada pela falta, tentamos refletir sobre a singularidade do erro ortográfico em textos de alunos de séries iniciais do Ensino Fundamental de duas escolas de Maceió, Estado de Alagoas, sendo uma delas da Rede Pública Municipal e a outra do Sistema Particular de Ensino, a fim de estabelecermos uma comparação, levando em conta as condições oferecidas aos alunos no processo de escrita.

A partir daí, passei a integrar como pesquisadora o grupo de pesquisa "Et&C – Escrita, Texto e Criação" idealizado e coordenado pelo professor pesquisador CNPQ Eduardo Calil de Oliveira, juntamente com Sônia Cristina Felipeto/Fale/Ufal e pesquisadores de diferentes estados. Fazem parte do Et&C: o L'Ame - Laboratório do Manuscrito Escolar e o projeto "InterWriting-I Escrita em Tempo e Espaço Real: Estudo Contrastivo com Alunos Brasileiros e Portugueses Recém-alfabetizados" que teve sua base de dados constituída pelo registro simultâneo de processos de escrita colaborativa em contextos de sala de aula, respeitando suas condições ecológicas (ambientais, curriculares, didáticas e interacionais) e sua dimensão multimodal. Desde 2014, projetos investigativos em Aquisição da Linguagem e em Ensino de Língua são desenvolvidos pelo grupo, composto por pesquisadores e orientandos de graduação e de pós-graduação.

Nesse ínterim, outros projetos foram encaminhados pelo Grupo de Pesquisa Et&C e integrados aos nossos projetos com alunos e orientandos da Fale e do Cedu.

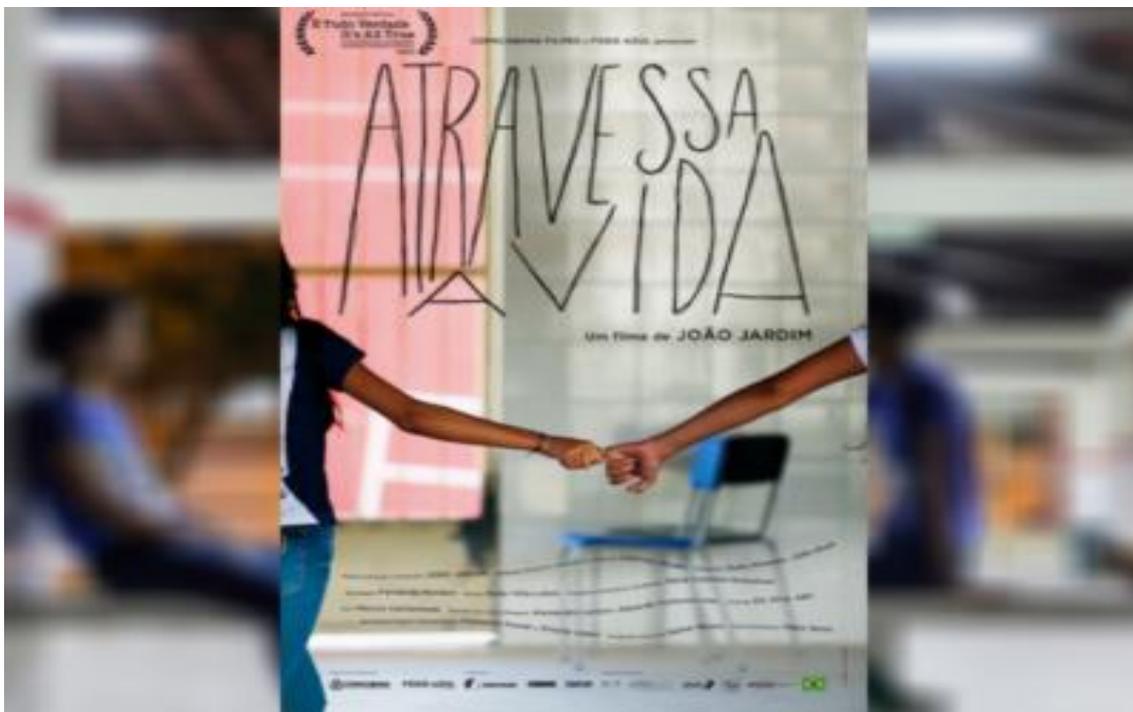
- Entre 2012 - 2015, o projeto ESALA - "Escrita na sala de aula: propostas, práticas, processos e produtos" projeto com o objetivo selecionar, descrever e analisar propostas de produção de texto em Livros Didáticos de Português-LDP do Brasil e do Canadá, estabelecendo comparações entre os modos como o texto literário aparece nessas propostas para demandar uma produção escrita.
- Entre 2013 - 2015, o projeto "Manuscrito escolar, rasura e ortografia: um estudo em histórias inventadas por alunos do ensino fundamental" - Partes 1 e 2. O projeto encaminhou uma reflexão sobre a incidência da rasura no erro ortográfico, mostrando a emergência e o imbricamento desse processo em histórias inventadas por alunos do ensino fundamental. As investigações oriundas deste projeto foram realizadas através de propostas de escrita com diferentes características em seu processo de produção, a saber: a) Textos escritos individualmente por alunos do

ensino fundamental; e b) Textos escritos de forma compartilhada (em duplas, trios) por alunos do ensino fundamental, para se observar aspectos de diferenciações entre a escrita individual e a colaborativa.

No ANEXO III deste Memorial Acadêmico consta um panorama com os Totais de Produção referentes aos seguintes itens: Produção Bibliográfica (Gráfico 1); Produção Técnica (Gráfico 2); Orientações (Gráfico 3); Participação em eventos científicos (Gráfico 4); e Participação em Bancas e Comissões Julgadoras (Gráfico 5). Todas as informações apresentadas estão descritas e registradas no Currículo Lattes do CNPq, instrumento de conferência de dados, com termo de responsabilidade sobre as informações submetidas.

E, para concluir este capítulo sobre Pesquisa, quero me reportar ao filme que escolhi para o subtítulo: **Narradores de Javé**. Como falei no início deste Memorial, ele me foi indicado pelo professor Valdir Barzotto (USP) e provoca discussões e reflexões sobre o papel da pesquisa, do registro, da escrita da história, na recuperação da "memória científica" do passado, para poder salvar o presente: a vida e a cultura. E isso é mostrado de forma dramática, mas com leveza e humor. Não lembro das vezes em que o projetamos e discutimos em diferentes turmas de graduação, de pesquisadores iniciantes, com o propósito de mostrar-lhes o valor do conhecimento para a mudança de paradigmas.

## 4. EXTENSÃO



**Atravessa a vida**<sup>43</sup> - *Em tempos em que a cultura e a educação em geral vêm sofrendo desqualificação e professores no Brasil resistem ao desrespeito à profissão, é comovente ver o ambiente educacional se transformar no local de amparo que aqueles jovens não encontram no próprio lar. As circunstâncias fora do âmbito escolar impactam diretamente no desempenho deles e repercutem dentro da sala de aula...*<sup>44</sup>

### 4.1 O Projeto "Caminhos da Poesia: oficinas de produção de texto poético com alunos da 4ª série do ensino fundamental"

Projeto de extensão de 2007 - 2008 desenvolvido na Escola de Ensino Fundamental Maria Carmelita Cardoso Gama, localizada no CAIC da UFAL, Campus A.C.Simões, em Maceió-AL. As atividades de imersão em textos poéticos e de produção de poemas foram trabalhadas numa turma de 5º ano do Ensino Fundamental pela então graduanda Luiza Rosiete Gondim Cavalcante, que não mediu esforços no estudo,

<sup>43</sup> ATRAVESSA a Vida. Direção: João Jardim. Brasil, Globo Filmes, 2020.

<sup>44</sup> Comentário de Mariana Tramontina em 16/04/2021 - fragmento. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2021/04/16/atravessa-a-vida-um-filme-importante-sobre-desafios-do-ensino-brasileiro.htm>

planejamento e execução dessas atividades. O Projeto foi reconhecido com o título de Excelência Acadêmica no Congresso Acadêmico da UFAL em 2008.

#### 4.2 O Curso "Língua Portuguesa na Sala de Aula: leitura, literatura, escrita e intervenção"

Curso de Extensão no ano de 2011 para professores das redes públicas de ensino de Alagoas com o propósito de realizar discussões teóricas e experimentações metodológicas acerca do ensino de língua portuguesa na educação básica. Para tanto, foram exploradas três frentes de trabalho: ensino da leitura, ensino de literatura, ensino da escrita. Tivemos a parceria das queridas amigas professoras da Fale: Eliana Kefalás Oliveira e Sônia Cristina Felipeto.

#### 4.3 O Projeto "Novos Talentos: construindo significados"

Uma rica experiência de formação de professores foi vivenciada por mim e por outros professores da Ufal nos anos de 2010 e 2011 através do subprojeto “Construindo significados” inserido no projeto “Investindo em novos talentos da rede de educação pública para inclusão social e desenvolvimento da cultura científica” (Programa de Apoio a Projetos Extracurriculares - Edital CAPES/DEB nº 033/2010). O objetivo primordial foi contribuir para a formação continuada de professores de escolas da rede pública do Estado de Alagoas, nas áreas de Português e Matemática, visando à formação de novos talentos. Juntamente comigo atuaram os professores: Fabiana de Oliveira; Rita Souto; André Luís Contiero; Amauri da Silva Barros; Ediel Azevedo Guerra; José Fábio Boia Porto e Luana Giarola Contiero. Com financiamento da Capes foi possível adquirir materiais (revistas especializadas, jogos de Língua Portuguesa e materiais de expediente) para essas formações que foram desenvolvidas em dois polos: Maceió e Palmeira dos Índios.

#### 4.4 O Programa de Apoio às Escolas Públicas do Estado - PAESPE

O Programa de Apoio aos Estudantes das Escolas Públicas do Estado - PAESPE promove atividades de apoio a estudantes das escolas públicas da educação básica e do ensino médio, com o objetivo de melhorar o desempenho escolar. O programa é coordenado pelo Centro de Tecnologia-CTEC em parceria com a Pró-Reitoria de Extensão-PROEX, que apoia com bolsas de extensão para estudantes de graduação que atuam nas ações do programa.

Participo como colaboradora do Programa de Educação Tutorial-PET no PAESP e PAESP Jr, desde 2010, nas ações de extensão coordenadas inicialmente pela Profa. Núbia Rabelo Bakker Faria e, atualmente, pela Profa. Fabiana Pincho de Oliveira. Ministro cursos aos alunos da graduação nos eventos da Fale e oriento bolsistas do PET Letras que atuam nos cursos de Pré-Vestibular PAESP e PAESP Jr. Os petianos desenvolvem nesses programas atividades de Língua Portuguesa, Redação e Gramática para a comunidade do entorno da Universidade.

#### 4.5 O Projeto Casa de Cultura no Campus - CCC

O projeto Casas de Cultura no Campus tem como objetivo contribuir para a formação cidadã e acadêmica por meio do ensino-aprendizagem da língua materna ou de uma língua estrangeira moderna, somente para graduandos dos cursos da Universidade Federal de Alagoas. É um projeto em cooperação com agência de fomento que apoia ações relacionadas a: Ensino e aprendizagem, Projetos de curso, Formação inicial ou continuada de professores, Inserção em tecnologias no ensino, Ação inclusiva, Projeto de Intervenção e Avaliação. O projeto tem a coordenação geral do professor Sérgio Ifa; e coordenadores dos cursos de Espanhol e Francês, respectivamente, professoras Flávia Colen e Rosária Costa Ribeiro.

Coordeno o CCC Português desde 2015, fazendo a seleção dos alunos a cada semestre (entre 20 a 40 alunos); selecionando e orientando os Professores em Formação Inicial-PFI, para a atuação em diferentes cursos da área de Linguagem, entre eles: Leitura e Produção de textos I e II, Português Instrumental e Redação Oficial. Os bolsistas, graduandos de Letras da Fale, que atuaram no CCC Português em diferentes semestres foram: Suzana dos Santos Silva, Maria Elena Cardozo Couto, Rosires Oliveira lima, Wanessa Caroline da Silva Correia; Erivandra Carnaúba Marques dos Santos e Mayara Marcolino da Silva. Esses bolsistas propiciam aos alunos-graduandos: a) discussões sobre a análise, a síntese, a avaliação e os elementos de estruturação textual; b) oportunidades de leitura e análise linguística de textos de diferentes gêneros c) conhecimento de mecanismos e estratégias para maximizar a produção e a revisão de textos acadêmicos e oficiais d) utilização da tecnologia para o trabalho de pesquisa e produção textual.

#### 4.6 A Olimpíada de Língua Portuguesa - OLP

O Programa *Escrevendo o Futuro* objetiva contribuir para a melhoria do ensino, da leitura e escrita nas escolas públicas do país, através da formação presencial e a

distância para educadores, além de um concurso de textos, que premia as melhores produções dos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental à 3ª série do Ensino Médio, a *Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro-OLP*, desenvolvida em parceria com o Ministério da Educação.

As ações do Programa estão reunidas no Portal Escrevendo o Futuro<sup>45</sup>, um ambiente interativo que "disponibiliza materiais, metodologias, notícias e divulga as ações do Programa" para educadores envolvidos no ensino da Língua Portuguesa. Nesse Portal, os interessados encontram subsídios para "aprimorar o conhecimento, inovar suas estratégias de ensino, inspirar-se com outras experiências e compartilhar sucessos e desafios vivenciados na prática". A concepção teórica e metodológica do programa tem como um dos consultores o professor e pesquisador da Universidade de Genebra-Suíça, Joaquim Dolz, que desenvolve projetos sobre a didática das línguas, o ensino da produção oral e escrita, a sequência didática com os gêneros textuais, entre outros.

Como docente da Ufal na OLP, a minha participação se inicia no mesmo momento em que assumi disciplinas de Estágio Supervisionado sob encargo da Fale, em 2009. Antes disso, já participava das bancas de seleção e avaliação dos textos da OLP e atuava também na formação dos professores das redes públicas do Estado. Nessas formações, os professores eram sempre convidados a relatarem suas experiências docentes. Muitos desses relatos foram socializados, posteriormente, com um público maior, a exemplo do livro "Aulas de Língua Portuguesa" que a Secretaria Municipal de Educação de Maceió/Semed publicou em 2005. A divulgação dessa publicação ainda hoje consta na seção "Relatos de Prática" do Portal *Escrevendo o Futuro*<sup>46</sup>:

Figura 10: Página da seção "Relatos de Prática" do Portal OLP.

---

<sup>45</sup> Link de acesso ao Portal Escrevendo o Futuro: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/>

<sup>46</sup> Link de acesso à notícia de publicação do livro "Aulas de Língua Portuguesa", no Portal *Escrevendo o Futuro*: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/formacao/na-pratica/relatos-de-pratica/artigo/1521/professora-alagoana-organiza-livro-que-inclui-experiencias-com-o-escrevendo-o-futuro>

Professora alagoana organiza livro que inclui experiências com o Escrevendo o Futuro

Adna Lopes, professora da Universidade Federal de Alagoas e avaliadora do prêmio, lançou livro em que professores da rede pública apresentam projetos e atividades com leitura e produção de textos desenvolvidos com alunos do ensino fundamental.

Autor: Luiz Henrique Gurgel

A partir de temas como cidadania, eleições, Literatura de Cordel, História em Quadrinhos, fábulas e outros, professores da rede pública de Maceió e Rio Largo, em Alagoas, puderam trabalhar com textos jornalísticos, de memória e de poesia, lidando ao mesmo tempo com abordagens novas de regras de acentuação e ortografia. As experiências estão registradas no livro "Aulas de Língua Portuguesa: registro de professores na formação continuada de 5ª a 8ª série do ensino fundamental", organizado por Adna Lopes, professora de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Federal de Alagoas. O livro, lançado pela Secretaria de Educação de Maceió no final de outubro, apresenta o trabalho desenvolvido por aqueles professores, possibilitando a troca de experiências.

Adna foi avaliadora nas duas últimas edições do *Prêmio Escrevendo o Futuro*. Em 2000 e 2003, ela havia sido formadora de professores para o programa na rede municipal de Maceió. A maior parte dos registros apresentados no livro que organizou foi feita por professores com quem trabalhou na formação. A experiência foi positiva. Segundo Adna, "os professores que participavam da formação ficaram encantados com as oficinas do *Escrevendo o Futuro* e alguns [que lecionavam na 5ª série] participaram do concurso". Ela destaca a ideia de os próprios professores registrarem as aulas, trazendo experiências e práticas concretas: "é somente pela prática do registro que se pode dar visibilidade ao modo como as aprendizagens acontecem na sala de aula". Adna também ressalva que os vinte registros apresentados não se restringem a simples relatos: "os professores deixaram para nós o sentido particular de cada experiência, a representação das questões humanas e das suas diferentes visões de mundo".

No banco acadêmico do Portal *Escrevendo o Futuro*<sup>47</sup>, encontram-se duas dissertações que tiveram como objeto de pesquisa a produção de alunos e professores alagoanos participantes da OLP. Uma orientanda do PPGE/Cedu em 2015; e outra do Profletras/Fale em 2017:

a) *A intervenção didática no processo de produção textual de alunos participantes da olimpíada de língua portuguesa - OLP*, dissertação desenvolvida no PPGE/Cedu/Ufal por Karolynne Kaya Maria Amorim Moura, em que se apresenta uma reflexão sobre a intervenção didática no processo de produção textual de alunos de escolas públicas de Alagoas da OLP. A reflexão se deteve na funcionalidade das intervenções produzidas por duas professoras com o intuito de melhorar o texto escrito dos seus alunos. Para isto, delimitou-se a base teórica sobre dialogismo e interação a partir dos estudos de Bakhtin (1986; 2003); os questionamentos e discussões sobre interferência didática com Calil (2000), Dolz, Gagnon & Decândio (2010) e Ruiz (2010), entre outros. Nas análises iniciais do corpus, observou-se uma incidência sobre os aspectos normativos da língua;

<sup>47</sup> Link de acesso ao banco acadêmico do Portal *Escrevendo o Futuro*: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/biblioteca/#/banco-academico>

no entanto, com o caminhar das análises, identificou-se outros tipos de intervenções que envolvem um conjunto de fatores relacionados à formação de cada docente da pesquisa.

b) *Identidade & Memória: produção e refacção de textos por alunos do 8º ano do ensino fundamental*, dissertação encaminhada ao Profletras/Fale/Ufal por Jennifer Patrícia de Araújo, como pesquisa-ação, em que se reflete sobre textos do gênero memórias literárias produzidos por alunos do 8º ano do Ensino Fundamental de uma instituição de ensino básico de Capela-AL, após entrevistarem um morador do povoado. Por meio de intervenções com o uso de bilhetes, a professora/pesquisadora encaminha os alunos na narração e descrição do lugar em que vivem, trazendo para seu texto indícios de memória e identidade coletivas e individuais. Adotou-se, como fundamentos: Bakhtin (1986 e 2003), Ruiz (2010), Moita Lopes (2002), Stuart Hall (2003), entre outros, que deram base para uma visão global sobre texto, correção, memória e identidade.

#### 4.7 O Programa de Residência Pedagógica - PRP

O Programa de Residência Pedagógica-RP visa estabelecer a interação e o diálogo constantes com a atuação de residentes (bolsistas e colaboradores) em escolas da Rede Pública de Alagoas, através de regência de sala de aula e intervenção pedagógica, orientados por docentes-preceptores das escolas públicas e por docente-orientador da Instituição Ufal.

Atuo como docente-orientador do Subprojeto Língua Portuguesa da Faculdade de Letras/Fale/Ufal desde a fase de sua implantação. O programa se diferencia do Pibid por ser direcionado à formação de graduandos a partir do 5º período do curso. Agradeço aqui a parceria dos colegas orientadores dos outros cursos da Ufal e o apoio dos coordenadores institucionais: professora Yana Liss Soares Gomes (na primeira fase) e professor Adelmo Fernandes de Araújo (nessa fase em andamento).

Na fase de implantação, 2018 a 2020, as ações o RP Português envolveram diretamente 210 estudantes dos ensinos Fundamental e Médio; e 30 graduandos da Fale (entre bolsistas e voluntários). No entanto, esse envolvimento chegou a 354 estudantes pelo impacto das ações do RP nas unidades de ensino que ia muito além das ações diretas, uma vez que os projetos e práticas eram amplamente partilhados e socializados com outros professores das escolas acompanhados pelas eficientes e engajadas preceptoras (professora de cada turma): Polyanna Paz de Medeiros Costa, da Escola Estadual Alfredo Gaspar de Mendonça; Maria Beatriz Brandao, da Escola Estadual Professor Jose da

Silveira Camerino e Vanessa de Oliveira Silva, da Escola Estadual Geraldo Melo dos Santos.

Os resultados das ações desenvolvidas até o momento apresentam diferenciais como: melhoria na integração Escolas/Universidade; amadurecimento e autoconfiança dos residentes graduandos do curso; valorização das ações do professor (preceptor e demais docentes e atores); planejamento pedagógico discutido e encaminhado para o desenvolvimento das práticas; valorização de ações coletivas, na escola e na Universidade; integração das ações de Residência com as de Estágio Supervisionado.

Quero destacar também os impactos impulsionados pela vinda desses preceptores à Ufal, e pela participação dos nossos residentes nas Escolas (trazidas pelos momentos de discussões, entrevistas e socialização), entre tantos: a discussão e o desenvolvimento de práticas apoiadas em uma nova visão para o ensino de Língua Portuguesa; a constatação de aprendizagens coletivas integradas: alunos/residentes/preceptora/outros professores da escola; a integração das ações da Faculdade de Letras (eventos, formação, disciplinas e projetos de extensão); e impacto do uso da tecnologia na escola, através de textos multimodais e recursos multimidiáticos.

Os encontros de socialização com os preceptores (em formação continuada) e os residentes (em formação inicial) estavam sempre marcados pelo desejo de ampliação do universo cultural de todos nós! Lembro de três filmes que assistimos juntos: **Lila-reencontrando o colorido da vida**<sup>48</sup>, **Extraordinário**<sup>49</sup> e **Minhas tardes com Margueritte**<sup>50</sup> com produtivas discussões sobre educação e leitura, amizade e empatia, mas também com relatos banhados de lágrimas sobre perdas e preconceitos. Mas a novidade para o grupo dessa primeira etapa do RP, pela leveza, encantamento e estranhamento, foi a nossa ida ao Teatro Gustavo Leite para assistirmos ao espetáculo "NÓ" da Cia de Dança Deborah Colker no dia 21 de julho de 2019, às 21h., em única apresentação em Maceió<sup>51</sup>. Outra iniciativa planejada por residentes e preceptoras: os clubes de Leitura Literária, com rodízio dos livros preferidos de cada residente, renderam excelentes trabalhos e reflexões para artigos em construção.

---

<sup>48</sup> LILA-reencontrando o colorido da vida. Direção: Carlos Lascano. Argentina, 2014.

<sup>49</sup> EXTRAORDINÁRIO. Direção: Stephen Chbosky. EUA, 2017.

<sup>50</sup> MINHAS tardes com Margueritte. Direção: Jean Becker. França, 2010.

<sup>51</sup> Programação possível devido a pequena verba disponibilizada para cada subprojeto, incluindo materiais de expediente, xerox e entradas para eventos planejados.

Todos os residentes apresentaram os resultados das experiências no Programa, através de pesquisas e relatos, em formatos de *Bâners* ou Comunicação Oral<sup>52</sup>, no evento III ERELIC-Encontro Regional de Licenciaturas que aconteceu em Maceió na semana de 15/12/2019 a 17/12/2019.

No final do período de atuação, os residentes escreveram relatos sobre o que vivenciaram nesse primeiro grupo de Residência Pedagógica. Nesses textos, eles externaram seus anseios, seus medos e suas perspectivas de vida (pessoal e profissional) a partir daquele momento. Difícil selecionar um desses relatos! Decidi pelo de Vinícius Pereira, como representativo dos 25 que foram produzidos:

*Então, sim, assim, pelo o então, quero começar meu relato, pois esses questionamentos (O que penso sobre o que tenho vivenciado até aqui na Residência Pedagógica? O que posso fazer com o que penso sobre o que li, planejei e vivenciei até aqui?) já há muito fazem parte das minhas reflexões, já há muito venho investigando respostas, a fim de superar algumas barreiras que trago desde o começo do curso de Letras Licenciatura.*

*Preciso falar do meu pai, é devido a ele que hoje estou aqui escrevendo esse presente relato. Ele é professor, daqueles mais determinados, é comum escutá-lo dizer: “a minha revolução eu faço dentro da sala de aula.” E faz mesmo, tendo em vista a quantidade de alunos e alunas que acabam o adotando como referência. No entanto, em nosso contexto educacional, é super comum que os meios e as condições faltem, atrelados a desvalorização da profissão, o que muitas vezes resta é tirar leite de pedra. Por isso, meu pai sempre me aconselhou: “oh, meu filho, você está me vendo, né? Não queira isso pra você, não seja professor.” Eu via, era testemunha viva de que muitas vezes até a pedra faltava e, para uma pessoa generosa, como é meu pai, como, querendo ou não, a profissão de professor requer, a pior coisa do mundo é a impotência. Eis que retorna aquele inicial então: eu não queria ser professor.*

*Entre no curso de Letras, meu pai ficou triste. Mas eu não queria ser professor, meu desejo real era estudar e vivenciar a literatura, meu maior interesse. Na UFAL não há oferta de Bacharel, a licenciatura foi só o que me restou. As disciplinas pedagógicas foram torturantes. As disciplinas de estágio eu fui adiando e adiando. Eis que ingresso na Residência Pedagógica. A partir daí as coisas começam a mudar. Saí da posição de afirmação e comecei a entrar na do questionamento: não quero mesmo ser professor?*

*A Residência Pedagógica me ajudou a interagir com outras pessoas que estão no mesmo caminho que eu, formando ou já formados, quem nunca regeu uma aula e quem há muito já rege cotidianamente, cada um compartilhando suas experiências, seus percalços e suas soluções. Nessas interações comecei a finalmente ter vontade de encarar ao que eu mesmo me destinei: professor. Logo deixei de adiar as disciplinas de estágio, inclusive todas já estão concluídas. Além disso, há mais de oito meses, a Residência Pedagógica inseriu-me como professor, junto com meus colegas, no cotidiano do ambiente escolar. Admito que demorei mais do que devia para me soltar, me comportei mais como um observador, investigando como me comportar, quais os motivos de eu estar ali, qual o prazer que poderia*

---

<sup>52</sup> As comunicações apresentadas pelos Residentes estão publicadas nos Anais do III Encontro Regional das Licenciaturas do Nordeste-ERELIC: “espaços-tempos da formação docente no Brasil: cenários, reflexões e perspectivas [recurso eletrônico], dez 2019, Maceió. Link de acesso: <https://doity.com.br/erelic/blog/anais-iii-erelic-espacos-tempos-da-formacao-docente-no-brasil>

*existir em lecionar para alunos e alunas que muitas vezes não nem aí, numa escola toda sucateada.*

*Meus colegas, que estão no mesmo lugar do caminho que eu, formandos, foram os maiores responsáveis para que eu saísse da posição de observador, inclusive, me fizeram sentir vergonha dela. Eles, apesar dos pesares, mesmo estando desamparados em alguns momentos, estavam ali, prontos a tomarem a frente do papel que se destinaram, sem arredarem o pé. Enquanto eu só observava. Mas foi de extrema importância, pois desse modo, encontrei a motivação que precisava, a coragem. Meus colegas me ensinaram que é preciso de coragem. Então retorno ao então, a coragem é a resposta. Qualquer prazer só pode ser desfrutado dela.*

*Eis que me encontro aqui, agora, grato de estar onde estou. Há exatamente uma semana, pela primeira vez, depois de ter prontamente negado algumas oportunidades, participei sem pestanejar de uma seleção para ser professor da Escola Rosa Mística. Meu pai me apoiou, planejei e dei uma aula sobre Orações Subordinadas, para uma turma de terceiro ano. Eu sinto que esse momento marca uma virada na chave: eu quero ser professor. Meu pai ficou feliz. Ficamos felizes.*

A fase atual do programa de Residência Pedagógica da Fale teve seu início em outubro de 2020 com todos os desafios possíveis em decorrência da pandemia do Coronavírus - Covid 19. O empenho da coordenação institucional na continuidade do programa; as adaptações para o modo não presencial tanto na seleção dos preceptores e residentes, quanto na imersão dos graduandos nas salas de aula das preceptoras, para acompanhamento e regência, fazem com que as ações do RP já apresente resultados e impactos nas três escolas-campo da rede pública de Maceió-AL: Escola Estadual Professor Theotônio Vilela Brandão, Escola Estadual Dr. José Maria Correia das Neves e Escola Estadual Maria das Graças de Sá Teixeira.

Um total de 270 estudantes dos ensinos Fundamental e Médio integram as salas de aula das preceptoras: Martha Andréa dos Santos Lima, Silvana Gomes dos Santos e Claudia Maria da Silva Lessa que se desdobram com os residentes para a aprendizagem dos estudantes, através de plataformas educacionais, aplicativos, gamificações, sites e blogs, entre outros recursos e ferramentas, além de material impresso para estudantes sem acesso aos meios digitais. As preceptoras comentam o quanto foi essencial a discussão, as trocas e o apoio tecnológicos dos residentes neste momento!

Dois registros fotográficos revelam a diferença na integração/interação dos dois grupos do Residência Pedagógica pelos modos presencial e não presencial, ou melhor, sempre pela presença, seja física ou virtual, em 2019 e em 2021:

Figura 11: Encontro entre formadora, preceptoras e residentes RP 2019.



Fonte: Acervo pessoal. 2019.

Figura 12: Encontro entre formadora, preceptoras e residentes RP 2021.



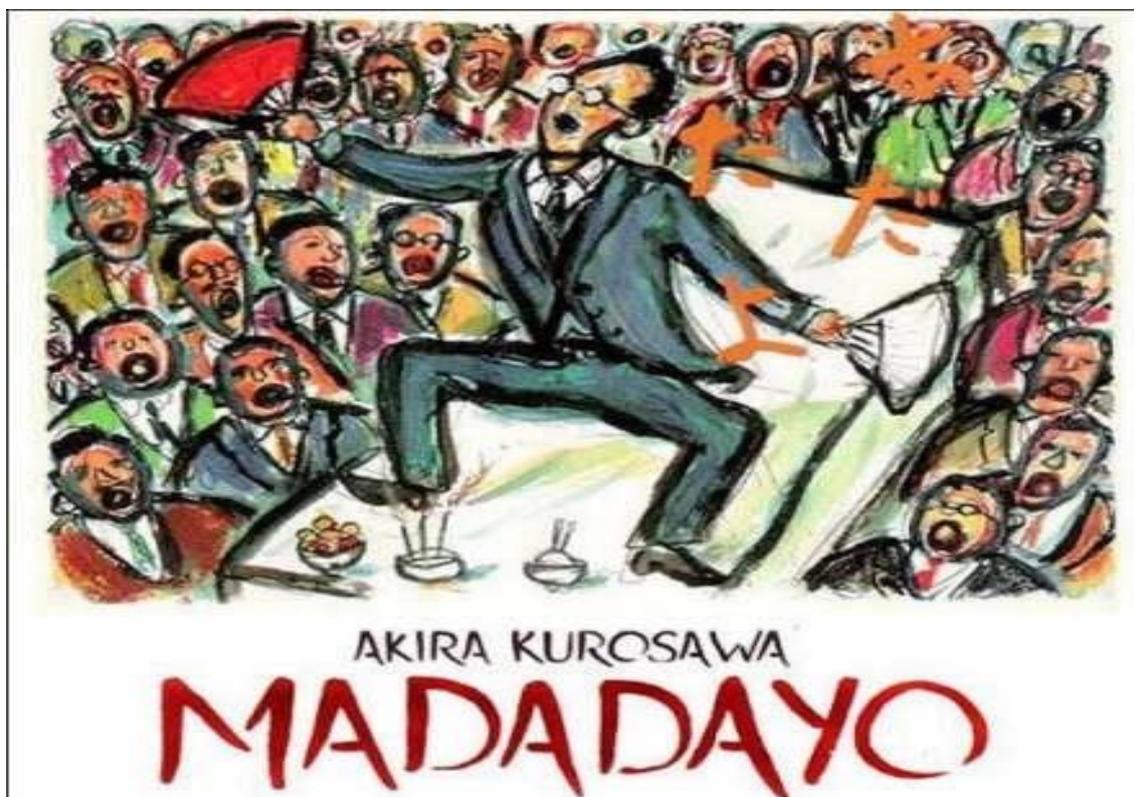
Fonte: Captura de tela da aplicação *Google Meet*, 2021 - Acervo pessoal.

O filme que ilustra o início deste capítulo é o documentário **Atravessa a vida**<sup>53</sup>, de João Jardim, compartilhado recentemente (maio e setembro 2021) em sessões de cinema pelo *Meet*, com graduandos da disciplina Estágio 1 e do Programa Residência Pedagógica. Envolvidos nas histórias de alunos e de professores do ensino médio, protagonistas do filme, os graduandos lembraram os momentos de suas passagens pelo ensino básico e sentiram o encargo da responsabilidade como futuros professores na formação cidadã dos estudantes. Juntou-se isso às fragilidades emocionais advindas do isolamento social num momento "remoto" coberto de lágrimas, num abraço a distância unidos pela tela.

*Eu acredito, por fim, que a educação deve ser concebida como uma reconstrução contínua, que o processo e o objetivo da educação são iguais.*  
John Dewey

<sup>53</sup> ATRAVESSA a Vida. Direção: João Jardim. Brasil, Globo Filmes, 2020.

## 5. ATIVIDADES INSTITUCIONAIS



**Madadayo**<sup>54</sup> - Filme lírico, poético, de casto humor, porém, rico e denso ao mostrar valores do relacionamento professor-aluno, bastante acentuados na cultura japonesa. É a história real da vida do professor Hyakken Uchida que após 30 anos lecionando literatura alemã, se aposenta, tornando-se escritor. Durante seu magistério, ensinou gerações de jovens, alguns, filhos de ex-alunos.<sup>55</sup>

Sempre relutei em assumir cargos de liderança administrativa. Meu lugar é a sala de aula, eu digo sempre. Depois de alguns anos de atuação em classe fui, aos poucos, entendendo o funcionamento da instituição pública, que é um trabalho para uma coletividade. Diferentemente do que seja administrar a nossa própria casa, um lugar só nosso.

<sup>54</sup> MADADAYO. Direção: Akira Kurosawa. Japão, 1994.

<sup>55</sup> Comentário IOCHIIKO KANEOYA - fragmento. Disponível em: <http://www.nipocultura.com.br/madadayo-akira-kurosawa/>

Através da participação inicial em comissões, conselhos e grupos, avancei para vice-coordenação de cursos, programas e projetos até a coordenação titular de programa de mestrado. Se antes era a insegurança e o medo de críticas que me faziam evitar cargos institucionais, hoje tenho a consciência, pela prática, de que um dos motores dos espaços democráticos é o respeito às diferentes opiniões, ao contraditório, e a busca do "bem comum".

A seguir, uma descrição dos lugares institucionais em que atuei/atuo, fora do espaço da sala de aula e, também, dos prêmios e comendas recebidos.

### 5.1 Coordenações

- Coordenação da equipe de colaboradores (Coordenadores de Área, Elaboradores, Revisores e Instrutores) da Faculdade de Letras-Fale/Ufal, na execução do Termo de Cooperação para elaboração e revisão de itens ao BNI/ENEM (TC 23036.000063/2012-04), na área de Linguagem, Códigos e Tecnologias (LCT). 2012-2013.
- Vice-Coordenadora do curso de Graduação em Letras Português Licenciatura EaD (Portaria Recondução nº 158, de 16/07/2018).
- Vice-coordenadora do Colegiado de Curso de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas, de 18/04/2012 até 18/04/2014.
- Coordenadora do Mestrado Profissional em Letras - Profletras/FALE/UFAL, e Vice-Coordenadora, de 2016 a 2019.
- Coordenadora de Português do Programa Casas de Cultura no Campus-CCC, da Faculdade de Letras-Fale/Ufal, para os cursos de Redação, Leitura e Escrita e Português Instrumental aos alunos da Ufal, ministrados por Professores em Formação Inicial-PFI, desde 2015.
- Coordenadora Estágio Supervisionado Obrigatório Fale/Ufal desde 2018.

### 5.2 Comissões

- Membro da Comissão de Revalidação de Dissertações e Teses do PPGE/CEDU/UFAL.
- Membro da Comissão de Autoavaliação da Faculdade de Letras - FALE/UFAL de março de 2008 - atual. Portaria nº 23, de 03/07/2018.
- Membro Titular do Colegiado do Curso de Graduação em Letras-Faculdade de Letras/Fale - UFAL de julho de 2006 a julho de 2010.
- Membro do Núcleo Docente Estruturante (NDE) do curso de Língua Portuguesa - UAB/UFAL/FALE

-Membro da Comissão de Progressão Funcional Docente - Nível Professor Associado da Faculdade de Letras/Fale.

-Membro da Comissão Especial de Estágios Obrigatórios do Fórum de Licenciaturas dos Cursos de Graduação da Universidade Federal de Alagoas 2021.

### 5.3 Associações

- Membro efetivo da Associação Brasileira de Linguística-ABRALIN, desde 1995 e Membro efetivo desde 2000.

- Membro efetivo da Associação Latinoamericana de Estudos do Discurso-ALED (desde 2001).

- Membro da Associação de Linguística e Filologia da América Latina-ALFAL (desde 2005).

- Membro do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste-GELNE (desde 2002).

- Membro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação/ANPED (desde 2014).

- Sócia Honorária da Academia Alagoana de Cultura 2013-2020.

### 5.4 Conselhos editoriais

- Membro do Corpo Editorial da Revista Saberes Docentes em Ação, como Conselheira Editorial, Secretaria Municipal de Educação-SEMED - Maceió-AL.

- Membro do Conselho Editorial da Revista "Ao Pé da Letra", desde 2009.

- Membro do Conselho Editorial da Revista AREIA, do PET Letras/UFAL.

- Membro da Comissão Editorial da revista *Práticas de Linguagem* do Núcleo FALE – Formação de Professores, Alfabetização, Linguagem e Ensino – da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG). 2017.

- Parecerista da Revista AREIA, do PET Letras/UFAL.

- Parecerista da Revista de Educação e Pesquisa/FEUSP, 2010-2020.

- Parecerista da Revista de Educação, Ciência e Cultura, 2020.

### 5.5 Menções honrosas

-Excelência Acadêmica com o Projeto de Extensão: "Caminhos da Poesia: oficinas de produção de textos poéticos com alunos do ensino fundamental", Congresso Acadêmico da UFAL 2008.

-Excelência Acadêmica com o trabalho: "A argumentação está na língua: um estudo sobre os índices de argumentação em textos de pré-vestibulandos", Congresso Acadêmico da UFAL 2010.

-Excelência Acadêmica com o Trabalho: "Marcas de letramento em manuscritos escolares: uma proposta de reescrita de fábulas no ensino fundamental", Congresso Acadêmico da UFAL 2010.

-Comenda de Reconhecimento dos Educadores Municipais de Viçosa, Prefeitura Municipal de Viçosa-AL 2008.

-Comenda Senador Aurélio Viana, Câmara Municipal de Maceió - Palácio Des. Dr. Mário Guimarães 2012.

-Comenda de Louvor Antonio Fernandes Aleixo Ano IV, Academia Virtual de Letras - AVL 2019.

Como no filme **Madadayo**, podem me perguntar: "Está pronta?" e eu responderei: "Ainda não!".

No filme que me foi indicado pelo colega/amigo Jadir Pereira, um professor japonês aposentado é reverenciado pelos ex-alunos em comemorações anuais do seu aniversário. No dia também se comemorava no Japão o "Madakai", uma brincadeira semelhante à de esconde-esconde, em que se pergunta "Tá gu?" ou "Está pronto?". No filme os alunos perguntam "Mada kai?" (Pronto?), e ele depois de tomar uma imensa taça de cerveja responde "Mada dayo!" (Ainda não!) querendo dizer que seus alunos teriam que "aguentá-lo" por mais um ano.

Concluindo as reflexões sobre as minhas atividades na Universidade Federal de Alagoas, principalmente na Faculdade de Letras, quero deixar aqui uma **menção honrosa** e um abraço de reconhecimento aos colegas docentes: Adriana Tibana, Aldir Santos, Aline Vieira, Ana Cecília Acioli, Ana Lúcia Milito, Ana Barandela, Andréa Pereira, Daniel Costa, Daniel Paes, Eliana Kefalás, Eliane Barbosa, Fabiana de Oliveira, Fábio Rodrigues, Fernando Fiúza, Flávia Colen, Jadir Lima, Helson Flávio Sobrinho, Gonzalo Abio, Ildney Cavalcanti, Izabel Brandão, Jacqueline Vásquez, Jair Farias, José Niraldo de Farias, Kristianny Brandão, Lorena Borges, Lúcia de Fátima Santos, Márcio Alexandre, Marcus Matias, Gabriela Costa, Stela Lameiras, Miguel de Oliveira Junior, Núbia Faria, Patrícia Neyra, Paulo Leôncio da Silva, Rita Souto, Rita Zozzoli, Roberto Sarmiento, Rosária Ribeiro, Roseanne Tavares, Sérgio Ifa, Simone Makiyama, Cristina Felipeto, Susana Souto, Telma Magalhães, Yann Hamonic.

Como deixar de nomear pessoas em um memorial? Os paradigmas mudam com novos conhecimentos, com contribuição de parceiros e com atitude!

Impossível medir ou descrever os aprendizados e as experiências adquiridos até aqui! E o bom é que em nenhum momento do meu percurso na Universidade eu caminhei sozinha! A docência pode parecer uma atividade solitária (planejamentos, leituras, reflexões), mas não é. Sempre estive em equipes, sempre participei de grupos, sempre estive acompanhada de alunos e colegas professores, pesquisadores, parceiros em projetos, amigos e/ou adversários! Um efetivo agradecimento a todos! Espero ter contribuído, nesses diferentes grupos, para o crescimento da ciência e a consequente melhoria da educação.

# OS NOVOS DESAFIOS



**A voz do coração**<sup>56</sup> - *Com suas vidas transformadas pela música, os internos ganham cada vez mais confiança no novo mestre, ao mesmo tempo em que seus talentos começam a ser expostos. Para Pierre, um dos garotos, a experiência foi guardada com carinho para toda a vida.*<sup>57</sup>

Nós, professores-formadores, temos **a capacidade de ajudar o outro**: pela escuta, para conseguirmos ver o que o outro precisa; e pela vontade utópica de mudar o mundo! E, mais que isso, temos **a capacidade de mudar a nós mesmos**, de nos transformarmos pela busca constante do conhecimento e pela vontade de mudar o mundo, também!

Parece-nos, ainda assim, em alguns momentos, a despeito das descobertas sobre os processos de aprendizagem resultados das pesquisas na área e nos documentos curriculares, que a escola ainda caminha a passos vagarosos. Parece-nos que todos nós

---

<sup>56</sup> A VOZ do Coração. Direção: Christophe Barratier. França, Canal +, 2004

<sup>57</sup> Sinopse (fragmento). Disponível em: <https://www.guiadasemana.com.br/cinema/sinopse/a-voz-do-coracao>

atores da escola estamos sendo levados, diariamente, pelas circunstâncias de instituições que não têm consciência do seu papel. Corroborados por Hanks (2017, p. 53, 54) sabemos, no entanto, que este alheamento faz parte de “uma elaborada circularidade” que é “invisível às pessoas nela envolvidas” e, ainda: "Ao se valerem de suas próprias categorias para estabelecerem relações de poder, relações a partir das quais, no fim das contas, eles se originam, os sistemas simbólicos reforçam a dominação" Somos, assim, resultados oriundos das relações de poder na sociedade, e das consequentes desigualdades que vivenciamos!

Lembro-me agora de um videozinho do *facebook*<sup>58</sup> postado por Wagner Santos em 02fev2018. O pequeno vídeo de 0:41 segundos mostra uma mulher na chuva agoando o jardim! Ela segue com sua sombrinha percorrendo todo o jardim com a mangueira. O blogueiro faz, então, a seguinte pergunta aos internautas: "Eu tou tentando entender essa mulher Alguém consegue me explicar?".

Eu explico aqui e agora: Não basta chover, precisa alguém ir agoar o jardim! Não bastam a escola, a informação, a tecnologia, o conhecimento; precisa-se do diálogo, da presença (física ou virtual!), da intervenção, do compromisso, da interação!

São esses os desafios! É a voz do coração!

*Esta é uma hora de vida que fazemos o possível para desembaçar a memória e a imaginação e daí olhamos para trás, olhamos para frente, olhamos para trás, olhamos para frente, para trás, para frente... e pensamos radicalmente no que construímos até então e no que ainda desejamos no daqui por diante. Não é um momento fácil, nem é preciso dizer... porque, para todos os efeitos, nos vemos diante de nós mesmos e do efeito implacável das escolhas feitas e do efeito provável das escolhas por fazer.*

(SOLIGO, 2015 - Memorial de Formação)

Maceió-AL, 29 de outubro de 2021.

*Adna de Almeida Lopes*

---

<sup>58</sup> Link do vídeo que teve 52 mil curtidas, 21 mil comentários e 20 mil visualizações: <https://www.facebook.com/Wagnersantos.oficial/videos/442424432883927/>. O vídeo foi apresentado aos participantes do Via Cartas, curso a distância ministrado por Rosaura Soligo em 2018.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: Encontro & Interação**. São Paulo, Parábola Editorial, 2003.

ALTUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos do Estado**. SP, Biblioteca de Ciências Humanas, 1970.

ANIS, Jacques. Gestes d'écriture de Francis Ponge. In: HAY, Louis. (org.) **Genèse et variation textuelle**. Paris, Centre National de la Recherche Scientifique, 1991.

BAKHTIN, Mikhail (V.N. Volochínov). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo, Hucitec, 1986.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**: São Paulo, Martins Fontes, 2003.

BARRAS, Roberto. **Os Cientistas Precisam Escrever: Guia De Redação Para Cientistas, Engenheiros e Estudantes**. São Paulo, EDUSP, 1984.

BARTHES, R e MARTY, E. *Oral/escrito*. Enciclopédia Einaudi - oral/escrito/argumentação, vol. 11 – Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Lisboa, Maiadouro, 1987.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, MEC/SEF, 2017.

CAGLIARI, L.C. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo, Scipione, 1989.

CALIL, Eduardo. “Os efeitos da intervenção do professor no texto do aluno” In: Denilda Moura (org.) *Língua e Ensino: dimensões heterogêneas*. Maceió: EDUFAL (29-40), 2000.

CALIL, Eduardo. **Escutar o invisível: escritura e poesia na sala de aula**. São Paulo, Unesp, 2008.

CIFALI, Mireille. *Conduta Clínica, formação e escrita*. In: PERRENOUD, Philippe et al (org). **Formando Professores Profissionais: Quais estratégias? Quais competências?** Porto Alegre, Artmed Editora, 2001.

DOLZ, Joaquim; GAGNON, Roxane & DECÂNDIO, Fabrício. **Produção escrita e dificuldades de aprendizagem**. Campinas-SP, Mercado de Letras, 2010.

DUFOUR, Dany-Robert. **A arte de reduzir as cabeças: sobre a nova servidão na sociedade ultraliberal**. Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2005.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo, Perspectiva, 1984.

- FABRE, Claudine. "La réécriture dans l'écriture: le cas des ajouts dans les écrits scolaires". In: NORMAND, Claudine. (org.) *Études de Linguistique appliquée - la reformulation: pratiques, problèmes, propositions*. Nouvelle série, 68. Paris, Didier Erudition, oct.dec. 1987, pp. 15-36.
- FARIA, Núbia R. B. **Nas letras das canções, a relação oralidade-escrita**. Maceió, Edufal; Recife, Edufpe, 1997.
- FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. São Paulo, Cortez, 2003.
- FIORIN, J. L. **O regime de 1964: discurso e ideologia**. SP, Atual, 1988.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo, Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 1996.
- FUCHS, Catherine. *Élèments pour une approche énonciative de la paráphrase dans les brouillons de manuscrits*. In: HAY, Louis. (org.) **La genèse du texte: les modèles linguistiques**. Paris, Éditions du Centre National de la Recherche Scientifique, 1982.
- GERALDI, João. W. (org.). **O texto na sala de aula: leitura e produção**. Cascavel, Assoeste, 1984.
- GERALDI, João. W. **Portos de passagem**. São Paulo, Martins Fontes, 1991.
- HANKS, William F. **Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bordieu e Bakhtin**. Organização BENTES, A. C et all. São Paulo, Cortez, 2008.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. 20a ed. São Paulo, Cultrix, 1995.
- JUBRAN, Clélia C. A. S. Inserção: um fenômeno de descontinuidade na organização tópica. In: CASTILHO, Ataliba T. de (org.). **Gramática do Português Falado: as abordagens**. Campinas, Ed. Da UNICAMP; São Paulo, FAPESP, 1993. (v. 3).
- KOCH, Ingedore G. V. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo, Contexto, 1992.
- LEMOS, Cláudia G. *Sobre o ensinar e o aprender no processo de aquisição da linguagem*. Caderno de Estudos Linguísticos, Campinas, (22):149-152, jan./jun. 1992.
- LEMOS, Cláudia G. *Sobre o paralelismo, sua extensão e a disparidade de seus efeitos*. Trabalho apresentado na mesa-redonda sobre Aquisição e Patologia, no Primeiro Encontro Internacional sobre Aquisição de Linguagem. Porto Alegre, PUCRS, 2000.
- LIER-DE-VITTO, Maria F. *Sobre a posição do investigador e a do clínico frente a falas sintomáticas*. Letras de Hoje/Curso de Pós-Graduação em Letras PUCRS, v. 39, nº 3, p. 47-59, setembro, 2004.

- LOPES, Adna. (org.) **Ação e reflexão na sala de aula: Língua Portuguesa-o trabalho com textos**. Maceió, Semed, 1999.
- LOPES, Adna. (org.) *Gramática nas fábulas – caderno de atividade*. Maceió, SEMED, 2004.
- LOPES, Adna (org.) **Aulas de língua portuguesa**. Maceió, SEMED, 2005.
- MARX, K. **O Capital - O processo de produção capitalista**. SP, Civilização Brasileira, 1968.
- MILNER, Jeau-Claude. **O amor da língua**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1987.
- MOITA LOPES, Luis P. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas, Mercado de Letras, 2002.
- MORAIS, A. G. de. *Escrever como deve ser*. In: TEBEROSKY, Ana & TOLCHINSKY, Liliana (orgs.) **Além da alfabetização: a aprendizagem fonológica, ortográfica, textual e matemática**. São Paulo, Ática, 1997.
- MORAIS, A. G. de. **Ortografia: ensinar e aprender**. São Paulo, Ática, 1998.
- MORAIS, A. G. de. (org.) **O aprendizado da ortografia**. Belo Horizonte, Autêntica, 2002.
- MOTA, Sônia B. V. da. *O quebra-cabeça: a instância da letra na aquisição da escrita*. Tese de doutorado. São Paulo, PUC, 1995.
- NORMAND, Claudine. "Des mots sous et sur les mots, présentation". In: NORMAND, Claudine. (org.) *Études de Linguistique appliquée - la reformulation: pratiques, problèmes, propositions*. Nouvelle série, 68. Paris, Didier E'rudition, oct.dec. 1987, pp. 5-13.
- ORLANDI, Eni P. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. São Paulo, Vozes, 1998.
- PÊCHEUX, M. **Analyse Authomatique du Discours**. Paris, Dunod, 1969.
- PIETRI, E. *A formação do professor entre a escola e a academia: o estágio supervisionado em ensino de língua portuguesa/língua materna*. In: BARZOTTO, V. H. & PIETRI, E. (org.) **Estágio: escrita e formação**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2018. - (Coleção Fazer A-parecer)
- RUIZ, E. D. **Como corrigir redações na escola**. São Paulo: Contexto, 2010.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. 15ª ed. São Paulo, Cultrix, [1916] 1989.
- SILVA, T. C. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo, Contexto, 2001.

SOLIGO, Rosaura A. *Quem forma quem? - Instituição dos sujeitos*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação da Unicamp, 2007

SOLIGO, Rosaura A. A experiência da escrita no espaço virtual: a voz, a vez, uma conquista talvez. 2015. 1 recurso online (219 p.). Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/254034>>. Acesso em: 29 ago. 2018.

SOLIGO, Rosaura A. & NOGUEIRA, Eliane G. D. *A experiência de escrita como espaço-tempo de formação*. In: Rosaura Soligo|Site Oficial. 2018. <https://rosaurasoligositeoficial.wordpress.com/>  
Disponível em: [rosaura-s-e-eliane-n-a-experiencia-de-escrita-como-espaco-tempo-de-formacao.pdf](https://rosaurasoligositeoficial.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/08/rosaura-s-e-eliane-n-a-experiencia-de-escrita-como-espaco-tempo-de-formacao.pdf) (wordpress.com)

SOLIGO, R. A. & PRADO, Guilherme do V. T. **Porque escrever é fazer história. Revelações Subversões Superações**. Campinas, SP: Graf. FE, 2005.

STUART, HALL. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, DPEA, 2003.

TEBEROSKY, A. & TOLCHINSKY, L. (org.) **Além da alfabetização: a aprendizagem fonológica, ortográfica, textual e matemática**. São Paulo, Ática, 1997.

UFAL. Universidade Federal de Alagoas. **Orientações e Possibilidades para estágio curricular supervisionado não presencial na Ufal**. Comissão especial de estágios obrigatórios do fórum das licenciaturas dos cursos de graduação da Ufal. Maceió, 2020/2021. E-book.

WEISZ, Telma. **O diálogo entre o ensino e a aprendizagem**. São Paulo, Ática, 2002. (Coleção Palavra do Professor).

## ANEXOS

ANEXO I: Minuta da Ata do Conselho da Faculdade de Letras-Fale com Aprovação do Relatório de Progressão Funcional da Profa. Adna de Almeida Lopes, para a classe E - Professor Titular.

### MINUTA DO PONTO 6 DA ATA DA REUNIÃO ORDINÁRIA DO CONSELHO DA FALE, REALIZADA EM 20 DE AGOSTO DE 2021 POR MEIO DE VIDEOCONFERÊNCIA.

1 Aos vinte dias do mês de agosto de dois mil e vinte e um, às dez horas e onze minutos,  
2 por meio de videoconferência, o Conselho da Faculdade de Letras se reuniu com a presen-  
3 ça dos seguintes membros: Rita Souto – Diretora da Fale e presidente da sessão, Eliana  
4 Kefalas – Vice-diretora, Flávia Meniconi – Vice-coord. Letras Espanhol Presencial e  
5 EaD, Marcus Matias – Coord. Letras Inglês, Pedro Rieger – Vice-coord. Letras Inglês,  
6 Lígia Ferreira – Coord. Letras Libras, Susana Souto – Coord. Letras Português, Jadir  
7 Pereira – Vice-coord. Letras Português, Daniel Cruz – Coord. Letras Inglês EaD, Jair  
8 Farias – Coord. Letras Português EaD, Debora Massmann – Coord. PPGLL, Kall Lyws  
9 – Coord. de Pesquisa, Rosaria Ribeiro – Vice-coord. de Pesquisa e Representante titular  
10 dos docentes, Edineide Silva – Coord. de Extensão, Cátia Pitombeira – Vice-coord. de  
11 Extensão, Rosana Portela – Representante titular dos técnicos, Pollyana Gusmão – Re-  
12 presentante suplente dos técnicos; os/as professores/as: Benyelson Santos, Helson Sobri-  
13 nho, Jair Barbosa, Lívia Andrade, Lorena Borges, Luiz Fernando Gomes, Maria Angélica  
14 e Murilo Cavalcante; a Assistente em Administração: Juliana Cavalcante; a Bibliotecária  
15 Janiele Oliveira; e os Interpretes de Libras: Catarina Claudino e Meire Santos. Não houve  
16 registro de ausências justificadas. **Ponto 6. Promoção Funcional:** A Profa. Rita Souto  
17 passou a palavra para a Profa. Eliana Kefalas, que comunicou aos presentes o pedido de  
18 promoção funcional da Profa. Adna de Almeida Lopes, do nível IV da Classe D de Pro-  
19 fessor Associado para a Classe de Professor Titular. A comissão Interna, composta por  
20 Roberto Sarmento Lima, Maria Gabriela Cardoso Fernandes da Costa e Aldir Santos de  
21 Paula, sob a presidência do primeiro, após avaliar o Relatório, conforme a seguinte dis-  
22 tribuição de percentuais ENSINO (40%), PRODUÇÃO INTELECTUAL (30%), PES-  
23 QUIZA (20%) E EXTENSÃO (10%), considerou o pedido de promoção aprovado, atribui-  
24 ndo nota 10,0 (conceito Excelente) ao desempenho da professora. Colocada em vo-  
25 tação, a Ata da Comissão Interna obteve aprovação por unanimidade. Em seguida,  
26 a Profa. Rita informou que, agora, inicia a segunda fase do processo de promoção da  
27 Profa. Adna, trazendo para aprovação do Conselho a Comissão Especial de Avaliação,  
28 composta pelos/as Docentes Titulares: Aldir Santos de Paula (UFAL), Maria Erande Mo-  
29 rães Antunes (UFPE), Maria Francisca de Oliveira Santos (UNEAL), Maria Hozanete  
30 Alves de Lima (UFRN), e os Docentes Suplentes: Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante  
31 (UFAL) e Antônio Cícero de Araújo (IFAL). A Comissão Especial também foi apre-  
32 vada sem abstenções ou contradições. As Profas. Rita e Eliana agradeceram a colabora-  
33 ção das Comissões e parabenizaram a conquista da Profa. Adna, desejando sucesso nas  
34 próximas etapas. **FECHO** - A sessão foi encerrada às doze horas, e, para constar, essa  
35 Minuta foi lavrada pela Assistente em Administração da Fale, Juliana Valéria Cavalcante  
36 Ferreira, e segue assinada pela Diretora da Fale, Profa. Rita de Cassia Souto Maior Si-  
37 queira Lima.

Profª Drª Rita Souto Maior  
Diretora da Faculdade de Letras UFAL  
SIAPE: 2546133

ANEXO II: Portaria de Designação da Comissão Especial para a defesa do Memorial, segunda fase da Progressão Funcional, da Profa. Adna de Almeida Lopes, para a classe E - Professor Titular.



Universidade Federal de Alagoas  
Faculdade de Letras

PORTARIA Nº 38, DE 20 DE AGOSTO DE 2021

A DIRETORA DA FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo Estatuto e Regimento Geral da UFAL, e tendo em vista o que consta no processo nº 23065.011041/2021-38, resolve:

Designar os professores relacionados abaixo para comporem a Comissão de Avaliação de Promoção Funcional da Profa. Adna de Almeida Lopes, Slape: 3284162, do nível IV da Classe D de Professor Associado para Classe E de Professor Titular.

**TITULARES**

Prof. Dr. Aldir Santos de Paula – Slape: 338331 (Presidente)  
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Profa. Dra. Maria Inêdi Moraes Antunes – Slape: 1131483  
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Profa. Dra. Maria Francisca de Oliveira Santos – Slape: 211969  
Universidade Estadual de Alagoas (UNIAL)

Profa. Dra. Maria Hozanete Alves de Lima – Slape: 2226795  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

**SUBSTITUTOS**

Profa. Dra. Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante – Slape: 1349860  
Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Prof. Dr. Antônio Cicero de Araújo – Slape: 1220676  
Instituto Federal de Alagoas (IFAL)

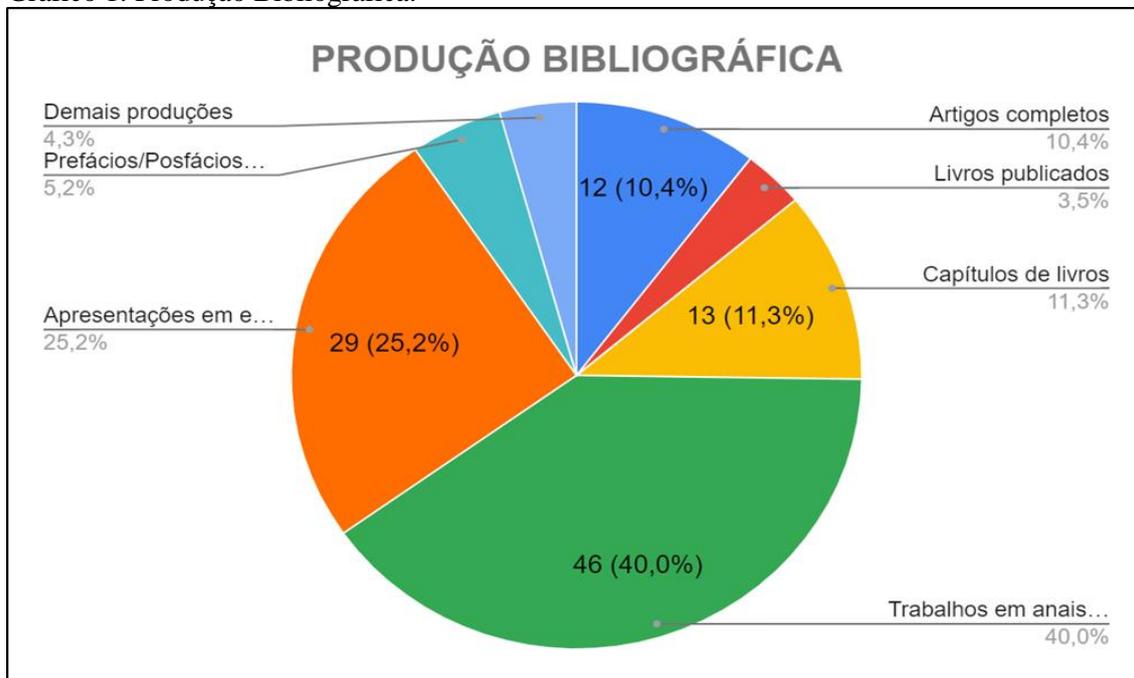
  
RITA DE CÁSSIA SOUTO MAIOR SIQUEIRA LIMA

Prof.<sup>a</sup> Rita Souto Maior  
Diretora Faculdade de Letras  
UFAL 30660

ANEXO III: Panorama Totais de Produção<sup>59</sup> - Currículo Lattes

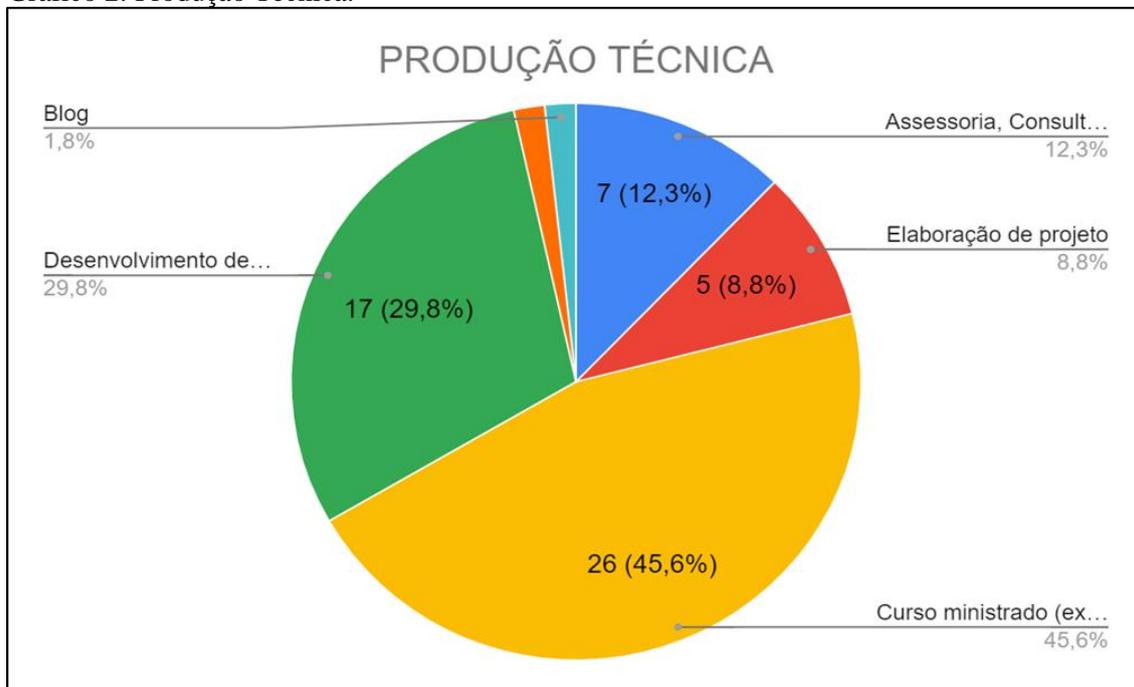
Currículo Lattes. Endereço para acessar: <http://lattes.cnpq.br/4061859895008214>

Gráfico 1: Produção Bibliográfica.



Fonte: Plataforma Lattes.

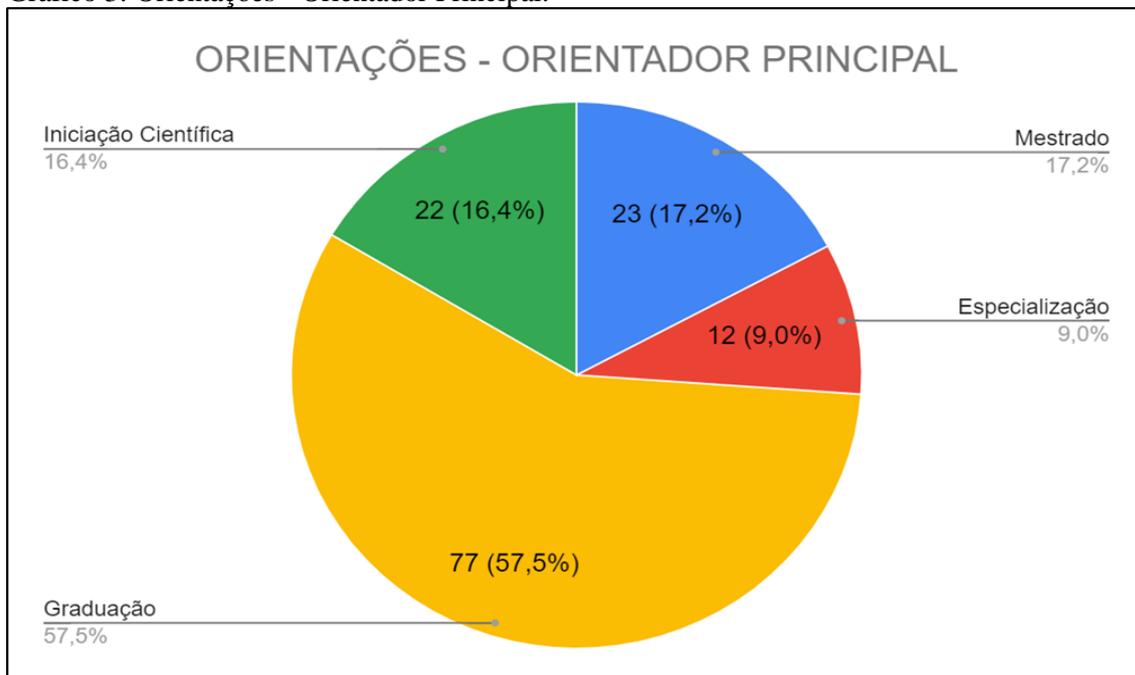
Gráfico 2: Produção Técnica.



Fonte: Plataforma Lattes.

<sup>59</sup> Gráficos gentilmente organizados pelo meu filho Adams de A. Lopes.

Gráfico 3: Orientações - Orientador Principal.



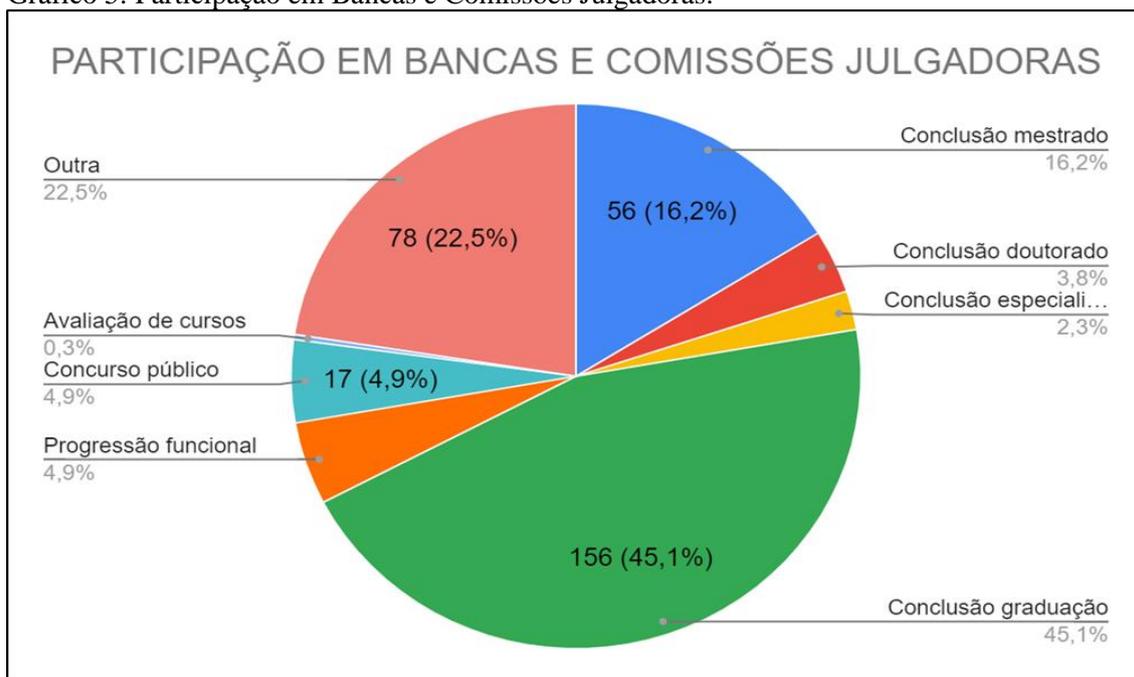
Fonte: Plataforma Lattes.

Gráfico 4: Participação em Eventos.



Fonte: Plataforma Lattes.

Gráfico 5: Participação em Bancas e Comissões Julgadoras.



Fonte: Plataforma Lattes.